

# Convergência

Outubro, Novembro e Dezembro • 2024 • ANO LIX



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc  
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap  
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos,imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic  
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm  
Ir. Edgar Nicodem, fsc  
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts  
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Sirlete Regina da Silva  
Revisão: Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

EDITORIAL .....	5
ARTIGOS.....	6
CRB – elementos de sua memória (Parte III).....	7
<i>frater Henrique Cristiano José Matos</i>	
O desafio da formação inicial. Itinerários formativos em tempo de mudança .....	43
<i>Ir. Edgar Genuino Nicodem, Ir. Gertrudes Salette Beal, Pe. Haroldo Evaristo Alves da Silva</i>	
Realidade juvenil.....	55
<i>Magno de Carvalho Xavier, Stepheson dos Passos Tavares</i>	
Animação vocacional.....	67
<i>Ir. Márcio Costa</i>	
Contribuições e desafios dos/as religiosos/as negros/as e dos povos indígenas nos 70 anos da CRB Nacional.....	77
<i>Ir. Carlos Alexandre Pereira Maraes, Ir. Vilma Nogueira, Ir. Joílson de Souza Toledo</i>	
Partilha de carimas.....	89
<i>Marlise Ritter, Ir. Sergio Luiz Silveira Dias</i>	
Igrejas e mineração: a VRC frente à mineração.....	101
<i>Pe. Dário Bossi</i>	
Artesões/ãs do cuidado: a VRC como lugar privilegiado para a cultura de prevenção e do cuidado.....	107
<i>Eliane F. R. Souza De Carli Frei Wanderley Gomes</i>	
Rede Um Grito Pela Vida: solidariedade e profecia .....	119
<i>Rede Um Grito Pela Vida</i>	

Vida comunitária e comunicação.....	129
<i>Ir. Rosa Martins</i>	
Ressignificação das relações para uma VRC sinodal .....	135
<i>Ir. Susana M. Rocca, Ir. Teresinha Mendonça</i>	
<i>Del' Acqua, Ir. Zirlaide Barreto Mendonça</i>	
Orientações para os/as colaboradores/as .....	145

De 30 de maio a 2 de junho passado, na cidade de Fortaleza, CE, celebramos o Congresso comemorativo aos 70 Anos da Conferência Nacional dos Religiosos e Religiosas do Brasil. Em torno de um milhar de homens e mulheres que consagraram suas vidas ao Senhor e Seu Reino, encontraram-se para partilhar, refletir, rezar juntos e juntas as sete décadas de vida desta instituição que, sinodalmente, congrega as instituições de Vida Religiosa Consagrada e as pessoas que delas fazem parte na certeza de que “o todo é maior que a soma das partes” e que juntos, movidos pelo Espírito, vamos mais longe e mais seguros no seguimento daquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Em torno às três palavras motivadoras – Memória, Profecia e Esperança – agradecemos a Deus tudo de bom que fez por nós nestes setenta anos, partilhamos e festejamos tantas maravilhas que Ele continua operando hoje através de nossas comunidades espalhadas por todo o Brasil e dos irmãos e irmãs que, em outros países e continentes, aspiram e espalham o perfume da Boa Nova entre ou-

tros povos e culturas e buscamos vislumbrar os caminhos que Ele nos convida a percorrer nos tempos que pela frente virão.

O evento do Congresso foi lindo e importante. Ao encontrar tantos irmãos e irmãs refizemos nossas forças e esperanças para continuar adiante. Se fosse apenas um evento, seria bom, mas não seria suficiente. Como nos lembra o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (n. 222-225), “o tempo é superior ao espaço” e o desafio, hoje, tanto na sociedade como na Igreja e na Vida Religiosa Consagrada, não é dominar espaços e buscar resultados imediatos. O que se faz necessário é “trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos” suportando, “com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade impõe”.

Dar prioridade aos espaços leva a “cristalizar os processos e pretender pará-los. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais com iniciar processos do que possuir espaços*. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma ca-

deia em constante crescimento, sem marcha atrás. Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes” (EG, n 223).

Dentre as várias atividades desenvolvidas durante o Congresso, as salas temáticas foram, sem dúvida, as que se destacaram por trabalhar na perspectiva de gerar processos. Reunindo em grupos menores os/as participantes— entre 40 e 50 em cada sala — elas possibilitam um mútuo conhecimento de religiosos e religiosas envolvidos em atividades comuns, a partilha do que cada um/a está fazendo em seu lugar específico, o aprofundamento das temáticas com o auxílio dos assessores e assessoras e, o mais importante, a busca de perspectivas de futuro para a presença profética e esperançadora da VRC nos novos tempos que nos desafiam a ressignificar nosso modo de ser e de evangelizar.

Depois do terceiro texto de *frater* Henrique (os outros dois foram publicados nas edições anteriores) que nos traz presente preciosos elementos da memória da VRC no pós Conferência Epis-

copal de Puebla, dedicamos todo este número da Revista Convergência às reflexões originadas nas oficinas que foram sistematizadas e transformadas em texto pelos dinamizadores e dinamizadoras de cada um dos espaços de partilha e reflexão.

Para que o sabor particular de cada sala temática chegue a cada um e cada uma de nossos leitores e leitoras, mantivemos nesta edição os textos tal quais chegaram até nós. Com isso, além do conteúdo, poderemos saborear também a forma particular de cada oficina.

Uma boa leitura e o desejo de que os ecos do Congresso dos 70 Anos continue ecoando pela VRC do Brasil para que o caminhar no tempo que nos desafia ajude-nos a transformar os espaços onde habitamos e testemunhamos Aquele que nos chamou e enviou.

*Frei Vanildo Luiz Zugno*  
OFM Cap

## CRB – ELEMENTOS DE SUA MEMÓRIA (PARTE III).

*frater* Henrique Cristiano José Matos, cmm<sup>1</sup>

**Resumo:** No ano de 2024, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) completa 70 anos de existência. O objetivo deste texto é fazer memória das origens e desenvolvimento desta instituição tão significativa para a vida dos consagrados e das consagradas no Brasil com imensa contribuição para a Igreja e a sociedade. Dando continuidade aos textos publicados anteriormente, o autor descreve, de forma narrativa, as principais mudanças na instituição resultantes do *aggiornamento* proposto pelo Concílio Vaticano II.

**Palavras-chave:** Conferência dos Religiosos do Brasil; Vida Religiosa Consagrada; Igreja.

### Anos decisivos para o futuro

Logo após o encerramento do Vaticano II, começa também para a CRB a ingente tarefa de colocar em prática o *aggiornamento* desejado pelo Concílio. Inicia-se então o difícil e desafiador período pós-conciliar.

### Proposta de uma nova revista: *Convergência*

Em meados de 1967 surgiu a proposta de uma nova revista da CRB. Lemos no n. 144 da “Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil”:

---

<sup>1</sup> Membro da Congregação dos Irmãos (*Frateres*) de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia. Graduado em História e Pedagogia. Mestre e Doutor em Teologia. Endereço para contato: fraterhenriquecmm@gmail.com

Queremos uma revista à altura dos tempos, bem situada na cultura brasileira, em consonância com as diretrizes do Vaticano II bem com os problemas e as aspirações dos religiosos e religiosas, de perto e de longe, que, em qualquer parte do País, de qualquer forma que seja, pelos seus votos, dão testemunho do Evangelho, vivo e operante, no presente século. Queremos fazer de nossa revista verdadeiro elo de união, uma mensagem atual, que periodicamente estreite entre si, cada vez mais, todos os membros da imensa família religiosa do Brasil.

Foi feita uma sondagem junto aos leitores sobre o nome a ser adotado, acompanhada de algumas sugestões: *Epifania, Convergência, Convivência, Renovação, Religiosos hoje...* A escolha final caiu sobre o título CONVERGÊNCIA.

No primeiro número da nova revista (janeiro-fevereiro de 1968), o Irmão Cristóvão Della Senta, fsc, explica no Editorial que o nome tem tudo a ver com a visão de Pierre Teilhard de Chardin, SJ (1881-1955). *Convergência*

é uma palavra rica de significação e carregada de simbolismo. Refere-se a um ponto central, união de esforços em vista de um objetivo comum, unidade na pluralidade, sintonização, harmonia, ecumenismo, (...) sob

o signo de *Convergência*, nossa revista deseja ser o ponto de encontro, o elo de ligação não só entre as diversas famílias religiosas, que dão na Igreja o testemunho da vida em comum, mas também entre todos os cristãos, leigos ou sacerdotes, que participam da mesma vida sobrenatural. (...) Promoverá a integração de todos na totalidade da Igreja, visando atingir a *comunhão* universal desejada pelo próprio Cristo.

A revista se apresenta como moderna, atraente, atualizada e variada, com temáticas diferenciadas, inclusive uma seção de “Artes e Técnicas”, particularmente referente a apreciações de produções cinematográficas.

### ***As três Assembleias de 1968: A Igreja no Brasil optando pela realidade***

Em julho de 1968 realizam-se, quase simultaneamente, as Assembleias gerais da CNBB, da CRB e da AEC. O momento histórico é bastante crítico.

Internacionalmente é marcado pelas Manifestações conhecidas como “Maio 68”, em Paris, violentos protestos de estudantes e operários que contestam a situação social e política na França. O mesmo ano registra a “Primavera de Praga”, uma frustrada tentativa de redemocratização do



socialismo na Tchecoslováquia, seguida por uma cruel repressão soviética. Nos Estados Unidos é assassinado Martin Luther King (nascido em 1929), o grande líder pelos direitos civis da população negra, Prêmio Nobel da Paz (em 1964).

No Brasil assistimos a um endurecimento do regime militar com a Ata Institucional, n. 5, que conferia ao Presidente da República poderes para fechar o Congresso, cassar mandatos, suspender direitos políticos e os *habeas corpus*, institucionalizando assim a repressão.

Na Igreja, a 25 de julho de 1968, Paulo VI publicou a Carta Encíclica *Humanae Vitae*, “sobre a regulação da natalidade”, reprovando a contracepção por meios artificiais. O documento provocou uma grande polêmica entre apoiadores e opositores, tanto em âmbito eclesial como entre o grande público em geral.

Em Medellín, na Colômbia, realizou-se de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968, a **II Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano**, com o tema: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. As “Conclusões de Medellín” teriam grande influência sobre as opções pastorais da Igreja no Brasil.

É nesse contexto, complicado e conturbado, que a **CNBB** realiza sua **IX Assembleia Geral**, de 15 a 20 de julho de 1968, à qual compareceram 175 dentre os 256 bispos ou prelados do país. Havia sido preparado um importante documento sobre a “Missão da Igreja na atual situação brasileira”, mas as circunstâncias políticas impediram que o tema fosse aprofundado como era previsto.

De 22 a 27 de julho do mesmo ano de 1968, com a presença de 387 Superiores Maiores (ou seus delegados), teve lugar, também no Rio de Janeiro, a **VIII AGO da CRB**. Além da eleição da nova diretoria estava na pauta “Estudar as diretrizes básicas para a renovação da VR no Brasil”. O texto-base foi aprovado, não como uma Declaração oficial e terminada, mas como um subsídio a ser estudado nas comunidades de religiosos e religiosas do país. Nesta mesma Assembleia foi eleito, como presidente da CRB-Nacional, o jesuíta Padre Marcello de Carvalho Azevedo (1927-2010).

A **VI Assembleia Geral da Associação de Educação Católica (AEC)**, de 18 a 20 de julho, ocorreu no Colégio de Sion (Laranjeiras), na cidade do Rio de Janeiro. Vieram 700 delegados de todos os Estados. É interessante notar que, na época, os colégios

católicos atendiam aproximadamente 50% do Ensino Médio no Brasil!

Lemos na reportagem:

Tanto a Conferência dos Bispos como a dos Religiosos insistiram na necessidade de buscar novos rumos para a educação e empreender um esforço crescente de aproximação do povo com maior atendimento aos pobres e marginalizados”. Entre as “Conclusões” encontramos a seguinte recomendação: “Cada estabelecimento preveja algum serviço social autêntico, condizente com as necessidades locais e capaz de marcar no aluno um traço profundo de abertura e de preocupação social.

Em todas as três Assembleias aparece com clareza uma indispensável “inserção apostólica no plano de desenvolvimento”, como também a necessidade de empreender “as reformas sociais que levam o povo marginalizado a uma efetiva participação no processo econômico e político”. O Documento dos Religiosos não deixa margem à dúvida sobre esse posicionamento.

Diz o texto, literalmente:

Numa perspectiva antropológica podemos conceituar o desenvolvimento nos seguintes termos: promoção dos valores do homem e do mundo com vistas à construção da comunidade hu-

mana. Nesse sentido, a produção de bens materiais refere-se sempre ao homem e à comunidade humana. Há que ajudar o povo a tomar consciência de si, a tornar-se senhor de si, de sua história pessoal e da história da Nação.

Lemos ainda no mesmo documento que a VRC sempre foi considerada

como uma consagração a Deus. Ontem, para consegui-la em plenitude, sublinhava-se a necessidade de separação do mundo. Hoje, uma das características marcantes é a presença do religioso no meio dos homens e dos valores terrestres. (...) A Vida Religiosa não se renova para si mesma, mas deve ser vista em referência constante ao mundo dos homens.

Todo esse empenho exige uma adequada “profissionalização do religioso e da religiosa” e se realiza com maior eficiência em “pequenas comunidades” inseridas na realidade do povo:

Viver com o povo, sentir e comungar suas angústias e aspirações, promovendo-o para que se arranque da estagnação, é exigência fundamental de uma pastoral eficiente”. Assim, “**a Vida Religiosa**, permanecendo como imitação do *modus vivendi* assumido por Cristo, é igualmente obediência a uma missão especial. **É essencial-**

**mente missionária.** Por isso, os próprios votos e a convivência comunitária têm razão de ser enquanto estão em função da missão religiosa no mundo. Daí toda a dinâmica da inserção do religioso e de sua participação no desenvolvimento.

As longas citações do Documento, “destinado ao Estudo e Reflexão” por parte dos religiosos, foram indispensáveis para se entender a celeuma que o texto e sua interpretação provocaram, ainda reforçado pela “Declaração”, em forma de “Compromisso”, dos Superiores Gerais, no término da VIII AGO, de 1968.

Citamos deste último documento os números 13 e 14:

Os religiosos comungando com as mais profundas aspirações dos povos por uma sociedade baseada na justiça e na fraternidade, participem, com discernimento e coragem, dos movimentos de conscientização do povo e da pressão moral no sentido das transformações sociais baseadas na justiça e na fraternidade. – A fim de não favorecermos com nosso apoio situações injustas, estruturas e pessoas, propomos fazer uma revisão de nossas relações com aqueles que detêm o poder político e econômico, rejeitando compromissos que nos advenham dos privilégios e ajudas que buscamos e recebemos.

## **Mudanças significativas nas opções da CRB**

Os anos finais da década de 60 e início de 70 trazem profundas mudanças para a VR no Brasil. Irmã Maria Carmelita de Freitas, FI (1933-2008), fala – a partir de sua própria experiência – de um duplo movimento que se tornou “inevitavelmente tensional”:

*Por um lado*, a descoberta da Igreja local com a conseqüente participação dos Religiosos na vida e missão da Igreja, e a descoberta do mundo moderno com todas as conseqüências que se seguiram, desencadearam um processo de abertura, de superação de antigas barreiras, de agilização e flexibilização de estruturas, inédito na vida religiosa. Em poucos anos introduziram-se mudanças num modo de viver que tinha resistido, durante séculos, aos embates dos acontecimentos. Proliferaram as experiências de vários tipos, e se multiplicaram as iniciativas de caráter renovador.

*Por outro lado*, a novidade do processo, o ritmo acelerado das mudanças, a complexidade dos desafios, provocaram não poucas resistências, manifestadas em apego às formas tradicionais, rejeição do novo, *conflito de gerações*, oposição sistemática às mudanças, e fizeram surgir uma série de impasses. No interior das Congregações, o entre-choque das mentalidades, os

diferentes ritmos na assimilação do Vaticano II, as diferentes concepções de Vida Religiosa, a desigual captação das transformações em curso, geraram tensões muitas vezes profundas e dolorosas.

A CRB que se propusera ajudar as Congregações nesta caminhada, e criar condições para que a renovação da vida religiosa pudesse efetuar-se no Brasil, teve também que pagar o preço da sua posição pioneira”.

### ***Denúncias sobre “Aspectos alarmantes da VR no Brasil”***

Em julho de 1969, um ano depois da posse da nova diretoria da CRB, chegou, por via indireta, às mãos do presidente um “Informe”, que fora enviado à Sagrada Congregação para os Religiosos, em Roma (Prot. N. AG 2585/68), assinado por D. G. Nardin, com data de 4 de janeiro de 1969. Continha graves acusações contra a CRB, apontando “Alguns erros mais difundidos”. São citados os nomes de várias pessoas, supostamente envolvidas nesses desvios. No fundo, é dito que “a CRB está fazendo um grande mal aos Religiosos no Brasil”.

Uma das propostas de saneamento seria uma necessária separação da Conferência entre a parte masculina e a parte feminina, e isso mais especificamente “por

respeito para a personalidade das religiosas, para o justo reconhecimento de sua maturidade e para evitar o dano que é causado a muitas delas pela influência negativa de muitos religiosos”.

Em correspondência oficial ao Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, Cardeal Ildebrando Antoniutti (1898-1974), Padre Marcello fez as seguintes ponderações:

A Diretoria Nacional da CRB não poderia deixar de se sentir profundamente contristada e ofendida, ao ser notificada indiretamente e quase por acaso de acusações graves movidas a esta Sagrada Congregação por um número reduzido de pessoas contra a CRB e que, no entanto, parece terem encontrado eco a ponto de sobre elas ser elaborado o presente documento. (...) Não deixa de ser estranho também que o documento, apresentando as acusações e deficiências, cale totalmente todo o trabalho imenso e positivo que realizou e realiza a CRB e sobre o qual centenas de Superiores Maiores no Brasil poderiam dar informações e testemunho, se desejasse esta Congregação completar seu documentário. A CRB não pretende senão servir à Igreja e ajudar aos Religiosos do Brasil a encontrarem o caminho difícil numa sociedade e num mundo que os encontra despreparados para suas grandes e rápidas transformações.

Segue uma extensa “Resposta ao texto da Informação” da qual extraímos a seguinte passagem:

A CRB conhece muito bem os principais informantes, sobretudo os dois religiosos do Brasil, mais citados. Sabia de sua oposição sistemática aos trabalhos da CRB e que extravasavam sua insatisfação pessoal por todos os meios ao seu alcance. Sabendo igualmente a CRB que a esmagadora maioria das religiosas e religiosos não aprovavam semelhantes atitudes, não deu às críticas destes religiosos maior importância. Foi grande a nossa surpresa quando soubemos que estas mesmas pessoas tinham feito chegar suas mágoas contra a CRB até junto a Sagrada Congregação dos Religiosos, falsificando e deturpando profundamente os fatos, e investindo contra o alto conceito de que goza a CRB em todo o Brasil, como entidade de promoção da vida religiosa.

Em relação à acusação de a CRB promover de forma equivocada o “desenvolvimento humano e social”, é recordado que

entre as moções aprovadas pela VIII Assembleia Geral de julho de 1968, há uma que fala de modo particular do desenvolvimento. Conhecendo-se o que significa um país do terceiro mundo, um país que faz todos os esforços para que o homem seja mais homem, para que haja mais justiça, fraternidade

e amor, e, por conseguinte, mais condições para o Evangelho poder germinar, não é possível, em semelhante situação, que os religiosos se alienem, e fiquem como classe importada ou privilegiada. Eles precisam, de uma ou outra forma, participar da vida de seus irmãos, para que estes deixem sempre mais de ser filhos do mundo e se tornem filhos do Pai. É por isso que desenvolvimento para os religiosos do Brasil é também sinônimo de promoção da educação, da saúde, de serviço social, de erradicação de favelas, de evangelização. A isso tudo a CRB dá apoio, visto que a maior parte dos santos fundadores, guiados pelo Espírito Santo, instituíram congregações e famílias religiosas para atenderem às exigências fundamentais das sociedades subdesenvolvidas: educação, saúde, assistência social e evangelização.

Quanto à separação da Conferência dos Religiosos, a Diretoria comenta:

A CRB tem uma posição unânime, firmada na experiência, de que o melhor modo de se promover uma autêntica renovação e promoção de vida religiosa, é precisamente a integração das religiosas e dos religiosos numa única Conferência. Este trabalho integrado numa única CRB, sempre foi bem visto tanto pelos Superiores dos religiosos e das religiosas, quanto pelos senhores Bispos.

## A “crise providencial” de 1970

Mal acalmou uma tempestade ou outra já estava se aproximando. Em outubro de 1970, a CRB foi confrontada com o mais grave desafio de sua história. Veio à tona algo que estava se arrastando há anos: um desequilíbrio entre a “finalidade” e os “meios”, resultando numa incomum crise de ordem administrativa e financeira. Quase levou a Conferência à falência. Em “Carta aos Senhores Bispos e Prelados, Sacerdotes e Párocos, credores da CRB”, de 18-1-1970, o presidente, Padre Marcello de Carvalho Azevedo, descreveu brevemente a evidenciação de uma crise que abalou os alicerces da Instituição:

A 3 de outubro de 1970, a Diretoria da CRB descobriu o caos administrativo e contábil, financeiro e econômico, a que foi levada a Conferência pela má gestão de propositos seus, à revelia da Diretoria Nacional e com positiva deformação das informações que lhe eram devidas. Todo o processo de destruição se desenrolou rapidamente, em pouco mais de 3 meses, julho, agosto e setembro de 1970.

Em outra correspondência aos mesmos destinatários, datada de 18-12-1970, são citadas, em detalhes, as causas da crise, tendo o “setor de Serviços” da CRB, mal

gerenciado e manipulado, como fonte principal.

Junto com assessores qualificados, a Diretoria Nacional passou todo o mês de outubro de 1970, em reunião permanente. Tomaram-se as providências necessárias e cabíveis para contornar a difícil situação, que teria consequências desastrosas caso não se chegasse a uma solução. Uma das medidas foi passar às Diretorias Regionais da CRB, aos Superiores e Superiores Maiores e, por extensão a todos os religiosos e religiosas, uma ampla e detalhada informação sobre o que de fato aconteceu.

A IX AGO, de 24 a 31 de julho de 1971, teve oficialmente como tema: “Aspectos da Teologia da Vida Religiosa”, mas, na realidade, as pendentes questões administrativas e financeiras absorveram praticamente as atenções dos participantes: 365 vogais, 22 observadores, 14 secretários executivos regionais, o executivo nacional, convidados e conferencistas, um total de 426 pessoas. De notável significado foi a alocução de abertura do Presidente, Padre Marcello Azevedo, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à linguagem. Citamos os seguintes trechos:



A CRB, como é do conhecimento de todos, atravessou nestes últimos dez meses, uma crise extremamente grave, que a abalou de modo convulsivo, na sua área de sustentação econômico-financeira. (...) O que convém ter presente é o fato de que uma derrocada econômica da CRB teria arrastado consigo, pelo menos por um considerável lapso de tempo, a Conferência no seu todo e, portanto, também na área de suas finalidades específicas de promoção, animação e coordenação da vida religiosa; teria, não menos, atingido a imagem mesma dos Religiosos, de suas Congregações, e de suas obras; teria afetado de algum modo a Igreja no Brasil. (...) Em momento algum pensamos em recuar, em pedir demissão, em aceitar um posto de trabalho no exterior ou em qualquer outra forma discreta e elegante de nos furtarmos à luta. (...) Em todos estes meses, atravessamos momentos terríveis, de incertezas, de angústia, de perplexidade e desalento em meio a uma humilhação sem nome diante dos bancos, dos fornecedores, das organizações internacionais, de vários organismos da Igreja em Roma e no Brasil e diante dos próprios Religiosos. (...) Sem pedir a Deus prazos para o termo de nossa prova e sem pretender apressar a libertação pela qual aspirávamos, educamo-nos em aceitar o ritmo de Deus num constante fluxo e refluxo de situações, de frustrações e de impasses. Nossa convicção era a de

que, se nós prezávamos a CRB a ponto de aguentar tudo isto por ela e pelo que ela representa para a Vida Religiosa no Brasil, era importante deixar que Deus manifestasse sobre ela o seu próprio juízo de valor. (...) Devo dizer que, contrariamente ao que se poderia prever, a área religiosa de atuação da CRB não só não foi prejudicada, mas, pelo contrário, registrou notável incremento em nível nacional e em quase todas as Regionais, como podem testificar os que estiveram próximos de nós nestes meses e como ficará amplamente documentado no curso dos trabalhos desta Assembleia.

Chama nossa atenção o penúltimo parágrafo da Alocução. Aqui Padre Marcello ultrapassa o simples relato e atinge a derradeira motivação interior de todo o trabalho de recuperar a credibilidade da CRB. A pergunta de fundo que coloca é: O que Deus nos quer dizer com esses acontecimentos, aparentemente dramáticos e sem grandes perspectivas de solução? Como o Senhor manifesta aqui sua vontade? Há em nós a disponibilidade e a paciência de trilhar os seus caminhos, indubitavelmente diferentes dos nossos? Impressiona-nos a profundidade espiritual dessa atitude de fé e de incondicional entrega à vontade divina, digna de um religioso que está à frente da Conferência dos Religiosos do Brasil, em circuns-

tâncias aparentemente tão controversas!

Relatando a IX Assembleia Geral, o Frei Constâncio Nogara OFM (1934-2002), o então secretário-executivo da CBR, pôde afirmar: “Houve uma convergência impressionante em alguns valores evangélicos básicos, e em torno deles o testemunho de coesão, de busca, de unidade realmente não comuns”. E terminou sua exposição dizendo:

Após a leitura do relatório trienal das atividades da CRB, houve uma exclamação de admiração. E daí o impacto: tudo isto estaria ameaçado pela destruição, se não fosse solucionada a crise financeira. Era o primeiro passo. A quase totalidade se comprometeu materialmente a ajudar a CRB, numa consciência nítida que os valores evangélicos importam mais que os bens terrenos, que estes devem servir àqueles. Sem o testemunho do que a CRB fizera pela vida religiosa, não teria havido a solidariedade que se demonstrou.

Na IX AGO, o Padre Marcello de Carvalho de Azevedo foi reeleito como presidente da CRB-Nacional, com 96,94% dos votos. A Assembleia também optou claramente por uma solução extrajudicial da crise econômica e pela constituição de um “Fundo de Manutenção”, oficialmente criado

em 3 de dezembro de 1971, sob a denominação “ELO – Cooperação e Integração”.

Os participantes igualmente se comprometeram a suspender, desde já e em definitivo, toda e qualquer atividade comercial da CRB, quer direta quer indiretamente. Logo que fosse juridicamente possível, deveriam ser extinguidas as empresas criadas no passado, mediante o cancelamento dos respectivos registros junto aos competentes órgãos públicos, ou, se eventualmente viesse a ser viável, alienar o controle acionário delas.

Em testemunho posterior, a distância dos anos, o Padre Marcello pôde afirmar: os sete anos de superação da crise e reestruturação serviram para a CRB reencontrar sua genuína identidade, “aumentando, ao mesmo tempo de modo substancial o volume de seus projetos e promoções na área específica da Vida Religiosa”.

### ***Religiosos a serem lembrados na crise***

A Memória Histórica da CRB não consta principalmente de fatos secos, de ideias ou realizações, mas, antes de tudo, do ser e agir de pessoas concretas. Será sempre difícil selecionar umas e deixar na sombra outras. A Con-



ferência, desde suas origens, funciona como um colegiado, uma equipe de pessoas a serviço de toda a Instituição. No entanto, é verdade que alguns religiosos merecem um destaque, sendo como uma “amostra grátis” de todo um conjunto de colaboradores. Referente aos “anos da grande crise” pensamos que dois religiosos, que já passaram para a outra vida, não podem cair no esquecimento.

Referimo-nos, em primeiro lugar ao **Padre Marcello de Carvalho Azevedo, SJ** (1927-2010). Foi indiscutivelmente a figura chave na catarse dos anos 70. Quando foi eleito pela primeira vez, em 1968, tinha 41 anos de idade. Fizera o seu magistério como professor no Colégio Pio-Brasileiro, em Roma, e, simultaneamente, cursou Mestrado em Filosofia na Universidade Gregoriana. Depois frequentou estudos de Teologia na Alemanha (Frankfurt am Main), sendo ordenado sacerdote em 1957. O Mestrado em Teologia concluiu em Roma, novamente na Gregoriana. De 1963 a 1971 foi superior provincial dos Jesuítas (Vice-província Goiano-Mineira), para, em 1968, na VIII AGO, ser eleito presidente da CRB-Nacional, com maioria absoluta de votos. A nova Diretoria constava de três Vice-presidentes (dois homens e uma mulher), um Secretário, Padre Décio

Batista Teixeira, SDB (que, nove anos depois seria o sucessor do Padre Marcello na presidência), um Tesoureiro, e cinco Conselheiros (dois homens e três mulheres). Em vida Padre Marcello era um apreciado teólogo e antropólogo. Esteve à frente da CRB durante três períodos consecutivos (1968-1977). Foi criador e primeiro diretor do CIAS-IBRADES (Centro de Investigação e Ação Social). Conheci-o pessoalmente em 1971, no auge da crise, quando, ainda bem jovem, entrei como membro da Diretoria Nacional. De perto pude experimentar sua inteligência privilegiada e extrema capacidade de trabalho, desenvolvido de forma metódica e exigente. Parecia que não conhecia limites, exigindo muito dos colaboradores, mas, sobretudo, de si mesmo. Percebíamos facilmente que Marcello era, naquele momento, *The right man in the right place!* Agia com conhecimento de causa e de forma decidida, não deixando decisões indispensáveis para depois. Ao mesmo tempo experimentávamos a profundidade de sua motivação religiosa e as verdadeiras razões de sua ilimitada dedicação: o Evangelho, a Igreja, e a VR que amava intensamente e em que acreditava firmemente. Como pessoa humana era um autêntico *gentleman*, sempre educado e fino no trato, sem se impor.

Dotada de notável sensibilidade, mostrava grande respeito pelo ser diferente do outro, sendo simples e direto no trato. Enfim, um religioso autêntico que era reconhecido e admirado como tal.

Outro religioso que não queremos olvidar é o franciscano, **Frei Constâncio Nogara** (1934-2002), indiscutivelmente a mão direita do presidente da CRB naqueles anos turbulentos. Iniciou o cargo de Secretário executivo da Conferência em agosto de 1969, função que ocupou até meados de 1975. Mostrou-se um brilhante intelectual, com grande capacidade de trabalho. Dedicou-se de corpo e alma à recuperação e reorientação da CRB. Entrara na Ordem dos Franciscanos em 1956, sendo ordenado presbítero em 1962. De 1964 a meados de 1966 fez estudos de especialização em Roma e Bruxelas: Teologia Pastoral na Universidade do Latrão (Mestrado e Doutorado) e Evangelização no Centro *Lumen Vitae*, na Capital da Bélgica. Após ter deixado o cargo de Secretário da CRB Nacional, dedicou-se inteiramente a várias obras de Ensino Superior, dentro e fora da Ordem, entre outras à ABESC (Associação Brasileira das Escolas Superiores Católicas). Faleceu, após prolongada e extremamente dolorosa enfermidade, com a idade de 69 anos. Na CRB tinha sido

o grande promotor da renovação da pós-conciliar, assumindo obras de peso. Foi, em 1975, o primeiro responsável pelo CETESP (Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade).

Numa entrevista por ocasião dos 25 anos da CRB, em 1979, quando foi perguntado sobre o que significou para ele o tempo que passou na CRB Nacional, Frei Constâncio respondeu:

Com simplicidade direi: sob o aspecto profissional foi um excelente modo de conhecer o Brasil, seu povo, bispos, padres, religiosas, religiosos. Foram centenas de Congregações, milhares de religiosos que contatei. Subjetivamente, qual foi a minha reação? Dei o melhor de mim mesmo, com dedicação e amor. Procurei servir, dentro da situação em que a CRB se encontrava, de pobreza e disponibilidade. Por outro lado, o exemplo extraordinário de vidas santas, espalhadas por todas as regiões, deram-me sempre alento para fazer algo mais, por pouco que fosse.

### ***Balanço final de uma catarse***

Concluindo: Muitos anos depois de ter terminada seu trabalho à frente da CRB-Nacional, o Padre Marcello de Carvalho Azevedo apresentou uma espécie de “retrospectiva da crise” da década de 70, que ele chama de “providencial”, escrevendo:

O desdobramento da crise financeira, por sete anos consecutivos, “levaria ao sacrifício de todo o patrimônio imobiliário e mobiliário da CRB e ao encerramento de suas atividades na área não especificamente religiosa, excetuando apenas a procuradoria. Somente uma ação lenta e paciente, conduzida com perseverança e dedicação integral por uma equipe que literalmente se imolou pela CRB e foi solidamente apoiada por muitas províncias, comunidades e pessoas de institutos religiosos um pouco por todo o Brasil, permitiu sanear radicalmente todos os ângulos da crise, restabelecer a credibilidade da CRB no Brasil e fora dele, na Igreja e fora dela, e relançá-la inteiramente nova e orientada totalmente para a nova missão.

E ainda acrescentou:

Este período, conhecido na Conferência simplesmente como *a crise*, foi, paradoxalmente, o acontecimento central da história da CRB. Constituiu-se, sem sombra de dúvida, na mais profunda experiência espiritual que a CRB viveu em cada um de seus membros e sobretudo em cada um daqueles que a dirigiam e serviam diretamente. Foi um válido e palpável dom do Espírito, neste período marcado por uma profunda pobreza espiritual e material, por uma radical humilhação e desconfiança e, conseqüentemente, pelo esvaziamento de toda e qualquer

modalidade de prestígio e de poder, sob qualquer aspecto, na Igreja ou fora dela.

A crise trouxe como consequência imediata uma rigorosa reorganização administrativa da Conferência. Foram criados métodos objetivos de trabalho, numa ação realista de planejamento, avaliação e coordenação;

O fator pedagógico – observa ainda o Padre Marcello – estava precisamente na superação de certas formas de alienação, muito frequentes entre religiosos, que se acantonam em dicotomias e pretendem viver na dura realidade do mundo à sombra de privilégios e favores que os eximem do alto preço de sacrifício que pagam todos os homens que só podem viver de seu trabalho.

## **VRC: em busca de uma renovada identidade (1971-1977)**

### ***O impacto de Medellín (1968)***

Os anos 70 marcam uma crise na Igreja pós-conciliar que atingiu em cheio a Vida Religiosa Consagrada. Sinais evidentes deste período turbulento são, de um lado, as numerosas saídas e, de outro, as poucas entradas nos Institutos. No fundo, trata-se de

uma **crise de identidade** que se sintetiza na seguinte interrogação: “Quem somos nós, religiosos e religiosas, na Igreja e na sociedade, hoje?” Naqueles anos muitos sinais externos da consagração desapareceram ou perderam seu sentido. Paulatinamente o invólucro sacral da VR é colocado em questionamento e os consagrados buscam uma vida mais em sintonia com o comum dos homens. A questão que se impunha ia diretamente às raízes do ser-religioso. Cresce a convicção de a VRC ser chamada a manifestar mais claramente — através de seu próprio ser — o Absoluto de Deus numa perspectiva escatológica, mas igualmente de ser convocada a exercer sua missão profética na realidade brasileira, marcada por profunda dissimetria social. No contexto crítico dos “anos de chumbo” que caracterizavam o endurecimento do regime militar, a CRB levou adiante uma fundamentada reflexão sobre a presença dos religiosos e das religiosas na realidade de exclusão e exploração. Inevitavelmente surgia a pergunta: de que lado nós, consagrados, nos encontramos? Que interesses defendemos?

O **Concílio Vaticano II** (1962-1965) refletiu em profundidade sobre o mistério da Igreja e sua missão no mundo, lançando assim os grandes princípios

orientadores da renovação do corpo eclesial. A Igreja se apresenta como anunciadora do Evangelho e lugar onde se partilha, se celebra e se estimula a experiência de fé e o seguimento de Jesus, tendo em vista a construção do Reino, a começar na nossa condição terrena. O Vaticano II se autoqualifica como *pastoral* e encontra na evangelização sua contribuição específica para o mundo. Isso implica uma constante conversão, saindo de si mesmo e deixando-se interpelar pelo seu Senhor, através dos *sinais dos tempos*. Redefinindo-se como *Povo de Deus*, a serviço da Humanidade, procura superar a exclusividade de uma estrutura verticalista, monárquica e acentuadamente clerical. Há abertura para uma estrutura mais “circular”, mais comunitária, na qual o “simples fiel” é visto e aceito como sujeito ativo no processo da evangelização.

De 26 de agosto a 8 de setembro de **1968**, teve lugar em **Medellín**, na Colômbia, a II Conferência Geral do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano, organismo fundado em 1955, por iniciativa da Santa Sé). A intenção confessada era aplicar a perspectiva conciliar à situação real da AL, Continente marcado pela dependência e opressão, no qual ressoa fortemente “o clamor dos pobres” (Ex 3,7). A originalidade

de de Medellín é precisamente o fato de ter podido pensar a Igreja *a partir* da situação sociopolítica e econômico-cultural da AL, captando a dor e as esperanças da população, colocando-se a serviço de sua libertação integral. Temos aqui uma autêntica “virada histórica”: através de seus líderes episcopais, é feita uma opção por aqueles que se encontram em condições subumanas e na marginalidade da sociedade.

Como os religiosos aparecem nesse contexto? Quando abrimos o Documento que contém as *Conclusões de Medellín*, encontramos o seguinte texto:

No decorrer da História da Igreja, a VR teve sempre, e agora com maior razão, uma missão profética, a ser um testemunho da escatologia. (...) Se é verdade que o religioso se coloca a certa distância das realidades do mundo presente, não o faz por desprezo pelo mundo, mas pelo propósito de lembrar seu caráter transitório e relativo. (...) As mudanças provocadas no mundo latino-americano pelo processo de desenvolvimento, e, por outro lado, os planos de pastoral de conjunto, através dos quais a Igreja da América Latina quer encarnar-se em nossas concretas realidades de hoje, exigem uma revisão séria e metódica da VR e da estrutura da sociedade. É esta uma condição indispensável para que os religiosos sejam

um sinal inteligível e eficaz dentro do mundo atual. (...) O religioso deve ter uma perfeita disponibilidade para seguir o ritmo da Igreja e do mundo atual, dentro dos limites que lhe indica a obediência religiosa. Deve adaptar-se às condições culturais, sociais e econômicas, embora isso suponha a reforma de costumes e constituições ou a supressão de obras que hoje já perderam sua eficácia. Os costumes, os horários, a disciplina, devem facilitar as tarefas apostólicas. (...) A situação atual não pode deixar inativos os religiosos. Embora não tenham que intervir no sentido de dirigir o temporal, têm que trabalhar diretamente com as pessoas em um duplo sentido: no de fazê-las viver sua dignidade fundamental humana e no de servi-las em vista dos bens da Redenção. Consideramos que a colaboração do religioso no desenvolvimento integral é algo vital e inerente à sua própria vocação (Parte III, sobre “A Igreja visível e suas estruturas”, n. 12).

### ***A contribuição da CLAR***

Na busca de uma nova identidade do religioso no contexto latino-americano, o papel da CLAR (Confederação Latino-Americana de Religiosos, fundada em 1959) tem sido de particular importância. Em 1973, a CLAR publica o opúsculo: ***Vida no e segundo o Espírito nas comunidades re-***

### ***ligiosas da América Latina.***

Temos em mãos uma bela e significativa abordagem da VR pós-conciliar no novo contexto da AL. Na apresentação, o presidente da CLAR, Pe. Carlos Palmés, SJ (1927-2023), explica:

Foram necessárias 860 páginas para recolher as observações e contribuições dos religiosos da AL ao Documento de Trabalho sobre a *Vida segundo o Espírito*. Tal fato é a expressão do extraordinário interesse suscitado por um tema que trata diretamente da espiritualidade própria do religioso latino-americano e manifesta uma ânsia profunda de viver o que constitui a própria essência de sua vocação, [Que essa publicação] possa ajudar-nos mutuamente a viver com mais autenticidade e intensidade nossa consagração. (...) Devemos partir de uma profunda experiência de Deus, que nos faça recuperar a alegria e a vitalidade primaveril vivida pelos nossos fundadores. (...) É a experiência vital que nos fará encontrar nossa identidade mais profunda e o sentido de nossa missão na Igreja e, ao mesmo tempo, nos fará sentir a alegria serena e transparente das bem-aventuranças.

O texto foi imediatamente traduzido para o português e a CRB o divulgou amplamente. Referente à “Missão da VR no Continente”, lemos no Capítulo V:

Os religiosos, impelidos pela sua própria fé, deverão compromete-

ter-se com a História de nosso Continente que, não obstante ser complexa e ambígua, é a História de Deus com os homens. (...). De modo particular, a libertação parece urgente, porquanto nosso Continente está tomando consciência de sua identidade e de sua injusta dependência política, econômica, cultural e religiosa. Portanto, o anúncio evangélico deverá levar uma mensagem de esperança e de libertação... [Que o religioso latino-americano se torne] livre para servir a todos e ter possibilidade de denunciar as estruturas de poder que manipulam o homem. Solidarizar-se com o pobre e o marginalizado, procurando pensar com suas categorias e chegar a ser voz que acuse a opressão e sinal que proclame o provisório da realidade terrestre.

É enfatizada a concepção da Vida Religiosa como PRESENÇA PROFÉTICA e uma MISSÃO que impelem a viver, pessoal e comunitariamente, o mesmo comportamento de Cristo para ANUNCIAR e para DENUNCIAR. Esta presença profética implica inserção na história concreta, no sentido de se viver e testemunhar a dimensão transcendente onde desemboca a esperança no Senhor, já presente nas realidades terrestres.

Dez anos mais tarde, por ocasião do Jubileu de Prata da CLAR (1983), o então presidente da Con-



federação, Padre Mateo Perdia, CP, dizia: “O valor da publicação *Vida segundo o Espírito* é duplo: pelo processo mediante o qual foi elaborado seu conteúdo e pelo conteúdo em si. Quanto ao primeiro, representa a fase final de três anos de reflexão continental intercongregacional nas Comunidades religiosas. Daí em diante, a reflexão intercongregacional, com a colaboração de teólogos, de forma mais ou menos organizada, acompanha constantemente a praxe dos religiosos na AL. Quanto ao conteúdo, a autocompreensão dos religiosos de sua própria identidade revela uma integração dinâmica dos dois aspectos que, com frequência, se apresentam em estado de tensão mútua: a pertença a Deus e a presença no mundo. A Consagração a Deus pela profissão religiosa foi entendida como uma reserva para Deus e ao mesmo tempo como missão”.

### ***Um forte impulso pontifício***

Em outubro de 1974 realizou-se, em Roma, o terceiro Sínodo dos Bispos tendo como tema central: “A evangelização no mundo de hoje”. A pedido dos padres sinodais, Paulo VI publicou, no término do Ano Santo de 1975, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* [EN], 8 de dezembro de 1975. Trata-se de um docu-

mento de singular importância. O Papa “procura tocar, ainda que rapidamente, em todos os principais temas sobre a Evangelização com o senso de equilíbrio e moderação de Pastor Supremo” (J. B. Libanio, SJ).

A Exortação recebeu uma calorosa recepção na Igreja. Em nome da Diretoria Nacional da CRB, o Presidente fez um insistente apelo aos religiosos para lerem o texto e refletirem sobre seu conteúdo, tendo em vista a renovação da própria VR. Um dos membros da Diretoria foi encarregado de elaborar um esquema expositivo para ajudar na assimilação da EN.

Na Introdução do Documento, Paulo VI recorda que o tema da Evangelização é de absoluta prioridade na vida e missão da Igreja. Escreve:

A apresentação da mensagem evangélica não é para a Igreja uma contribuição facultativa: é um dever que lhe incumbe, por mandato do Senhor Jesus, a fim de que os homens possam acreditar e ser salvos. Sim, esta mensagem é necessária; ela é única e não poderia ser substituída. Assim, ela não admite indiferença, nem sincretismo, nem acomodação. É a salvação dos homens que está em causa; é a beleza da Revelação que ela representa; depois, ela comporta uma sabedoria que

não é deste mundo. Ela é capaz, por si mesma, de suscitar a fé, uma fé que se apoia na potência de Deus. Enfim, ela é a Verdade. Por isso, bem merece que o apóstolo lhe consagre todo o seu tempo, todas as suas energias e lhe sacrifique, se for necessário, a sua própria vida.

Em sete pequenos Capítulos, o Pontífice desenvolve a temática. Chegando ao Capítulo VI (“Os obreiros da Evangelização”) se dirige mais diretamente aos Religiosos e às Religiosas, afirmando que não resta dúvida que eles

têm na sua vida consagrada um meio privilegiado de evangelização eficaz. Pelo mais profundo de seu ser, situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças. Eles são, enfim, pela sua mesma vida, sinal de uma total disponibilidade para Deus, para a Igreja e para os irmãos. E em tudo isto, portanto, têm os religiosos uma importância especial no quadro do testemunho que é primordial na evangelização. (...) Fácil se torna adivinhar o papel desempenhado na evangelização pelos religiosos e pelas religiosas consagrados à oração, ao silêncio, à penitência e ao sacrifício. Outros religiosos, em grande número, dedicam-se diretamente

ao anúncio de Cristo. A sua ação missionária dependerá, evidentemente, da Hierarquia e deve ser coordenada com a pastoral que a mesma Hierarquia deseja pôr em prática. Mas, quem é que não avalia a imensa quota-parte com que eles têm contribuído e continuam a contribuir para a evangelização? Graças à sua consagração religiosa, eles são por excelência voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até às extremidades da terra. Eles são empreendedores, e o seu apostolado é muitas vezes marcado por uma originalidade e por uma feição própria, que lhes granjeiam forçosamente admiração. Depois eles são generosos, encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão e a arrotar com os maiores perigos para a própria saúde e para a própria vida. Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito! (n. 69).

### ***Comunidades inseridas em meios populares***

Na década de 70 assistimos a um intenso movimento de “pequenas comunidades” de religiosos (maiormente de religiosas!), no meio do povo simples, nas periferias das grandes cidades ou em áreas rurais de quase total abandono. Trata-se de comunidades mais diretamente inseridas na Pastoral Orgânica de uma determinada Diocese ou Prelazia.



Seus integrantes assumem, via de regra, serviços pastorais concretos, tais como “a responsabilidade de paróquia (já conhecemos o caso de Nísia Floresta, no RN, anos antes), a animação pastoral diocesana nas suas linhas básicas de evangelização e catequese, promoção humana e animação de Comunidades Eclesiais de Base, liturgia e promoção vocacional” (Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU, autora de vários artigos sobre essa matéria, escrito a partir de experiências concretas e publicadas na revista *Convergência*).

A CRB acompanhou de perto o movimento da “inserção”, mediante pesquisas, encontros de reflexão, de aprofundamento e seminários específicos. Refletindo sobre esse novo fenômeno que atingia sobretudo a VRC feminina, Padre Álvaro Barreiro, SJ (1936-2016), dizia em suas “Anotações de um Encontro”:

As Pequenas Comunidades de Irmãs que foram chamadas pelo Bispo ou se ofereceram a ele para prestar um serviço pastoral ou para ser uma presença evangélica na Igreja local, são *comunidades missionárias*. A mesma finalidade de serviço ao mesmo Evangelho, crido e vivido como a Boa Nova de salvação, de libertação, de reconciliação, é expressa nos documentos com formulações muito variadas:

viver entre o povo, levando um estilo de vida simples, ganhar a vida vivendo e trabalhando com o povo e como o povo, habitando numa casa igual a dos outros moradores do bairro; ajudar os habitantes da vila a descobrir sua dignidade e seus valores e lutar por sua promoção, tentar suscitar lideranças leigas que assumam as tarefas de edificação da comunidade; viver a fraternidade e suscitar a comunhão entre pessoas e grupos; integrar-se no programa de evangelização da diocese (...). Às vezes é apresentada uma motivação mais profunda e original da opção feita: a redescoberta da própria identidade do *ser* religioso ou, mais particularmente, a redescoberta do próprio carisma de *servir aos pobres na Igreja*; uma nova visão da Igreja particular e da dimensão eclesial da VR a ser realizada nela; a procura de novas formas de VR vivida em Pequenas Comunidades comprometidas com a libertação do povo.

De 24 a 29 de setembro de 1979, após uma longa e detalhada preparação, seria organizado um magno Seminário da CRB, sob a coordenação do marista, Irmão Joaquim Panini (1925-2014), tendo como tema central exatamente a crescente tendência de VR “inserida”. O objetivo desse evento, que marcou história, foi assim formulado:

Examinar e aprofundar a vida de religiosas e religiosos inseridos nos meios populares para verificar as transformações da VR no contexto dessa inserção e ver a contribuição específica que os carismas das diversas Congregações podem dar no âmbito da ação pastoral no meio do povo”. [Com essa iniciativa de grandes proporções pretendia-se:] “Oportunizar o intercâmbio de vivências de religiosas e religiosos nos meios populares; facilitar uma autoanálise destas inserções; deduzir linhas de força das mesmas, em termos de VR e de evangelização.

### ***Religiosos e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)***

Não podemos deixar de recordar o papel de religiosas e religiosos-leigos (Irmãos) na formação, desenvolvimento e amadurecimento das chamadas “Comunidades Eclesiais de Base”. Não poucos exerceram nessa modalidade de “ser-Igreja” o papel de um/a qualificado/a “agente de pastoral”.

Numa publicação da época, intitulada “CEBs, uma interpelação para o ser cristão, hoje”, lemos:

Normalmente os/as religiosos/as recebem sua missão pastoral junto às CEBs da autoridade eclesial local, seja o bispo diocesano ou o pároco local. Sua inserção na vida da comunidade, mediante um compromisso efetivamente assumido, é uma

condição prévia para um trabalho eficaz com as classes populares. Ele ou ela coloca-se inteiramente à disposição do povo e de seus verdadeiros interesses. Tal espírito de serviço supõe uma posição nitidamente heterocentrada e significa, na prática, assumir um papel subalterno, situando-se não à frente, mas ao lado, ou melhor ainda, no meio do povo, Sem uma atitude pessoal e profunda de serviço não há lei ou mecanismo que impeça a manipulação do povo pelo agente! Sua atuação na CEB deve iniciar-se com a observação e, sobretudo, a *escuta*. Trata-se de um “escutar” com um terceiro ouvido, tentando perceber sob o discurso manifesto, o discurso latente. O que o povo diz interessa menos do que aquilo que ele quer dizer. Ao mesmo tempo, o/a agente só consegue penetrar na alma do povo quando está imbuído/a de uma atitude profundamente acolhedora e positiva frente a toda manifestação do espírito popular. Dom Pedro Casaldáliga (1928-2020), ele mesmo missionário claretiano, baseando-se em sua rica experiência nesse campo, pôde confessar: “Quem entra no povo, contamina-se de povo e, com isso, contamina-se de liberdade de espírito, de simplicidade, de pobreza, de realismo, de compromisso e de comunitariedade.

Um esplêndido exemplo de estar “inserido na realidade popular” nos é dado pelo religioso, Irmão Pedro Goossens (1936-2021),

da Congregação dos Irmãos de Nossa Senhora de Lourdes. Nascido na Bélgica, veio ao Brasil em 1967, dedicando toda a sua vida à evangelização integral dos mais pobres e marginalizados, particularmente no Norte do Estado de Minas Gerais.

Lemos na sua “Memória”: Irmão Pedro [que não era sacerdote!]

caminhava com o povo e se sentia bem à vontade no meio da gente simples. Desenvolveu inúmeras iniciativas em prol de uma população marcadamente pobre e abandonada. Foram praticamente 46 anos ininterruptos de engajamento missionário numa região extremamente carente em recursos humanos, eclesiais e materiais. Só saiu de lá quando os sintomas de uma grave doença o obrigaram a procurar assistência médica em Belo Horizonte.

O trabalho pastoral de inserção apresenta **dois critérios básicos**:

- 1) O povo deve participar de sua elaboração e aplicação e isso de modo progressivo.
- 2) Deve contribuir para que a comunidade atinja sua autonomia.

Na realidade há uma sequência de **fases evolutivas**:

- 1) Inicialmente, o/a religioso/a trabalha “para” o povo, como se ele/ela o carregasse;

- 2) Depois trabalha “com” o povo, como se o amparasse para chegar a andar com as próprias pernas;

- 3) Finalmente, trabalha “como” o povo, como se as pessoas já pudessem andar por si mesmas.

Há ainda um outro aspecto a ser mencionado, aliás de notável importância: sem amizade, carinho e até ternura, não existe gesto de verdadeira solidariedade. Caso contrário, cai-se na impessoalidade e frieza que o povo da base rapidamente percebe. O verdadeiro amor só se realiza plenamente entre iguais. Sim, dizia, já no seu tempo, São João da Cruz (1542-1591): “O amor torna semelhante o ser que ama e o ser amado”. Resta dizer que a luta com o povo na base é realmente integradora de afetividade. Exige, sem dúvida, sacrifício, desprendimento e esquecimento de si, mas proporciona, em troca, uma plena realização humana, numa autêntica experiência de amizade e de acolhimento, numa palavra, de gratuidade no amor.

À distância dos anos nos convencemos de que, em várias partes do Brasil, foi (e continua sendo?) inegável a contribuição original dos e das religiosas no processo eclesial das CEBs. Os consagrados deram um testemunho

vivo que na Igreja ninguém vive só para si mesmo. Um verdadeiro discípulo de Jesus está sempre a serviço do Reino a ser implantado na realidade do mundo. As CEBs se enquadram nitidamente nessa perspectiva evangelizadora. Sua própria existência já constitui um “potencial evangelizador”. Vemos que muitas dessas Comunidades têm a vontade de se visitarem mutuamente, a fim de se apoiar, se animar e trocar experiências. Em não poucos casos percebemos um intenso desejo de comunicar em outros lugares a alegria de sua vivência eclesial, divulgando-a, a fim de que novas comunidades possam fazer a mesma experiência. Este “sair de si”, em espírito missionário, é termômetro de maturidade de uma CEB e mostra o amadurecimento de sua consciência eclesial.

### ***Uma nota crítica sobre a “inserção”***

Vimos que nos anos que se seguem ao Vaticano II houve em muitas regiões, inclusive no Brasil, um movimento de abandono dos “grandes conventos” e a formação de “pequenas comunidades”. Inicialmente mostra o desejo de romper com estruturas consideradas impróprias para o pleno desenvolvimento do religioso e sua realização pessoal. Surgem os

“apartamentos” em ambientes da classe média, situados em bairros bem estabelecidos. Frequentemente se trata de um encontro com a modernidade pequeno-burguesa. Simultaneamente há uma forte tendência de profissionalização de religiosos e religiosas e a assimilação de um estilo de vida condizente com o ambiente em que vivem. “Passada a euforia, deparou-se logo com o crescente choque de mentalidades, a insatisfação com as estruturas e, por fim, a crise vocacional. Instala-se a crise da identidade, que provoca a VRC a aprofundar suas raízes e a rever suas relações com a Igreja e a sociedade” (Padre Cleto Caliman, SDB).

Outra vertente, à qual já fizemos referência, são as “pequenas comunidades” em bairros periféricos das grandes cidades ou no interior. Fala-se de “comunidades inseridas” em meios populares. Este fenômeno adquire maior importância no período pós-Medellín, quando a Igreja latino-americana e os religiosos tomam consciência mais plena da grave injustiça social e da situação de dependência e de subdesenvolvimento do Continente. Abre-se para a Igreja e para a VR uma realidade até então pouco conhecida: o mundo dos pobres. Coloca-se a questão entre fé cristã e injustiça social. A “inserção”

de religiosos e, sobretudo religiosas, atendeu a reais necessidades e apelos insistentes das Igrejas locais, mas não foi uma questão tão tranquila. A “ida ao povo” e, mais especificamente, aos pobres e marginalizados, revelou uma série de contradições.

Houve, não raras vezes, um deslocamento geográfico ou físico, mas em muitos casos, não tanto de mentalidade. As inúmeras “seguranças” do grande convento ficavam na mente de muitos daqueles que optaram pela “inserção”. O trinômio de “para”, “com” e “como” os pobres, limitou-se, na maioria dos casos, ao primeiro (*para*). Um número mais reduzido permaneceu no segundo (*com*). Os que chegaram ao terceiro (*como*) eram exceções. Realmente, pouquíssimos religiosos ou religiosas começaram a viver “como” os pobres, na mesma situação de carências e insegurança social. Constatamos que a maioria dos consagrados e consagradas “em meios populares” continuava a pertencer à pequena camada da população brasileira que efetivamente goza de todas as “garantias sociais”: plano de saúde, assistência no desemprego e na velhice, etc. As sofisticadas racionalizações a respeito de “pobreza”, não conseguiam dissimular o incômodo das situações reais no encontro com aqueles e aquelas

que experimentavam concretamente o que é viver na marginalidade social. Entre as religiosas talvez as Irmãs de Jesus, inspiradas no carisma de São Charles de Foucauld (1858-1916), tenham chegado mais próximas a uma identificação efetiva com os pobres, em lugares de periferias sociais e geográficas.

## **Iniciativas da CRB quanto à promoção de uma VRC renovada**

A X AGO, realizada entre 23 e 30 de julho de 1974, escolheu como tema central de reflexão: “A Missão Profética do Religioso hoje” Os trabalhos foram distribuídos sobre quatro títulos: A atualidade da experiência de Deus; A consciência crítica do religioso; Obstáculos para uma autêntica experiência de Deus; Aspectos renovadores da VR no Brasil.

Entre as propostas dos participantes encontramos a solicitação à CRB de aprofundar a “Teologia da VR”, e “um estudo para auxiliar as Congregações na busca de critérios básicos que devem presidir a abertura de pequenas Comunidades e das condições mínimas para sua vitalidade.

Atendendo aos insistentes apelos da mencionada AGO, foi criado no Rio de Janeiro, após um

ano de intensos preparativos, o **CETESP**: “Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade para a Vida Religiosa”. Na sua alocução de abertura, no dia 6 de agosto de 1975, o Padre Marcello de Carvalho Azevedo explicou: “O nome CENTRO quer evitar precisamente o caráter mais exclusivamente doutrinário. O adjetivo TEOLÓGICO, define a índole e o critério do trabalho. ESTUDOS e ESPIRITUALIDADE, dizem respeito a uma integração vital daquilo que se reflete e daquilo que se vive. PARA A VIDA RELIGIOSA, orientado o conjunto para a animação e aprofundamento desta vocação apostólica na Igreja”.

Frei Constâncio Nogara, que seria seu primeiro diretor executivo, apresentou as “linhas gerais” do CETESP: “O Centro ministrará cursos de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 15h30min. O curso durará três meses: de 6 de agosto a 6 de novembro. Assim, o programa abrangerá 13 semanas, com um total de 67 dias úteis. A Vida Religiosa será a preocupação central. Os ângulos de enfoque serão vários: realidade brasileira, em que vivem os religiosos, história da Vida Religiosa, temas bíblicos, teológicos e de vida comunitária. A matéria está dividida em 6 conjuntos, cada qual com uma ou mais semanas”. No primeiro

curso houve 55 participantes entre Irmãs, Irmãos e Presbíteros, representando 43 Ordens e Congregações.

O CETESP tornou-se, sem sombra de dúvida, a coroa da obra de renovação da VR, desempenhada pela CRB Nacional, na década de 70 do século passado. Foi também o ponto alto da coordenação do Padre Marcello de Carvalho Azevedo que, em 1974, foi eleito pela terceira vez como presidente da Conferência, tendo a aprovação de 411 vogais, o maior índice obtido até então na história da CRB, numa Assembleia Geral Ordinária e Eletiva.

Em entrevista posterior (1980), Frei Constâncio Nogara testemunharia:

A nós da Diretoria da CRB Nacional, nos preocupava que a VR fosse uma resposta evangélica à realidade concreta brasileira. Tínhamos de nos libertar do peso de tradições meramente culturais e históricas, impeditivas para uma maior aderência ao presente e ao concreto da vida. (...). No mundo em que vive a Igreja do após-Vaticano II é da maior importância a intercomunicação e a ajuda mútua. (...) Se a CRB conseguir ampliar sempre mais sua capacidade de intercomunicação corresponsável, entre as diferentes faixas de religiosos e destas com o povo de Deus, sobretudo com os mais carentes, creio então que será



uma organização atual, necessária, dinâmica e adaptável aos tempos e à realidade do Brasil.

## Um caminho percorrido com esperança

Entre 1968 e 1977, num contexto de busca e incerteza, com inconfundíveis sinais de crescente secularização, a VR procurou dar testemunho da transitoriedade da realidade terrestre. Tomou-se consciência que o religioso está na sociedade em condição de peregrino, de transeunte, que pelo seu modo de ser, pelo seu estilo de vida, aponta a uma realidade transcendente, a valores que não perecem, a uma vida plenificada pelo amor de Deus, ao encontro definitivo na Casa do Pai, onde o amor se pereniza. Dar testemunho dessa perspectiva derradeira do amor faz que, frequentes vezes o religioso é visto como “um estranho no ninho”. Constitui uma interrogação existencial que incomoda e, simultaneamente, interpele seus contemporâneos sobre o sentido da existência. Muito mais do que no antigo regime de “cristandade”, quando todos eram nominalmente cristãos, numa sociedade em processo de secularização (ou já secularizada) o consagrado que vive com autenticidade sua vocação, não deixa de ser um “sinal escatológico”, que não esva-

zia o humano, mas lhe dá seu fundamento e dimensão última.

Por fim, não é supérfluo reafirmar que naqueles anos imediatamente pós-conciliares, a CRB contribuiu significativamente para a formação de uma crescente conscientização do “ser” e “agir” da VR, no real contexto sociopolítico, cultural e eclesial do Brasil. Percebemos, sem dificuldade, a importância atribuída à missão evangelizadora da Igreja por parte dos religiosos e uma inconfundível manifestação da dimensão social da fé, vivida e testemunhada.

## A VR na época de Puebla

A terceira Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM), em Puebla, no ano de 1979, foi um acontecimento de excepcional importância para a Igreja no Continente, repercutindo fortemente também na VR em processo de renovação. Além disso, o próprio contexto histórico contribuiu significativamente para as opções pastorais assumidas.

## *O contexto político e eclesial no Brasil*

Para a compreensão e interpretação de determinados acontecimentos nunca se deve perder de vista o contexto histórico mais amplo. A VR e a própria Igreja

não constituem realidades estaques, mas sempre estão situadas no tempo e no espaço.

A década de 70 do século passado apresenta, na realidade brasileira, um horizonte complexo e conturbado. Em 1976, o presidente militar, Ernesto Geisel (1907-1996) promulgou a chamada “Lei Falcão”, que impedia o debate político gratuito de rádio e TV. No ano seguinte, intensificaram-se os movimentos da sociedade civil pela recuperação dos direitos democráticos. O governo militar baixou então o “Pacote de Abril”, que alterou as leis eleitorais para garantir a maioria do partido governista, a Arena. Em 1978, os sindicatos começaram a se reorganizar, sendo Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Foi também o líder da primeira greve, desde 1960, do ABC paulista. Em 1979, no fim de seu mandato, Geisel enviou ao Congresso uma emenda constitucional que revogou o temido AI-5. Seu governo marcou a lenta e penosa transição para o retorno da democracia, concluída com o grande movimento popular de 1984, pelas eleições diretas (“Diretas Já”), sendo presidente da República o General João Batista Figueiredo (1915-1999), o último da Ditadura.

A Igreja no Brasil não ficou inerte nesse período. Após os famo-

sos documentos de 1973: *Eu ouvi os clamores de meu povo* (bispos e superiores religiosos do Nordeste) e *Marginalização de um povo* (seis bispos da região Centro-Oeste), a CNBB publicou, em outubro de 1976, a *Comunicação Pastoral ao Povo de Deus*, cujos elementos essenciais foram desenvolvidos em outra publicação que calou fundo na consciência de católicos mais engajados: *Exigências cristãs de uma ordem política* (fevereiro de 1977). Lemos neste corajoso e profético documento:

É dever do Estado respeitar, defender e promover os direitos das pessoas, das famílias e das instituições. Toda a ação exercida sobre elas pelo Estado deve fundar-se no direito que deriva de sua responsabilidade pelo bem comum. É nesse direito que se funda a força da autoridade do Estado. Toda a força exercida à margem e fora do direito é violência. Um Estado de direito se caracteriza, pois, por uma situação jurídica estável, na qual as pessoas, as famílias e as instituições gozam de seus direitos e têm possibilidades concretas e garantias jurídicas eficazes para defendê-los e reivindicá-los legalmente. (...) Só um povo convocado a participar do processo de seu desenvolvimento aceita com dignidade os sacrifícios exigidos, os quais, de outra forma, podem criar tensões e revoltas sociais, com agravamento do estado de violência, de repressão e de cor-



rupção. A participação se exercita com o uso responsável da liberdade, que é um direito inalienável e um dever para todos.

Nos anos 70 do século passado, consolida-se na Igreja no Brasil um processo em curso há anos. Trata-se de uma mudança histórica de grandes consequências. Após séculos é abandonada a clássica aliança com os setores dominantes da sociedade. Efetua-se a aproximação e, em certas ocasiões e determinados lugares, a identificação com as bases da população brasileira. A Igreja oficial começa a se abrir ao povo, a conhecê-lo de perto nas suas necessidades e potencialidades. Segue-se um compromisso com a causa popular em nome da autenticidade evangélica. A própria Igreja experimenta imediatamente os efeitos desse posicionamento: é perseguida, marginalizada, e não raras vezes ridicularizada pelos poderes constituídos. Representantes seus, entre bispos, padres, religiosos(as) e não poucos leigos(as) são vítimas da prisão, do exílio e, em diversos casos, da morte. A Igreja em seu todo torna-se mais profética, mais despojada de poder e riqueza material, testemunhando que, sem justiça social e promoção humana – particularmente com respeito aos excluídos, pobres e descartados – não é possível anunciar e viver o Evangelho como boa notícia de vida.

## ***O XI AGO (julho de 1977)***

Com 18 meses de antecedência começou a ser preparada a XI Assembleia Geral Ordinária da CRB. Realizou-se entre 23 e 30 de julho de 1977, no Colégio São Bento, no Rio de Janeiro. O tema central da Assembleia era: “A realidade nacional e eclesial do Brasil hoje e a presença dos Religiosos nela”.

É nesta Assembleia que foi eleito como presidente da CRB Nacional, o Salesiano, Padre Décio Batista Teixeira, junto com mais dez outros diretores(as) e conselheiros(as). As “Linhas gerais de Orientação” trazem no seu bojo um profundo espírito eclesial, em boa parte sintonizado com as resoluções da XV Assembleia Geral da CNBB, em Itaici, no mês de fevereiro daquele ano. No que diz respeito aos consagrados e consagradas, os bispos tinham dito:

Os religiosos continuam sua indispensável atuação evangelizadora nas regiões missionárias: Empenhando mais diretamente, ao lado das províncias religiosas estrangeiras, as províncias religiosas brasileiras das mesmas congregações; planejando e executando uma distribuição mais equitativa de suas forças em todo o País, sob a orientação da CNBB e CRB (n. 5).

Será a partir da XI AGO que os Superiores Maiores

tomaram globalmente consciência do imperativo de caminhar juntos, em nível de fraternidade, missão, ação e vida de comunhão com os pobres. Sentiram a necessidade de integrar os recursos humanos e materiais a serviço da grande comunidade de irmãos, nesta Igreja e neste País. (Padre Celso Sehn, MSF, 1941-2009).

Entre as nove proposições aprovadas na área religiosa, destacamos as seguintes:

- a) Unificar os esforços das Congregações que atuam na mesma área pastoral.
- b) Tomar medidas necessárias para o projeto da CNBB, referente às regiões missionárias, coordenando a participação de religiosos e religiosas.
- c) Inserir as atividades e as obras dos religiosos na pastoral orgânica da Igreja no Brasil.
- d) A implantação de uma pastoral da saúde que corresponda às necessidades reais do país.
- e) Ajudar os religiosos que se dedicam ao campo da educação a reencontrarem o sentido da sua vocação e de suas obras.

## ***A repercussão de Puebla***

O triênio da nova Diretoria nacional, sob a coordenação do Padre Décio Teixeira, SDB, foi fortemente influenciada pela III Assembleia Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla de Los Angeles, no México, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. A intensa preparação tinha começado dois anos antes, com a publicação do “Documento de Consulta” (vulgarmente conhecido como o “livro verde”), em dezembro de 1977. Por diversas razões o texto não agradou. Em seguida foi enviado aos bispos do Continente um “Documento de Trabalho” para estimular suas contribuições para a Conferência, resultando, posteriormente, num Documento conclusivo. Os religiosos(as) participaram intensamente de todas as fases de preparação da “Conferência de Puebla”, que tinha como tema central: “A evangelização no presente e no futuro da América Latina”.

Originalmente prevista para o ano de 1978 (exatamente dez anos depois de Medellín), teve que ser adiada para 1979, por causa do falecimento de Paulo VI (6-8-1978) e a morte inteiramente inesperada de seu imediato sucessor, Papa João Paulo I (28-9-1978).

O novo Papa, Cardeal Karol Józef Wojtyła (1920-2005), de

origem polonesa, que escolheu o nome de João Paulo II, manifestou seu desejo de se continuar os preparativos da Assembleia planejada, o que aconteceu, não sem tensões e até certas polarizações. No Seminário Palafoxiano de Puebla (México), em 28 de janeiro de 1979, João Paulo II pronunciou seu discurso inaugural.

A dinâmica adotada na Assembleia assegurou aos bispos o absoluto domínio sobre o texto final a ser produzido. Padre Libanio, SJ, na sua “Apresentação didática” das “Conclusões”, observa que no texto oficial é dada mais importância aos discursos de João Paulo II do que à longa Tradição da Igreja no que diz respeito à evangelização. Deixou-se de lado os ensinamentos dos Santos Padres, dos grandes Concílios e de importantes Encíclicas de Papas anteriores. Conclui seu comentário crítico com as seguintes palavras: “Praticamente a memória episcopal fixou somente os últimos tempos e se deixou prender às últimas citações do último Papa”!

O Documento de Puebla tem dois enfoques fundamentais: a busca de uma evangelização inserida na realidade concreta de tempo e espaço da América Latina, e a dinâmica de “Comunhão e Participação” para torná-la uma realidade viva naquele momento

da caminhada do Continente. Comenta ainda Libanio:

O pano de fundo que dá relevo a essa linha básica do Documento de *Comunhão e Participação*, a fim de que ela não se perca em desejos românticos, irrealistas, voluntaristas, moralizantes, constitui-se pela *Opção preferencial pelos Pobres*. A *Comunhão e Participação* deve ser entendida a partir dessa predileção pelo povo simples, pelas classes populares empobrecidas e exploradas do Continente. Qualquer projeto de comunhão e participação que desconheça esse dado arrisca ser mais um engodo e mais uma jogada do sistema dominante, ocultando as contradições e conflitos da realidade social, sob o manto de uma *Comunhão e Participação* meramente de nível afetivo, emocional. Ela só se constitui em chave de leitura para a compreensão da primeira parte descritiva e analítica do contexto sociocultural e sobretudo para a ação pastoral da Igreja, se se coloca como o fundamento da *Comunhão e Participação* a opção preferencial pelos interesses objetivos das classes pobres e populares, já que em nosso Continente acontece tal identificação concreta. Além disso, *Comunhão e Participação* encontra na América Latina um lugar privilegiado de ensaio: as *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs). Lá acontece já muito de comunhão e participação dentro do horizonte da opção preferencial pelos pobres, porque

elas se constituem de camadas pobres das regiões rurais e das periferias urbanas e lá se vive a comunhão de fé, de vida, de compromisso com a libertação numa participação responsável no duplo nível de Igreja e de Sociedade.

A temática da *libertação integral* está presente em todo o documento, no sentido de colocar o ser humano em sujeito de seu próprio desenvolvimento individual e comunitário. Ao lado da inconfundível *opção preferencial pelos pobres*, os bispos em Puebla também fazem sua *opção pelos jovens*, não somente na dimensão psico-religiosa, mas igualmente político-social, considerando a juventude como uma força fundamental para a transformação e renovação da Igreja e da sociedade.

Uma lacuna no Documento de Puebla foi a ausência de uma teologia genuinamente latino-americana. Exatamente aqui a CLAR e a CRB dariam contribuições significativas nos anos pós-Puebla. Devemos mencionar mais especificamente a ERT (Equipe de Reflexão Teológica) da CRB Nacional, com artigos de peso, em parte publicados na revista *Convergência*. O elemento central nessa abordagem teológica é a releitura da pessoa histórica de Jesus, vista em sua relação com o atual contexto sociocultural e eclesial da América Latina.

Não obstante sinais evidentes de tensões e até conflitos, o espírito de Puebla traz marcadamente o esforço de colegialidade, de participação, de diálogo. Poderíamos dizer que, em certo sentido, anunciou princípios básicos daquilo que hoje entendemos por “sinodalidade”.

A reflexão sobre a Vida Religiosa naqueles anos recebe um forte impulso do “evento Puebla”, mais diretamente no que se refere à sua missão evangelizadora, compreendida no sentido de anúncio da salvação e libertação do ser humano, abrangendo o duplo movimento de conversão pessoal e de transformação das estruturas econômicas, políticas, jurídicas, sociais, culturais e religiosas.

### ***A Vida Religiosa no Documento de Puebla***

Quando, no Documento Conclusivo, os bispos se referem à Vida Religiosa, eles afirmam: a Vida Consagrada no seu conjunto “constitui a maneira específica de evangelizar própria do religioso”. Nela “oração e vida se enriquecem mutuamente: oração que conduz a comprometer-se na vida real e vivência da realidade que exija momentos fortes de oração”. Na comunidade religiosa “busca-se dar ênfase às relações fraternas interpessoais, nas quais se valo-

riza a amizade, a sinceridade, a madureza, como base humana indispensável para a convivência”, num “estilo de vida mais simples e acolhedor”.

Os bispos ainda observam que

a abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da Vida Religiosa latino-americana. De fato, os religiosos acham-se cada vez mais em zonas marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre. Isso tem levado à revisão das obras tradicionais, para melhor responder às experiências de evangelização. Igualmente deitou uma luz mais clara sobre a relação dos religiosos com a pobreza dos marginalizados, que já não supõe somente o desprendimento interior e a austeridade comunitária, mas também solidariedade, partilha e, em certos casos, convivência com o pobre.

Os pastores ainda afirmam que entre os religiosos e as religiosas da América-Latina

verifica-se uma redescoberta e vivência do mistério da Igreja Particular; um desejo crescente de participação, contribuindo com a riqueza do próprio carisma vocacional. Isto leva a maior integração na pastoral de con-

junto e maior participação nos organismos e obras diocesanas ou supradiocesanas. (...) Como a Igreja Universal só se realiza nas igrejas Particulares, nestas se concretiza, para a Vida Consagrada, a relação de comunidade vital e compromisso eclesial evangelizador. Com elas, os consagrados partilham as fadigas, os sofrimentos, as alegrias e esperanças da construção do Reino e nelas empenham as riquezas de seus carismas particulares, como dom do Espírito evangelizador.

Em suma,

por seu testemunho, são uma denúncia evangélica daqueles que servem ao dinheiro e ao poder, reservando para si egoisticamente os bens que Deus outorga ao homem para benefício de toda a comunidade. (...) Os religiosos são fermento da consciência missionária dentro da comunidade eclesial, ao mostrar-se disponíveis para serem enviados a lugares e situações onde a Igreja necessita de uma ajuda maior e mais generosa.

Em artigo intitulado “O Documento de Puebla e a missão apostólica dos religiosos”, o jesuíta, Padre Mário de França Miranda, comenta, sem maiores receios: “Ou a VR evangeliza pelo que ela é, ou ela não consegue se justificar como uma vocação cristã específica dentro da Igreja”. Reprodu-

zimos aqui livremente sua colocação. A partir da missão apostólica (carisma) a VR na AL é chamada a evangelizar pelo compromisso com a justiça em favor dos pobres, qualquer que seja a modalidade deste comprometimento. Inserindo-se na realidade do Continente, confronta-se diretamente com uma grande massa de pessoas oprimidas, social, política e economicamente, homens e mulheres, crianças e jovens, sem voz e sem vez em cujos rostos humilhados o Cristo nos interpela. Mas, não nos iludamos: a proveniência social, a formação, relações e amizades, estruturas e reputação de muitos religiosos, protege-os contra os golpes duros, decorrentes das preocupações dramáticas e da vida humilde da população pobre e marginalizada.

Como já afirmamos anteriormente, há muitos religiosos e religiosas que vivem *pelos* pobres, compromisso expresso nas suas próprias Constituições; outros, já em número bem mais reduzido, vivem *com* os pobres; pouquíssimos vivem *como* pobres, numa existência realmente identificada com os mais carentes e vulneráveis. Uma coisa é certa (e agora citamos literalmente o Padre França Miranda): “Se a VR não se mostrar na AL como uma vida de trabalho, de serviço, simples e frugal, então deveremos duvidar

da nossa oração e de nossa conversão”.

No mesmo ano da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1979), o Padre Carlos Palacio, SJ, num artigo que traz o título: “Presente e Futuro da VR no Brasil”, afirma:

O que está em questão não é tanto a *essência* da VR, mas a *figura* concreta da mesma: uma experiência cristã, uma encarnação e testemunho do Evangelho numa situação determinada. Sem esta referência constitutiva ao mundo como missão, é condenada a girar exclusivamente sobre si mesma! Não bastam apenas modernizações *ad intra*, no interior de seu Instituto: relações de governo, novo estilo de vida comunitária, atualização da formação, etc. Urge levar em conta a relação ao contexto histórico, pois autêntica VR é sempre *situada*. No caso da AL, Puebla fala de *descoberta do povo*, numa tomada de consciência de sua situação sociopolítica. Começa aqui a passagem de uma teologia e práxis da VR centrada em si mesma para uma compreensão da VR a partir dos outros e para os outros. Neste sentido o religioso descobre que sua consagração não é um fim em si, mas está a serviço do Evangelho e do Reino. No contexto da AL, o confronto evangélico com os pobres e a pobreza, é experimentado como um encontro privilegiado e *partidário* do Deus de Jesus Cristo.



Uma vida que se especifica pelo “seguimento” – escreveu Irmã Maria Carmelita de Freitas, FI – e um “seguimento radical” deste Jesus, não pode ter sentido senão no *pro-seguimento* dessa mesma missão, que se vai realizando na História e, no nosso caso, na realidade concreta da AL”.

## Incentivos significativos nos campos da Formação e da Saúde

No período que estamos analisando, a CRB dispensou uma atenção especial à Formação dos Religiosos, com iniciativas inovadoras. Mas, igualmente, quis estimular os/as religiosos/as empenhados na área da Saúde, reconhecendo a importância de sua presença e de seu trabalho numa realidade social em franca evolução, apresentando novos e preocupantes desafios.

### **Na Formação: criação do CERNE**

No final do terceiro mandato do Padre Marcello Azevedo, a CRB anunciou, na revista *Convergência* (jan./fev. 1977), a criação de um “Centro de Renovação Espiritual”, CERNE. Aqui merece destaque, pela competência e dedicação, a figura de seu mentor, Padre James Sullivan, OMI, que indicou os três objetivos básicos

do Centro: Vida Espiritual; Aprofundamento e vivência de uma comunidade religiosa fraterna e motivada; Incentivo e missão atualizada e criativa.

Após o Concílio Vaticano II, particularmente nos anos 70, muitos religiosos e suas respectivas Congregações, sentiram-se desorientados e como que perdidos no meio das inúmeras e aceleradas mudanças, Não é exagerado dizer que para os/as consagrados/as, e *a fortiori* para as gerações de mais idade, era nada fácil discernir o que vinha do Espírito e o que era apenas modismo. Na “Apresentação” do CERNE lemos:

O curso foi pensado de modo especial para religiosos e religiosas de 20 anos ou mais de dedicação ao apostolado e que não tiveram oportunidades de participar de outros programas de renovação e atualização do significado de sua vida e de suas potencialidades apostólicas na VR hoje. A CRB Nacional, oferecendo um curso mais curto e mais denso, deseja viabilizar uma vivência comunitária significativa, reflexão calma e oportuna, vida de oração profunda, entreejuda espiritual, discernimento integral das próprias potencialidades, parada para avaliação e retomada pessoal e comunitária. Neste sentido lança um curso de seis semanas, em regime de internato: o Centro de Renovação Espiritual, CERNE-CRB.

A responsabilidade pelo CERNE está sob a responsabilidade da CRB Nacional. A direção imediata coube a uma equipe coordenadora que constava de Padre James Sullivan, OMI, como diretor, junto com dois vice-diretores: a Irmã Teresa Nunes, FC, e Irmão Nilso Antônio Ronchi, FMS.

Para o ano de 1977 foram planejados dois cursos: CERNE 1, de 19 de agosto a 30 de setembro; CERNE 2, de 14 de outubro a 27 de novembro, ambos na cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente o número de participantes de cada curso era fixado em 30 candidatos ou candidatas.

Ao longo dos anos o CERNE foi constantemente revisado e reformulado. Nos primeiros tempos era mais acadêmico, com muitos dias dedicados ao estudo de documentos da Igreja, sobretudo os que tinham maior importância para a VR. Evoluiu depois para ser uma grande experiência intercongregacional, com “três mergulhos básicos”: em si mesmo, na comunidade e em Deus. Na realidade, o CERNE deixou de ser propriamente um “curso”, para se tornar uma rica experiência pessoal e comunitária. Alguém já disse que no CERNE se vivia intensamente a mística do Profeta Jeremias: “Há uma Esperança para teu futuro” (Jr 31,17).

O simples fato de ter chegado à realização de 124 CERNEs,

até o ano de 2024, demonstra claramente a indiscutível validade desta iniciativa da CRB: “Um programa que visa promover a integração e o amadurecimento dos dons e potencialidades de Religiosos/as, para que, livres, criativos e felizes, abracem a missão do discípulo de Jesus”.

### ***Na área da Saúde***

Nos anos 70, a CRB também teve uma atuação marcante do campo da saúde. Respondendo a uma das proposições da XI AGO, criou-se o “Grupo do Trabalho da Saúde” (GTS) e foi realizado, em Petrópolis (setembro de 1977), o primeiro Seminário sobre temas relacionados à promoção da saúde. No Rio de Janeiro, de 23 a 29 de setembro de 1978, houve o segundo Seminário, onde a atenção se voltou mais diretamente para assuntos ligados à vivência da Palavra de Deus no serviço ao doente, ao ideal e à vivência dos Fundadores e Fundadoras de Congregações religiosas dedicadas aos enfermos e suas necessidades humanas e espirituais, tanto internados em hospitais quanto sofrendo nos seus domicílios.

Igualmente foram organizados Encontros Nacionais de Provinciais de Congregações atuantes na área da saúde. O primeiro foi de 25 e 26 de novembro de 1978,



quando Padre Júlio Serafim Munaro (1930-2012), Camiliano, apresentou uma “Visão Cristã dos Problemas de Saúde”, enquanto a Irmã Marie Ange, da Providência de Gap (Maria Alice Bernard Robbe, 1907-1994), relatou uma experiência pioneira da Escola (posteriormente Faculdade) de Enfermagem “Wescslau Braz”, de Itajubá, MG, referente à “saúde de comunidade junto ao povo”. Ela mesma era diretora (de 1976 a 1982) deste Escola, fundada em 1954 pela sua própria Congregação. Num denso artigo sobre “Enfermagem e Evangelho”, na revista *Convergência*, ela conclui:

A Enfermagem é uma profissão muito nobre, apresenta conaturalidade com os valores religiosos e, sofrendo embora evolução secularizante, nada perdeu de sua essência que lança raízes no coração, no amor do homem, ser sagrado. Na realidade brasileira avultam como prioridade os aspectos preventivos da saúde e o socorro aos marginalizados.

Quando falamos do GTS aparece obrigatoriamente o nome do Padre Júlio Munaro. Foi um grande religioso e exímio colaborador da CRB. Formado em História da Igreja, lecionou esta matéria no Centro Universitário Assunção e no Instituto Teológico Pio XI, ambos na cidade de São Paulo. Diversas vezes ocupou o

cargo de Superior Provincial dos Camilianos no Brasil. Foi o criador do “Centro de Formação para Agentes da Pastoral de Saúde”, iniciado em 1978, que teve uma ampla divulgação e participação. Desde os anos 60, ele atuara no âmbito da Pastoral de Saúde na Arquidiocese de São Paulo, com admirável competência e dedicação, granjeando inúmeras amizades tanto no meio das pessoas mais pobres, necessitadas e doentes, quanto entre representantes do poder público, mais diretamente relacionados ao setor da saúde pública. Ao lado do Padre Munaro, aparece frequentemente o nome do erudito bioeticista, Padre Hubert Lepargneur (1925-2020). Deixou importantes contribuições, em forma de artigos e reflexões, sobre ética e bioética. Francês por nascimento, entrara na Ordem dos Dominicanos em 1950. Chegou ao Brasil oito anos depois, solicitando sua transferência para a Ordem dos Ministros dos Enfermos (Camilianos) em 1976.

Um segundo Encontro de Provinciais de Institutos mais diretamente voltados para a área da Saúde teve lugar em 1979, entre 21 e 23 de setembro. Foram abordadas questões referentes à sobrecarga de religiosos e religiosas, que trabalhavam nesse campo, correndo o risco de as técnicas

de enfermagem prevalecerem sobre sua missão evangelizadora.

No mês de outubro do mesmo ano reuniram-se, em Mendes, RJ, Diretores e Diretoras de Escolas Católicas de Enfermagem. Foi abordada a problemática da “mercantilização” da saúde, particularmente no setor privado. Constatou-se um aumento considerável de profissionais e entidades mais preocupados com os lucros ou vencimentos próprios, do que com o bem-estar dos pacientes. Alguém notou que “A doença se tornara um negócio lucrativo!” Nas palestras e discussões foi observado que o sistema de saúde vigente tendia para uma “alienação”, deslocando o acento dos cuidados da saúde da *pessoa* doente para as vantagens monetárias da *doença* da pessoa. Houve uma chamada de atenção no sentido de um forte apelo à promoção da saúde nas comunidades populares, com a participação ativa dos próprios habitantes. Semelhante proposta estava plenamente sintonizada com as recomendações do Conselho Pontifício *Cor Unum*, organismo criado por Paulo VI, em 1971:

Formar agentes de saúde nos povoados e nas comunidades marginalizadas, não é simples expediente de ação, mas uma etapa harmônica da caminhada

rumo ao desenvolvimento autêntico. Por outra parte, surgem valores evangélicos também nesta iniciativa de generalizar os benefícios da saúde, desde que saibamos recorrer à solidariedade das comunidades, sobretudo das comunidades locais (Padre Henri Rietmatten, OP, secretário geral do *Cor Unum*).

Diversas “Considerações”, apresentadas no segundo Seminário organizado pelo GTS da CRB (1978), continuam tendo uma surpreendente atualidade, quase 50 anos depois (2024). Apenas um exemplo:

A enfermidade afeta a pessoa como um todo. As reações diante da doença são as mais variadas, conforme a compleição psicológica de cada um ou a situação imediatamente presente. A abordagem pastoral exige sempre novos esforços e criatividade. Ela é a transmissão de uma mensagem, mas também o encontro com o mensageiro, no qual se dá uma escuta ativa e uma relação dinâmica, uma presença total que faz o enfermo experimentar a vivência concreta do amor, conforme o mandamento de Cristo. Mental e afetivamente caminha com o enfermo para lhe permitir chegar à verdade sobre si mesmo e encontrar uma verdadeira relação com Deus.

[continua no próximo número].

# O DESAFIO DA FORMAÇÃO INICIAL. ITINERÁRIOS FORMATIVOS EM TEMPO DE MUDANÇA.

Ir. Edgar Genuino Nicodem<sup>1</sup>

Ir. Gertrudes Salette Beal<sup>2</sup>

Pe. Haroldo Evaristo Alves da Silva<sup>3</sup>

## Para início de conversa

O Congresso dos 70 Anos da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) foi uma oportunidade privilegiada para fazer memória de uma história tão rica e significativa da VRC em nossas terras. Memória, mística, profecia e esperança uniram religiosas e religiosos dos mais diversos recantos numa celebração festiva e de compromisso. Se temos uma bela história a narrar, também temos uma bela história a construir para continuar sendo, no meio da sociedade e da Igreja, uma pre-

sença do Reino de Deus. A formação é um desses elementos para que continuemos a ser como religiosas/as essa presença do Evangelho no meio do Povo de Deus.

Se analisarmos a formação na Vida Religiosa Consagrada (VRC) das últimas décadas podemos reconhecer os significativos esforços realizados. Não faltaram iniciativas da CRB Nacional e das Regionais, das congregações religiosas e iniciativas intercongregacionais. Como não destacar o caráter intercongregacional que a Formação Inicial adquiriu (Postulinter, Novinter, Juninter)? Ou-

---

<sup>1</sup> Irmão Lassalista. Atualmente Diretor do Noviciado Interprovincial Santíssima Trindade e Coordenador da Equipe Interdisciplinar da CRB. Endereço para contato: edgar.nicodem@lasalle.org.br

<sup>2</sup> Religiosa da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry. Endereço para contato: bealgertrudes@gmail.com

<sup>3</sup> Padre da Congregação do Espírito Santo. Atualmente Secretário Provincial e Vigário Paroquial em Queimados, RJ. Endereço para contato: haroldocssp@gmail.com

tra preocupação constante foi a formação de formadores. Não faltaram iniciativas que efetivamente buscaram responder ao desafio da formação tanto inicial quanto continuada.

Apesar de todos esses esforços podemos constatar uma considerável diminuição de religiosas e religiosos, o fechamento de comunidades, a diminuição de vocações e formandos e um quadro preocupante quanto à perseverança. O que está acontecendo? Será uma questão meramente interna ou fruto de um cenário mais amplo que afeta a Igreja e a própria sociedade? Vamos analisar esses cenários.

O nosso escrito divide-se em quatro partes. Em primeiro lugar vamos apresentar de forma sucinta a situação da VRC e seus impactos na formação. Na segunda parte vamos dedicar um espaço para analisar o contexto atual, particularmente a questão cultural. A terceira parte será dedicada à apresentação da proposta dos itinerários formativos considerando o processo formativo Jesus com os seus discípulos-apóstolos. E para finalizar (quarta parte) a formação como lugar teológico.

## O mar não está prá peixe

Considerando o cenário atual das congregações ou ordens religiosas constatamos que “o mar

não está prá peixe”. Afirma Jaldemir Vitório:

O momento atual das congregações religiosas, mesmo numa avaliação superficial, mostra-se pouco favorável para o cultivo de esperanças. As vocações rareiam. O índice de perseverança das novas vocações tira o sono de muitas equipes de formação. As novas gerações têm dificuldade de se adaptar às estruturas anacrônicas das comunidades religiosas, bem como de se inserir nas obras apostólicas e nas frentes missionárias, onde correm o risco de encontrar veteranos e veteranas pouco dispostos a abrir espaço para quem chega (2022, p. 9).

Sem desconsiderar de que há luzes e boas experiências no caminho – o cenário atual é um tanto desolador. A diminuição de formandos/as é acentuada. Quando se pergunta aos formadores/as quantos formandos/as eles terão para o próximo ano, as respostas são: nenhum/a, um, dois, três ou quatro. Quando passam de cinco parece que está chovendo na horta. Claro que há realidades distintas. Mas parecem mais exceções do que a regra. Outro tema espinhoso é a perseverança. Quanto esforço, dedicação para resultados tão parcos.

A questão não é apenas o que está acontecendo com a Formação, mas sobretudo o que está

passando com a VRC, a Igreja e a própria sociedade. Em nível global vemos o ressurgimento de intolerâncias, tensões e guerras que pareciam superadas. Mesmo em nosso país há manifestações de ódio como poucas vezes tínhamos visto. O esforço do Papa Francisco em pautar a ação pastoral da Igreja pela alegria do Evangelho é incontestável. Contudo, quanta resistência e desqualificação de sua pessoa e à sua proposta. Há um dito popular que diz: diante de novas perguntas, novas respostas. Estão a sociedade, a Igreja, a VRC e a própria formação abertas para novos caminhos?

## **Não subestimar as mudanças**

As últimas décadas têm se caracterizado por rápidas, profundas e significativas transformações. Praticamente não há área da vida humana que não tenha sido afetada. Por isso, “seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da ‘modernidade fluida’ produziu na condição humana” (BAUMAN, 2001, p. 17). Velhos conceitos ou categorias que davam solidez a narrativas foram eliminados ou profundamente re-dimensionados. Hoje se fala em conceitos ou categorias “zumbi”.

Belos edifícios, outrora considerados sólidos, parecem ruir num piscar de olhos. Nesses cenários, como se situam a VRC e os processos formativos?

As comunidades tradicionais – “definidas pela unidade, homogeneidade e continuidade – cedem espaço – sob condições de saturação, mobilidade e globalidade – a novas formas de vida caracterizadas pela pluralidade, heterogeneidade e descontinuidade (BERMEJO, 2011, p. 55). Não podemos mais dizer que estamos em casa ou que exista alguém que mande plenamente em sua casa. Nos tempos atuais vivemos múltiplas fragmentações. Ou seja, fragmentação de funções, valores, deveres, normativas, pertencas e mesmo identitárias que afetam significativamente a configuração de sentido.

Segundo Byung-Chul Han, vivemos hoje na sociedade do desempenho, cuja característica específica é que cada um é ao mesmo tempo detento e guarda, vítima e algoz, senhor e escravo (2020, p. 115). Não é nem tanto a aceleração, mas a dispersão e a dissociação temporal. Com isso, prossegue Han, o tempo se torna aditivo e esvaziado de toda e qualquer narratividade:

O hipercapitalismo atual dissolve totalmente a existência humana numa rede de relações comerciais. Já não existe nenhum âmbito da vida que consiga se eximir da degradação provocada pelo comércio. O hipercapitalismo transforma todas as relações humanas em relações comerciais. Ele arranca a dignidade do ser humano, substituindo-a completamente pelo valor do mercado” (HAN, 2020, p. 127).

É tempo e é urgente, da configuração de uma nova narrativa, de uma nova forma de vida. Uma forma de vida que nos faça sair dessa casa mercantil, como diz Byung Chul Han, para novamente viver num lar, onde vale a pena viver, celebrar e festejar. Como poderão a VRC e a Formação contribuir no resgate dessa autêntica forma de viver tanto na Igreja, na sociedade e na própria VRC? As nossas Casas de Formação são lares onde se pode viver, celebrar e festejar?

## Discípulos-apóstolos de Jesus

Podemos encontrar na vida pública de Jesus com os seus discípulos-apóstolos um interessante percurso de itinerário. São pessoas simples, pescadores e trabalhadores comuns que aceitaram o desafio de seguir Jesus. Plenamente humanos, passam por tudo que é

humano. Não foi fácil, por vezes, para eles compreender a proposta de Jesus, particularmente a sua novidade. Mas, uma vez transformados e iluminados pelo Espírito avançaram intrépidos mundo afora para anunciar o Reino de Deus, formando comunidades eclesiais.

As mais variadas fraquezas ou dificuldades podem ser encontradas no processo formativo dos discípulos-apóstolos de Jesus. Nem a luta pelo poder escapa (Mt 20,20-28). Há dificuldade em compreender a novidade da proposta de Jesus (Mc 4,13-20). Mesmo no momento mais crucial da vida de Jesus eles têm medo, duvidam, dormem, fogem e o negam (Lc 22,39-46.54-65). Assim mesmo Jesus não perde a confiança neles. Um símbolo desse processo é Pedro. Mesmo depois de tantas impertinências (Mc 8,31-33) ele é escolhido para liderar a comunidade nascente (Mt 16,18).

Jesus passa um tempo considerável com os seus (Mc 4,10-12), que ele chama de amigos (MARTINI, 1981, p. 144). Tanto nos evangelhos sinóticos quanto em João aparecem diversos elementos do itinerário formativo de Jesus com os discípulos-apóstolos. Em Marcos vemos Jesus que “subiu a montanha e chamou a si os que ele mesmo quis; e eles foram ter com ele. E constituiu doze entre eles, para que ficassem com



ele e para enviá-los a pregar” (Mc 3,13-14). É fácil reconhecer nessa perícopes diversos elementos de um itinerário formativo. Há um claro chamado de seguimento para estar com ele e ser enviados em missão.

O itinerário formativo de Jesus com seus discípulos-apóstolos é realizado na vida diária. Eles vivem com Jesus acompanhando-o em suas andanças. Veem o que e como Jesus faz. Trata-se de um processo formativo marcadamente participativo e envolvente. O processo formativo conduzido por Jesus é acurado, contudo os resultados são paradoxais. Podemos observar nos evangelhos que em diversos momentos Jesus não era compreendido, havia resistências e mesmo crises. A perspectiva de passar pela cruz para chegar à ressurreição não foi fácil para os discípulos. Na realidade conseguiram dar passos efetivos na medida em foram iluminados pelo Espírito Santo e acompanhados pela comunidade nascente (MARTINI, 1984, p. 67).

Em Lucas 24,13-35 podemos identificar outros elementos de um itinerário formativo. Jesus caminha com os discípulos, dialoga, pergunta, partilha, apresenta uma memória narrativa. Mas também sabe ser exigente: “ó homens incapazes de compreender e lentos em crer tudo que

os profetas anunciaram” (v. 25). Por sua vez os discípulos manifestam seu desconforto, tristeza (rosto sombrio), dúvidas, descrença, perguntas, escutam... E tudo se encaminha para um encontro transformador, narrado nos versículos 30 e 31. Esse encontro transformador gera uma nova dinâmica de vida. Passam de símbolos regressivos para símbolos progressivos integradores da vida nova em Cristo ressuscitado.

Poderíamos continuar mencionando tantos outros episódios em nosso esforço para destacar o itinerário formativo de Jesus com os seus discípulos-apóstolos. É por exemplo, o lava-pés (Jo 13,1-17), onde Jesus os convoca a assumir um novo projeto de vida. Outro belo episódio formador de Jesus é a aparição junto ao lago de Tiberíades (Jo 21,1-14). Jesus ajuda os seus discípulos a retomar o dinamismo da vida nova com uma experiência de partilha através da qual o reconhecem. E finalmente podemos mencionar o diálogo de Jesus com Pedro sobre o amor. As insistentes perguntas de Jesus a Pedro o fazem dar-se conta das exigências do seu compromisso com o Reino. Como diz Martini: “o encargo pastoral que Jesus dá a Pedro funda-se numa relação de confiança e filial intimidade com o Senhor, mais do que qualquer outro dote humano, ainda que se

tratasse de capacidade de governo ou qualquer outra capacidade de presidência” (1990, p. 117).

## **A perspectiva dos itinerários formativos**

### **Documento de Aparecida**

Para chegar a vida nova em Cristo, o texto conclusivo da Assembleia do CELAM realizada em Aparecida no ano de 2007, propõe a perspectiva dos itinerários. Para isso, são necessários “itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais” (DAp 281). Trata-se de uma proposta de formação para todo o Povo de Deus, com as características de ser integral, que-rigmática, permanente, atenta às dimensões humanas e respeitosa dos processos.

A proposta dos itinerários de Aparecida não considera somente conteúdos, mas requer “equipes de formação convenientemente preparadas que assegurem a eficácia do próprio processo e que acompanhem as pessoas com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas” (DAp 281). Por isso, os tradicionais métodos de evangelização e formação já não constituem mais uma resposta efetiva. Nessa nova perspectiva o protagonista por excelência é o discípulo-missionário. Nada de atitudes

passivas ou resistências, mas atitudes proativas, constituindo-se em primeiro responsável pelo processo de evangelização e formação. Os líderes ou formadores são facilitadores. Da parte do discípulo-missionário requer-se abertura, transparência e compromisso como atitudes fundamentais para vivenciar um itinerário formativo personalizado.

Aparecida também destaca a contribuição dos leigos e leigas nos itinerários formativos. Eles trazem para os processos formativos “uma riqueza original, pois, a partir de suas experiências e competências, eles oferecem critérios, conteúdos e testemunhos valiosos para aqueles que estão se formando” (DAp 281). E na formação dos religiosos/as como integramos e valorizamos os leigos e leigas?

## **Itinerários Formativos**

Mas afinal de contas, o que entendemos por Itinerários Formativos? Se queremos que a proposta dos Itinerários Formativos sejam um diferencial precisamos ser claros. Por Itinerários formativos entendemos experiências<sup>2</sup>, percursos intencionais abertos,

<sup>2</sup> É importante diferenciar experiência de vivência. Segundo Byung Chul Han “.na experiência encontramos o outro. Esses encontros são transformadores sim, nos modificam”. Por sua vez, “as vivências, ao contrário, prolongo o eu no outro, no mundo” (2021, p. 84).

dinâmicos, progressivos, proporcionais, existenciais, flexíveis, integradores e acompanhados. Não são cursos ou atividades, opõe-se à homogeneização e inclusão em um todo fechado e apriorístico, tampouco são processos meramente intelectuais, espirituais ou afetivos. Os itinerários consideram condições, intencionalidades, trajetos, metodologias, conteúdos, processos e, devido ao seu caráter dinâmico, requerem revisão e atualização constantes.

Outro aspecto importante dos Itinerários Formativos é a superação da compartimentalização da formação tradicional. Por isso é anacrônico falar em Formação Inicial ou Permanente. Estamos diante de um percurso ininterrupto que vai, pelos menos, desde o despertar vocacional até o encontro definitivo com o Deus da vida. Haverá especificidades ao longo da vida que vão requerer atenções diferenciadas.

## Ser cristão

A VRC, segundo Jon Sobrino, é “uma forma de aproximar-se do ser cristão (a) dentro de um grupo apostólico, seguindo o carisma de um(a) Fundador (a)” (1984, p. 316). O mais profundo ou longe que alguém pode chegar é ser cristão (ã). É importante enfatizar, segundo Sobrino, o caráter dinâmico da fé, chegar a ser, sempre

é algo novo e desencadeia novos processos, tanto na vida pessoal, comunitária, eclesial e social. A VRC é um processo constante de conversão na fé. Pressupor que já somos cristãos/ãs é abandonar uma das dinâmicas centrais da fé. É fundamental para o religioso/a ou leigo fazer a experiência de ser cristão/ã no seguimento de Jesus Cristo, comprometendo-se com a transformação da realidade, em uma Igreja sinodal em saída missionária, segundo a perspectiva do Reino de Deus.

O Papa Bento XVI em sua Encíclica *Deus Caritas Est* afirma que nós cremos no amor de Deus que permite expressar nossa opção fundamental de vida. Por isso, no “início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 01). O seguimento de Jesus Cristo é fundamental e decisivo. O cristianismo é vida, dinamismo e abertura a novos horizontes. Mas sobretudo é um encontro personalizado que toca o ser humano em todas as suas dimensões.

## Acolher o chamado à VRC

Acolher o chamado a VRC requer um exercício vertical de liberdade. Bernard Lonergan desenvolve em sua obra *Método*

em *Teologia* o tema do exercício horizontal e vertical de liberdade. “Um exercício horizontal de liberdade é uma decisão ou eleição que ocorre dentro de um horizonte<sup>3</sup> estabelecido. Um exercício de liberdade vertical é um conjunto de juízos ou decisões por meio dos quais passamos de um horizonte para outro” (2006, p. 231).

Contudo, Lonergan observa que no exercício vertical de liberdade há duas possibilidades:

1. O novo horizonte é notavelmente mais profundo, amplo e rico, contudo, está em consonância com o horizonte anterior e representa o desenvolvimento de suas potencialidades;
2. Ou a passagem para um novo horizonte que ultrapassa o anterior, começando uma nova sequência que vai revelando maior profundidade, amplitude e riqueza. É uma meia-volta, que tradicionalmente denominamos conversão intelectual, moral ou espiritual. Na verdade, um exercício vertical de liberdade é um salto de qualidade. Tanto a vida cristã quanto a VRC

requerem exercícios de liberdade vertical. Como o exercício de liberdade vertical se dá em nossos itinerários formativos? Sem esse salto de qualidade facilmente a pessoa segue vivendo o mesmo que vivia sem avanços significativos.

## Uma metodologia específica

Como os Itinerários Formativos se caracterizam por ser experiências formativas eles requerem uma metodologia específica. Por isso, é fundamental passar das metodologias tradicionais (aulas, conferências, palestras, cursos (mesmo *online*) para experiências formativas. Mesmo uma boa formação acadêmica ou espiritual é insuficiente. A experiência formativa somente é efetiva na medida em que considera a vida real e complexa da pessoa e suas relações.

O protagonista por excelência dos Itinerários formativos é o próprio formando/a. Ele é o primeiro responsável pelo seu processo formativo. Posturas passivas ou de resistência são inaceitáveis. Requer-se atitudes proativas e capacidade de desenvolver habilidades e competências. Os formadores são facilitadores e responsáveis por um acompanhamento qualificado. De parte dos forman-

<sup>3</sup> Para a noção de Horizonte(s) e suas distinções (complementares, genéticos e dialéticos) remetemos para a obra de Bernard Lonergan (2006, p. 229-231).

dos requer-se abertura, confiança, transparência e eticidade para assumir um itinerário formativo personalizado.

## **Acompanhamento personalizado**

Um dos elementos chaves para a efetividade dos Itinerários formativos é o acompanhamento personalizado. Cada vocacionado tem suas narrativas que necessitam ser acolhidas, compreendidas e trabalhadas. Aqui retorna a importância de uma equipe de formadores multidisciplinar. Olhares diferenciados podem com mais facilidade fazer o diagnóstico, prognóstico e oportunizar experiências de liberdade vertical.

No acompanhamento personalizado compete aos formadores uma importante missão. Profissionais de outras áreas também podem contribuir de forma significativa. Contudo, não podem substitutos dos formadores. Tanto os formadores quanto profissionais de outras áreas têm a missão de ajudar os formandos a assumir com liberdade e responsabilidade o seu itinerário formativo.

O acompanhamento personalizado exigido pelos Itinerários formativos requer “considerar e contar com a vida real e complexa das pessoas” (MORANO, 2006,

p. 53). Ao analisar a vida real e complexa das pessoas é importante considerar as dinâmicas pessoais, ou seja, suas potencialidades, dons, qualidades, carismas, medos, crises, possíveis distúrbios, narrativas familiares... Outro aspecto a considerar são as relações interpessoais e as dinâmicas comunitárias. Para evitar enganos, trata-se de passar das situações concretas para o ideal e não o contrário. Um desafio constante será articular verdade e ternura, exigência e compreensão.

Outro desafio importante considerando os Itinerários formativos é a experiência de Deus. Como proporcionar experiências formativas que sejam configuradoras de sentido? Há alguns anos João Batista Libânio (1982, p. 3) falava de experiência fundante. Ou seja, uma experiência espiritual em condições de plasmar a pessoa na sua integralidade para assumir com maturidade a mística e a profecia próprias da vida cristã e da VRC.

Percebe-se hoje, como também em outras épocas, uma significativa ambiguidade em relação às experiências religiosas. Lima Vaz distingue experiência religiosa de experiência de Deus: “a experiência religiosa não é, especificamente, uma experiência de Deus; e a experiência de Deus não é, estru-

turalmente, uma experiência Religiosa” (1974, p. 81). A experiência de Deus ou espiritual é uma experiência de sentido ou de plenitude, enquanto a experiência religiosa é uma experiência do sagrado, como tão bem demonstrou Rudolf Otto, em sua clássica obra “O Sagrado” (2022, p. 192-199). O desafio é ajudar o vocacionado a passar da experiência religiosa para a experiência espiritual. Uma experiência espiritual fundante que perpasse e integre a vida, que supere os ritualismos e formalismos, e que seja configuradora de sentido é fundamental.

## A Formação como Lugar Teológico

Vamos concluir as nossas considerações sobre *O desafio da formação inicial – Itinerários formativos em tempos de mudança* com algumas considerações sobre a formação como lugar teológico. Aqui não se trata de entrar na discussão dos célebres lugares teológicos de Melchior Cano. Vamos usar a expressão em sentido analógico. Em nosso continente temos um bom exemplo. Jon Sobrino fala dos pobres como lugar teológico. Vamos usar a expressão lugar teológico não tanto como fonte ou referência da doutrina cristã, mas como espaço privilegiado de encontro, de experiência

de Deus. Uma experiência configuradora de sentido que envolve, como na antropologia semítica, a pessoa como um todo (Mc 12,30).

No grupo de mensagens prévio à oficina *O desafio da formação inicial* apareceu a perspectiva da formação como lugar teológico. Mas também se comentava que muitas vezes os espaços formativos são espaços duros, pesados, pouco arejados e que inclusive podem infantilizar. A pergunta que se impõe: como a formação pode ser um lugar teológico? A abordagem dessa temática ultrapassa o espaço deste texto. Aqui simplesmente vamos destacar alguns elementos que consideramos importantes para que a formação possa ser caracterizada como lugar teológico.

Para facilitar a abordagem vamos falar em dimensões, sem esquecer a unidade fundamental do ser humano. Em primeiro lugar está dimensão humana. A formação deve ser um lugar de verdadeira humanização. Um lugar onde o formando/a pode desenvolver as suas potencialidades para assumir com liberdade a sua opção de vida. Um lugar onde se evita processos simbólicos regressivos que infantilizam, que dificultam ou impedem o vocacionado/a assumir com liberdade a mística e a profecia próprias da VRC e que lhe possibilitam serem portadores



da esperança do Reino de Deus. Um lugar onde se pode viver relações humanas caracterizadas pela liberdade, calor humano, autonomia, alegria e compromisso.

Outro aspecto importante, considerando a formação como lugar teológico, é a vivência cristã. Sem dúvida uma qualificada formação acadêmica é importante. Contudo, aqui vamos centrar na vivência da fé cristã. Como chegam nossos formandos/as às Casas de Formação? Como assumem a vida nova em Cristo decorrente da consagração batismal? Como assumem e vivem a sua condição de discípulos missionários/as? Como vivem os sacramentos, particularmente a eucarística e a reconciliação? É fundamental que a formação considere com seriedade e profundidade os elementos centrais da nossa fé cristã na configuração da experiência de Deus.

Na consagração religiosa vivemos o seguimento de Jesus Cristo segundo carismas específicos que são dons de Deus. Em diversos momentos em nossa oficina foi mencionado que com os carismas não se negocia. Se perdemos a radicalidade evangélica o carisma corre o risco de ser uma das tantas propostas da sociedade de consumo. Acredito os jovens que nos procuram querem dedicar suas vidas a um projeto que vale a pena viver. A escassez vocacional

não permite aceitar qualquer um. Jesus foi claro e preciso, segundo os relatos evangélicos, permitindo que alguns o seguissem e outros não. Não podemos ser condescendentes ou ambíguos em nossas opções, orientações e decisões.

Entre os diversos aspectos que ainda se poderia mencionar quero destacar a experiência de Deus ou espiritual. Como diz bem Lima Vaz, mencionado anteriormente, a experiência de Deus é uma experiência de sentido. Os nossos processos formativos ajudam as novas gerações a assumir a espiritualidade como configuradora de sentido, integradora da vida e comprometida com a mística e a profecia?

Ao concluir esta partilha e reflexão sobre *Os desafios da Formação Inicial – Itinerários formativos em tempos de mudança* queremos manifestar a nossa confiança no Deus da vida que continua conduzindo o seu povo, e nele a VRC, com suavidade e sabedoria. Foi isso que vivenciamos no Congresso dos 70 da CRB. Temos, como formadores e formadoras, uma parcela importante na formação das novas gerações para que a mística e a profecia, características da VRC, continuem sendo sinal de esperança em meio das comunidades eclesiais e particularmente dos pobres e excluídos.

## Referências

- CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília/São Paulo: CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- HERMANOS DE LA SALLE. DISTRITO ARGENTINA-PARAGUAY. **Horizonte Distrital de Formación**. Buenos Aires, 2003.
- HERMANOS DE LA SALLE. NOVICIADO INTERDISTRITAL SANTÍSSIMA TRINIDAD. **Itinerário formativo 2024**.
- LIBÂNIO, João Batista. **Discernimiento vocacional – La experiencia ‘fundante’**. Disponible en: [https://mercaba.org/FICHAS/IGLESIA/discernimiento\\_vocacional.htm](https://mercaba.org/FICHAS/IGLESIA/discernimiento_vocacional.htm) Acesso em: 25 jun. 2024.
- MARTINI, Carlo Maria. **O evangelho segundo João**. São Paulo: Loyola, 1990.
- MARTINI, Carlo Maria. **O evangelizador em São Lucas**. São Paulo: Loyola, 1984.
- MARTINI, Carlo Maria. **O itinerário espiritual dos doze**. São Paulo: Loyola, 1988.
- MORANO, Carlos Domínguez. **Afetividade, espiritualidade e mística**. Rio de Janeiro: CRB, 2007.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Niterói, Waldemar Teodoro, 2022.
- RADCLIFFE, Timothy. **A arte de viver em Deus**. São Paulo: Paulinas, 2023.
- VAZ, Lima. A experiência de Deus. Em: VVAA. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974.

# REALIDADE JUVENIL.

Magno de Carvalho Xavier<sup>1</sup>  
Stepheson dos Passos Tavares<sup>2</sup>

## O objetivo da Oficina

O objetivo da oficina “Realidade Juvenil” foi refletir sobre a pluralidade de contextos, vivências e sensibilidades presentes entre as juventudes. Inserido num contexto “sociocultural” e religioso “fluido” e “volátil” o rosto dos jovens passam por um contínuo processo de transformação. Por isso, como educadores(as) e animadores(as) devemos ter presente que “conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece” (CNBB, Doc 85, n. 10). Neste sentido, aproximar-

-se da realidade em que os jovens estão inseridos, ajuda-nos a compreender seus sentimentos, anseios e dúvidas, pois tal realidade influencia diretamente o comportamento das novas gerações.

Assim sendo, a oficina seguiu o caminho metodológico, partindo do método “Ver-Julgar-Agir”<sup>3</sup> e buscou lançar um olhar sobre algumas realidades, interpretando-as à luz do magistério de Francisco. Por último, escolhemos duas posturas necessárias para todo/a educador(a) da fé no acompanha-

---

<sup>1</sup> Religiosos Salesiano. Licenciado em Filosofia. Bacharel em Teologia. Mestrando em Ciências da Religião. Endereço para contato: magnocarvalhosdb@gmail.com

<sup>2</sup> Religioso Salesiano. Bacharel em Filosofia. Endereço para contato: stephesontavares.bre@salesianos.org.br

<sup>3</sup> O método Ver-Julgar-Agir foi formulado pelo cardeal belga Joseph Cardijn diante da difícil realidade enfrentada pelos operários de sua cidade, sobretudo os jovens. O método foi adotado no continente latino-americano pela Teologia da Libertação, também o Papa João XXIII em sua Encíclica Mater et Magistra, adotou o método.

mento das juventudes. Em nosso texto, resumiremos os passos discutidos no minicurso, priorizando o “Ver” e o “Agir”, suprimindo o “Julgar”, que poderá ser trabalhado num outro momento.

## **Vidas que se encontram: bordado divino**

Iniciamos a oficina com uma dinâmica orante a partir de Ex 3, 1-10, em que os 50 participantes receberam pedaços de linhas de bordado e foram convidados a recordarem-se das pessoas, lugares e experiências que contribuíram na construção do bordado de suas vidas. Em seguida, reuniram-se em grupos de 7 pessoas, a partir das cores das linhas e refletiram sobre os sinais proféticos, experiências e companheiros(as) de caminhada que foram determinantes na decisão vocacional.

Concluímos a dinâmica com a união de todas as linhas, de forma que tudo foi colocado no centro do círculo, sobre a imagem de um caminho, simbolizando a grande “teia divina da existência” a qual todos fazem parte. Neste bordado todos somos atravessados por inúmeras pessoas que contribuíram e contribuem para a tessitura das nossas vidas. A pluralidade dos

rostos juvenis esteve presente nas partilhas. Ao fazer memória da história de vida, foram recordados os grupos juvenis, as comunidades eclesiais de base, as testemunhas proféticas do Reino que inspiraram, motivaram e acompanharam.

Ao rezar o tempo presente, os participantes do minicurso recordaram-se dos diversos rostos dos jovens que fazem parte da missão educativa-pastoral assumida pelas comunidades religiosas ali representadas. O cenário multicolorido criado no ambiente oracional, tornou-se expressão da conexão de todos com infinitos cenários e contextos, tudo cuidadosamente alinhavado pelo grande artesão das nossas existências, Deus.

## **Ler os sinais dos tempos**

Após o momento oracional, foram apresentadas duas pesquisas que possibilitaram um olhar razoável sobre a realidade em que nossos jovens estão inseridos. Toda pesquisa é um recorte de um contexto mais amplo e complexo, portanto não pode ter a presunção de ser totalizante. Por isso, nossa pretensão não é reduzir todas as realidades que atravessam as juventudes aos resultados das pesquisas apresentadas. As rea-

lidades juvenis são complexas e multifacetadas, sendo impossível abarcar num minicurso toda a riqueza desse mosaico.

Assim, optamos por apresentar duas pesquisas, a primeira intitulada “Pesquisa Juventudes no Brasil” realizada pelo Observatório da Juventude na Ibero-América (OJI), com a coordenação do professor Paulo Cesar Rodrigues Carrano, que contribuiu para perceber algumas características das juventudes do nosso tempo. A segunda, organizada por Agenor Brighenti, traz uma reflexão sobre o perfil dos “padres novos”, que em sua maioria tem influenciado as novas gerações. As pesquisas são instrumentos valiosos para analisar criticamente a realidade juvenil e podem iluminar a *práxis* evangelizadora junto as juventudes de nossas comunidades.

A Fundação SM, por meio do seu Observatório da Juventude na Ibero-América (OJI), em parceria com pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e da Universidade do Estado do Rio (UERJ), realizaram a pesquisa “Juventudes no Brasil – 2021”. Sendo elaborada no segundo semestre de 2019,

A pesquisa retrata justamente o momento que antecede o início da pandemia provocada pela Covid-19, e pode ser considerada um marco na transição dos jovens brasileiros, trazendo à tona dados que já eram preocupantes e que foram intensificados com as restrições, tais como o fechamento das escolas, a falta de acessibilidade para acompanhar atividades remotas, o aumento do desemprego e os impactos na saúde mental. (PESQUISA JUVENTUDES NO BRASIL, 2021).

A pesquisa recorda que “atualmente, o Brasil possui cerca de 211 milhões de habitantes, dos quais cerca de 50 milhões se encontram na faixa etária definida, legalmente, como juventude, que abarca o largo espectro compreendido entre 15 e 29 anos de idade” (Pesquisa Juventudes no Brasil, 2021). Segundo a pesquisa, o que mais incomoda as juventudes do Brasil é a corrupção, sendo apontada por 62% dos entrevistados. O “racismo, machismo e outras formas de opressão” ficou em segundo lugar, com 57%; já “a desigualdade entre ricos e pobres” e “acesso e qualidade da saúde” receberam, cada, 54% das menções (Pesquisa Juventudes no Brasil, 2021).

Em síntese, a Pesquisa indicou que 49% dos entrevistados disseram sentir medo “quase o tempo

todo” de ser assaltado no transporte ou no caminho para casa ou trabalho. A preocupação com a própria imagem (44%) é apontada como aquilo que mais caracteriza-os e o consumismo surge como elemento muito presente no contexto juvenil. A família (99%), saúde (98%) e educação (98%) são as três esferas mais importantes apontadas pela Pesquisa e a política aparece em último lugar (60%), sendo considerado um ponto que não tem tanta importância para a maioria dos entrevistados.

Dois terços dos jovens se consideram religiosos, contudo, “os católicos só são maioria entre os jovens de mais idade, cedendo esse lugar para os evangélicos em todas as outras idades” (Pesquisa Juventudes no Brasil, 2021). Curioso perceber que a Religião é apontada como um caminho para sentir “paz interior” (64%) e apenas 31% busca a religião como forma de motivação a ter compromisso com os outros.

A segunda pesquisa apresentada durante o minicurso foi a realizada pelo grupo de estudos do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, liderado por. Agenor Brighenti, membro da Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral do CELAM e do Grupo de Teologia latino-ibero-americana. Parte da pesquisa realizada

foi publicada pela editora Vozes em 2021, com o título “O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil” e outra parte, pela mesma editora em 2023, com o título “O novo rosto do catolicismo brasileiro”.

Na obra “O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil”, o autor faz uma distinção entre os chamados “Padres das décadas de 1970/1980 e os “Padres novos”. Tal distinção não tem a intenção de aferrar escrupulosamente todos os padres ordenados nas décadas de 70 e 80 ou os recém ordenados aos grupos citados. Como já mencionado, nenhuma pesquisa é capaz de alcançar todas as nuances do objeto investigado, contudo, dos dois grupos apresentados foi possível ressaltar alguns aspectos que merecem a nossa reflexão.

Em linhas gerais, Brighenti apresenta o perfil dos “Padres das décadas de 1970/1980”, nos seguintes termos:

em geral, as pessoas alinhadas à renovação do Vaticano II e da tradição eclesial libertadora se vinculam à Igreja por organismos como Comunidades Eclesiais de Base, pastoral social, escolas de formação, grupos de família, pastoral da juventude, assim como inseridos profeticamente na sociedade, através de organizações sociais, políticas, culturais etc. (2021, p. 35-36).



Trata-se de um grupo que buscou operar uma recepção criativa do Concílio Vaticano II através das Conferências Episcopais (Medellín – 1968, Puebla – 1979, Santo Domingo – 1992 e Aparecida – 2007), estando vinculados a uma tradição libertadora da Igreja que encontra na Doutrina Social um ponto forte de apelo a conversão pessoal e das estruturas. Por isso, na maioria dos padres pertencentes a esse grupo, há uma ênfase no diálogo entre as questões sociais e a Igreja, em outras palavras, há uma sinergia entre leitura da realidade social e eclesial. Neste sentido, é presente o discurso sobre a Opção Preferencial pelos Pobres, Leitura Popular da Bíblia e a imagem da Igreja como “Povo de Deus”.

Já o segundo grupo, denominado “padres novos”, estão alinhados “por seus vínculos eclesiais, em geral, com movimentos de espiritualidade, obras assistenciais, comunidades de vida e aliança, grupos de oração de corte carismático etc.” (BRIGHENTI, 2021, p. 36). Muitos pertencentes a esse grupo buscam um retorno a Cristandade, momento em que toda a sociedade estava ordenada a partir dos parâmetros ditados pela Igreja Católica. Neste sentido, o mundo moderno plural e secular surge como uma ameaça, visto com desconfiança, pois está per-

meado de elementos que afrontam contra a unidade doutrinal e institucional eclesial.

Ao falar sobre os critérios que pautam a seleção dos jovens candidatos ao presbiterato e ao episcopado, Brighenti destaca,

primam pela fidelidade e obediência visível à Instituição, que privilegia o perfil sacerdotal ao profético, tanto que se dedicam mais ao altar do que ao pastoreio, mas ao intraeclesial do que à missão ad extra. Trata-se de um modelo clericalizante, focado na sacralidade do ministério sacerdotal, cioso do poder do clero, como atestam a solenidade dos paramentos e o discurso doutrinal, mesmo servindo-se dos recursos modernos da comunicação de massa” (2021, p. 25)

Em geral, boa parte dos líderes que compõem o grupo dos “padres novos”

têm uma visão que valoriza a liberdade do indivíduo, as comunidades religiosas como comunidades morais e como ilhas de sentido da vida, e percebem ameaçados os valores cristãos. Concomitante, também valorizam o sentido do coletivo, por isso buscam recompor o legado ético cristão-católico (BRIGHENTI, 2021, p. 77).

Também o cuidado com a própria imagem/saúde aparece como um ponto forte entre a maioria

dos líderes religiosos desse grupo, bem como as pregações voltadas para as situações da vida, carregadas de emocionalismo e elementos provindos das ferramentas do coaching.

Em síntese,

*Pelo menos cinco aspectos emergem da visão de mundo dos ‘padres novos’: por um lado, um mundo que se afasta de Deus e, por outro, marcado pela volta do religioso; o individualismo, que dificulta viver a fé em comunidade, mas que ensaia novas formas de sociabilidade; o pluralismo e a diversificação da sociedade que suscita o instinto da autodefesa pela intolerância e a crítica à cultura racionalista e objetivante do simbólico, em muitos casos, pelo viés mágico e esotérico (BRIGHENTI, 2021, p. 110).*

A primeira pesquisa aponta a corrupção, racismo, machismo, violência urbana, desigualdade entre ricos e pobres, acesso e qualidade da saúde, como preocupações das juventudes, no entanto, na segunda pesquisa nota-se por parte dos “padres novos”, certo esfriamento sobre os temas da Doutrina Social da Igreja e um desejo de responder aos problemas da atualidade, retornando ao espírito da Cristandade. Ao que parece, as juventudes veem, sentem e sofrem com os problemas sociais, no entanto, alguns líderes

religiosos parecem não ter a mesma preocupação. Tal assimetria é preocupante, pois diante de uma juventude inquieta com os problemas sociais, a presença de líderes que propõe o retorno a um mundo não mais existente pode conduzir para uma fé alienante.

A primeira pesquisa sinalizou a preocupação dos jovens com a própria imagem, o consumismo como meio de sentirem-se incluídas e a Religião compreendida como um caminho para sentirem “paz interior”. A segunda pesquisa aponta a familiaridade dos “padres novos” com os meios de comunicação digitais, o que em si não é um problema, pois “é possível promover a formação de líderes católicos e católicas para a atuação nas redes digitais, mas desde que a intencionalidade não passe pelo desejo de fama, visibilidade e engajamento, segundo as lógicas midiático-digitais” (SILVA, 2024, p. 20). A questão central é que muitos se utilizam dessas ferramentas para promover magistérios paralelos, movidos pelo individualismo avesso a eclesialidade e por certo narcisismo nocivo a comunhão. Em alguns casos, influencers católicos convertem a própria imagem num produto oferecido e vendido nas mídias sociais.

Muitos desses líderes inspiram um grupo cada vez maior

de jovens que mergulham num cristianismo desprovido do chão da comunidade eclesial. Tem sido comum encontrar jovens que perderam a referência da comunidade local e seguem os “párocos das redes” ou migram insatisfeitos de comunidade em comunidade, num eterno “caça aos hereges”. Em muitos casos, os discursos inflamados desses influenciadores, repletos de furor e moralismo, reforçam nos jovens o clericalismo, o fundamentalismo e o individualismo.

A maneira como as juventudes experimentam o sagrado encontra-se em significativa transformação, contudo, o projeto de Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre, isto é, o Reino de Deus ofertado a todos. Tal projeto brota de uma experiência de Deus, a partir do encontro com Jesus de Nazaré e provoca o desejo de abertura, unidade e comunhão com o Divino e com os irmãos e irmãs. Como animadores/as vocacionais é preciso ter cuidado para não propor aos jovens uma religião vazia de sentido e legitimadora do *status quo*, mas a novidade transformadora do Evangelho de Jesus Cristo. Para isso, precisamos ler os sinais dos tempos, com um olhar sensível, sensato e profético.

## Agir profeticamente: Comunidade e Acompanhamento Espiritual

Uma das primeiras ações de Jesus, quando inicia o seu ministério na Galileia, é chamar pessoas para uma experiência de convivência, por meio do seu seguimento (Mc 1,16-20). O primeiro objetivo da missão é criar comunidade, congregar pessoas em torno do projeto do Reino de Deus, compartilhar vidas e missão. A experiência de Deus brota da abertura para a vida fraterna, toda a mística, embora seja individual, surge da consciência de pertencimento à uma comunidade de fé.

Toda pessoa humana é em si um ser de relação, desejosa de viver a dinâmica da comunhão. Há na constituição humana um desejo de relação, por isso, o isolamento é contrário à própria natureza humana. Tal inclinação para a comunhão vem do próprio Deus que é comunidade, pois ao sermos criados “a imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26), foi-nos impregnado uma marca divina que encontra na relação o caminho para o sentido da existência humana. Leonardo Boff recorda que, “no princípio está a comunhão dos Três e não a solidão do Um” (BOFF, 1988, p. 23).

Libânio destaca que

Não seríamos capazes de construir nenhuma comunhão entre nós e com Deus, se não tivéssemos recebido d'Ele o dom de vivê-la. Por sua vez, Deus não poderia comunicar uma comunhão pessoal com Ele e entre os seres humanos, se Ele não fosse antes, em sentido abissal, comunhão em si mesmo. (2004, p. 302)

Diante de experiências do sagrado que potencializam o individualismo avesso a comunidade, como animadores/as vocacionais, é preciso propor o espaço da comunidade como lugar que educa. Atenta as transformações sociais, a Comunidade é o lugar da formação integral do sujeito, onde corpo e alma, mundo e paraíso, homem e Deus não estão dissociados, mas unidos. Por meio do humanismo cristão, a comunidade converte-se numa escola da vida onde crianças e adultos, jovens e idosos, vivem os valores evangélicos, em clima de festa e comunhão.

Em outras palavras, se noutros espaços vive-se uma fé individualista, na vivência comunitária busca-se uma fé encarnada na realidade, que se abre a comunhão com Deus e com os irmãos. Se há lugares em que a alegria e a espontaneidade são demonizados, a comunidade eclesial deve favorecer momentos de celebração festivas, encontros fraternos, passeios

alegres e missões que ajudem os jovens ampliarem os seus horizontes, por meio da convivência sadia e fraterna.

A dinâmica da comunidade deve ajudar os jovens a saírem de si mesmos e irem ao encontro do outro, revelando o rosto de Deus nos empobrecidos. Diante da lógica econômica presente em nossa sociedade que visa a crescente separação entre os mais ricos e os miseráveis, a comunidade recorda que a dinâmica do Reino é partilha, onde todos têm as oportunidades para uma vida digna de ser vivida, sem espoliação dos menos favorecidos.

Durante o minicurso, foi possível acompanhar, por meio de vídeos, alguns depoimentos de jovens de diversas realidades, que sublinharam a importância da comunidade eclesial em suas vidas. Como animadores/as vocacionais é impossível realizar um acompanhamento das juventudes oportuno a um mundo em profunda transformação, sem apresentar a força profética e transformadora da vida em comunidade.

Além da Comunidade de fé, outro ponto importante no trabalho com as juventudes abordado na oficina, é o “acompanhamento espiritual” como uma jornada de relação e crescimento. Em outras palavras, o acompanhamento es-

piritual oferece a cada jovem um caminho para aprofundar sua experiência de Deus. Desse modo, aquele/a que é acompanhado/a, por um/a orientador/a espiritual cresce na fé, pois é capaz de contemplar os sinais de Deus na própria história e refletir sobre os seus valores, habilidades, virtudes e fragilidades promovendo um maior autoconhecimento que permitirá a reflexão sobre o seu projeto pessoal de vida.

À luz desses pressupostos, percebe-se que no coração dessa prática está a ideia de “relação”, onde o amadurecimento espiritual é visto e compreendido como um caminho contínuo e dinâmico. De acordo com a filósofa alemã Hannah Arendt, “...o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos” (ARENDR, 2007, p. 65). Dessa forma, se o mundo é o horizonte de sentido das relações e ações humanas, o acompanhamento espiritual acontece através da relação com o outro.

Papa Francisco ressalta a importância de termos guias espirituais experientes e prudentes. Neste teor, ele sublinha que “hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a

arte de esperar, a docilidade ao Espírito” (FRANCISCO, 2013, n. 171).

E ainda,

a Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta «arte do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. *Ex* 3, 5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã (FRANCISCO, 2013, n. 171).

Uma das habilidades mais importantes para quem é orientador(a) espiritual é a arte de escutar. Escutar é mais do que simplesmente ouvir; é uma capacidade do coração que possibilita a verdadeira proximidade e um encontro espiritual responsável e amplo. Através de uma escuta atenta compassiva e respeitosa, aqueles que acompanham espiritualmente podem guiar os assistidos a encontrar os caminhos para um crescimento autêntico, suscitando o desejo do ideal cristão e o desejo de conformar-se plenamente ao projeto do Reino de Deus, através da experiência com a pessoa de Jesus Cristo.

Dessa maneira, compreende-se que o verdadeiro acompanhamen-

to espiritual reconhece que cada pessoa tem uma situação única diante de Deus. Por certo, o Papa Francisco estabelece esse vínculo entre o acompanhante e o assistido, pois “são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente” (FRANCISCO, 2013). Da mesma forma, no discernimento vocacional, a presença do Espírito Santo é fundamental. Para Papa Francisco (2013), “O verdadeiro acompanhante é o Espírito Santo”. Tal discernimento é um diálogo a três: o acompanhante espiritual, o vocacionado e Deus.

Conclui-se que a proximidade e a presença significativa em meio aos jovens traduzem um estilo de educar e evangelizar que passa pela relação autêntica. O caminho do acompanhamento espiritual é exigente e comprometedor, mas é preciso que cada comunidade religiosa e seus/suas membros sintam-se capazes de desempenhar o ofício do acompanhamento, sobretudo das juventudes.

## Fazer ressoar

Ao entender que cada jovem dentro de seu contexto, é protagonista de sua trajetória de vida, este minicurso considerou que a maneira de experimentar o sagrado e a resposta vocacional são diversas e se encontram em significativas transformações. A sociedade que foi fonte de inúmeras

vocações, em muitos lugares, está em extinção o que desafia animadores/as vocacionais a serem capazes de ler cenários, tendências, desejos e possibilidades latentes e emergentes nos contextos em que estão inseridos.

A Realidade Juvenil pode variar significativamente dependendo do contexto cultural, religioso, socioeconômico, geográfico, entre outros. Contudo, há desejos que são comuns entre os jovens de hoje, tais como:

1. A busca por pertencimento a um grupo como meio para fortalecer a própria identidade, autoestima e estabelecer conexão com seus coetâneos;
2. O desejo de serem acompanhados em seus caminhos por alguém que transmita segurança e seja uma referência.

Neste sentido, como animador(a) vocacional, é preciso oferecer aos jovens um acompanhamento próximo, empático, humano e repleto da sensibilidade divina capaz de ajuda-los a crescer na fé e discernir seu projeto de vida. Tal acompanhamento deve encontrar o chão seguro de uma Comunidade eclesial que celebra os mistérios com fé e devoção, que é acolhedora, fraterna, aberta ao diálogo com as questões sociais e comprometida com os empobrecidos.



O tema refletido no minicurso deixou-nos alguns questionamentos:

1. Estamos abertos/as para escutar a diversidade dos jovens que batem a nossa porta? Temos tempo para acompanhá-los ou nos escondemos na justificativa de que os assuntos burocráticos consomem o nosso tempo?
2. Realmente acreditamos na força profética da comunidade, como lugar de santificação-humanização das nossas relações?

O Papa Francisco durante a viagem apostólica ao Bahrein, país no Oriente Médio, disse às juventudes, “queridos jovens, precisamos de vocês!”, de fato, a Igreja e a VRC necessitam do protagonismo juvenil para que possa renovar continuamente as suas estruturas e aquebrantar os esquemas pastorais ultrapassados. Para isso, é preciso “caminhar juntos”, na força profética da vida em comunidade que nunca perde o encanto.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**, 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. São Paulo: Vozes, 1988.
- BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- SILVA, Aline A. et al. **Influenciadores Digitais Católicos**. Efeitos e Perspectivas. São Paulo: Editora Ideias e Letras, Paulus, 2024.
- LIBANIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos: tratado da fé**, 2. ed., São Paulo, 2004.
- FRANCISCO, Papa. **Christus Vivit**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Juventude. São Paulo: Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- PESQUISA JUVENTUDES NO BRASIL – 2021. Disponível em: [https://www.fundacaosmbrasil.org/cms/wpcontent/uploads/2021/10/Resumo\\_Pesquisa\\_Juventudes\\_no\\_Brasil.pdf](https://www.fundacaosmbrasil.org/cms/wpcontent/uploads/2021/10/Resumo_Pesquisa_Juventudes_no_Brasil.pdf).
- XAVIER, Magno de Carvalho. **Cristão leigo**. Um chamado a unidade e a santificação do mundo. São Paulo: Aparecida, Santuário, 2021.





## **ENCONTRO PARA ACOMPANHANTES ESPIRITUAIS**

**Tema: Acompanhamento Espiritual  
e abuso sexual**

**15 a 17/11/2024**

**Presencial em Brasília,  
Centro pastoral dos Estigmatinos.**

**Ass: Ir. Annete Havenne, ISM  
Dra. Eliane De Carli, Núcleo Lux Mundi**

**As inscrições serão abertas a partir do mês de Setembro**

# ANIMAÇÃO VOCACIONAL.

Ir. Márcio Costa<sup>1</sup>

## Introdução

A oficina Animação Vocacional ocorrida no congresso dos 70 anos da CRB Nacional contou com a participação de 46 religiosas/os, em sua maioria pessoas que estão à frente dos processos vocacionais de suas congregações ou que se destinam a assumir esta missão. A oficina discorreu de maneira a iluminar as práticas com a animação vocacional. Ela foi organizada metodologicamente a partir de quatro grandes temas estratégicos: Cultura vocacional; Juventudes, chão fértil vocacional; pedagogia vocacional (itinerário e processo vocacional); animador vocacional.

Tendo em vista estes grandes temas, a oficina seguiu o roteiro pedagógico organizado pelo assessor, fazendo reflexões acerca

de cada tema estratégico e motivando o grupo a construir perspectivas de atuação a partir de cada tema discutido. A dinâmica foi realizada construindo painéis pelos quais todos participaram ativamente, contribuíram e apresentaram ideias. Neste artigo, apresenta-se todo o caminho percorrido na oficina.

## Cultura vocacional

Refletimos no início da oficina sobre o conceito atual de cultura vocacional buscando fundamentação na teologia da vocação para compreender que, enquanto animadores vocacionais, somos desafiados nestes novos tempos a estruturar um macroprojeto de animação vocacional que pense estrategicamente o acompanhamento, desenvolvimento e ama-

---

<sup>1</sup> Irmão Marista. Formador da etapa do Postulado Marista do Brasil. Psicólogo, Pedagogo e Teólogo. Endereço para contato: mhcosta@marista.edu.br

durecimento daqueles e daquelas que estarão conosco nesta caminhada.

É importante destacar que a animação vocacional é espaço estratégico para trabalhar duas finalidades fundamentais. A primeira é **cuidar daqueles e daquelas que já estão vivenciando sua vocação na Igreja**. Sabemos o quanto este movimento é essencial e necessário, sabemos sobretudo que é cuidando de nós mesmos que fortalecemos a possibilidade de também cuidar de quem está ao nosso lado na caminhada. Por tanto, um papel primordial da animação vocacional é olhar com atenção para quem já está vivenciando sua vocação. A segunda finalidade é **despertar novas vocações para a Igreja e para as congregações religiosas**. Já nos sinaliza o Papa Francisco “A Juventude é campo fértil vocacional, nela encontraremos a possibilidade de renovação da Igreja”. E a animação vocacional é necessariamente o lugar pedagógico dessa compreensão para os jovens. Neste sentido, enquanto animadores vocacionais, precisamos nos preparar para lidar com os processos vocacionais sinalizando tanto os desafios quanto as belezas deste processo. A cultura vocacional amplia nosso olhar, fazendo-nos compreender o

sentido da animação vocacional em nossa vida e na vida de tantos jovens que acompanhamos.

Este olhar necessita de atenção em vários âmbitos estratégicos. Na **dimensão humana**, ajuda-nos na compreensão da pessoa, sua história, seus traumas, suas dores, suas forças, belezas e riquezas de sua vida. Tudo isso pode e deve ser vivenciado no processo vocacional. O autocohecimento intervém diretamente nas relações interpessoais que nos desafia a superação de crises, à capacidade de desenvolvimento e amadurecimento.

A **Espiritualidade** ajuda a entender a manifestação de Deus em sua história, recuperar o profetismo e sua atração, encontrar Jesus Cristo e perceber a experiência de Deus em nossas vidas (Teografia).

A **Pedagogia vocacional** oferece um caminho vocacional composto por processos de acompanhamento aos chamados até sua maturidade em Cristo. É a vivência de um itinerário através das Etapas: despertar, discernir, cultivar e acompanhar e considerar as dimensões humana, Cristã e Eclesial.

A **Eclesiologia** introduz no Mistério de Comunhão onde são suscitados os carismas e ministérios para o bem do povo.

Após a reflexões sobre estas dimensões da cultura vocacional compreende-se que **quando há cultura vocacional** há identidade e sinergia, sensibilidade e escuta, leveza nas relações, liberdade de colaborar com missão, testemunho de fraternidade, desejo de que o carisma institucional seja reconhecido, interesse pelas vocações, espiritualidade profunda, respeito pelas diferenças, amor institucional, dedicação.

**Consequentemente quando não há cultura** vocacional, há crise identitária, resistência ao novo, dificuldade de se relacionar, falta de reconhecimento da missão, relações fragilizadas, falta de anúncio do próprio carisma, preconceitos com as vocações, crise espiritual, confronto com as diferenças, perda de valores institucionais, esmorecimento, relaxamento, comodismo.

## Painel da Cultura Vocacional

Com base nesta introdução foi construído o **primeiro painel da cultura vocacional**, onde os participantes sinalizaram os **compromissos necessários** à cultura vocacional:

- Respeitar o processo de amadurecimento humano e de fé;
- Inserir-se na realidade dos jovens, conhecê-los;
- Dinamismo e respeito das realidades;
- Nova mentalidade;
- Equipe interdisciplinar em prol das vocações;
- Conhecimentos, habilidades e tradições que merecem respeito/diálogo;
- Tornar Jesus conhecido e as vocações específicas conhecidas na Igreja;
- Trabalhar a dimensão humana e sua história;
- Realizar processos de autoconhecimento;
- Desenvolver itinerário claros: equipe apaixonada e decidida;
- Acompanhamento, animação, presença;
- Aproximação das juventudes;
- Conhecimento, sinergia e encontro;
- Vivência vocacional;
- Despertar para o sentido e valor da vocação;
- Alegria e autorresponsabilidade com a animação vocacional;
- Amor e paixão pela vida a ser vivida;
- Doação, amor e coerência;
- Cultura vocacional são os valores que a pessoa tem dentro de si;
- Trabalhar todas as vocações;

- Envolvimento congregacional, paroquial, e comunitário de todas as pastorais e movimentos;
- Causa abraçada por todos: respirar a vocação como um chamado de Deus;
- Integração,
- Viver intensamente nossa vocação como religiosa;
- Escuta e diálogo
- Compromisso, respeito e coragem para atuar com as vocações;
- Compromissos de todas as comunidades;
- Desenvolvimento da vida, levando os jovens ao despertar daquilo que é o melhor de si. O caminho da vida que Deus percorre com ele.
- Cultivo de métodos e conteúdos que despertem as vocações;
- Trabalho em conjunto.

## Painel das Juventudes

Na elaboração deste segundo painel, o grupo foi motivado a pensar sobre as realidades juvenis. A reflexão inicial foi motivada pela frase “Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades”. Como animadores vocacionais, um passo fundamental, antes de desenvolver qualquer tipo de ação com os jovens, é fazer

um diagnóstico de seu contexto, sua realidade. É preciso perguntar-se: Quem são os jovens? O que eles sentem? O que eles pensam? O que eles fazem? Com base nas respostas a estas questões avançamos em termos de conhecimento dos desafios e das belezas existentes nas realidades dos jovens, isso nos ajuda a ser mais assertivos com a pedagogia vocacional.

Compreendemos com a oficina que ainda vivenciamos os grandes desafios dos pré-conceitos estabelecidos no meio social quando olhamos para os jovens. A visão estereotipada e minimalista do jovem nos prende a conceitos negativos e, conseqüentemente, não conseguimos acertar na forma de atuar com a animação vocacional, justamente porque em muitas de nossas pedagogias de acompanhamentos estamos ofertando processos que não se encaixam nas realidades juvenis. Conhecer as realidades juvenis é fundamental e estratégico para pensar o que podemos ofertar.

A animação vocacional por sua vez, deve descobrir o seu papel no meio dos jovens, mais do que simplesmente gerar resultados quantitativos. Ela deve prezar pelos resultados qualitativos, sobretudo, os que colaboram com o desenvolvimento e amadurecimento dos jovens em suas opções de

vida. Com base nestas motivações o grupo foi orientado a construir o segundo painel apresentando as realidades juvenis, seus conceitos e desafios:

- Os jovens são o presente de Deus, os protagonistas da sinodalidade, os diferentes a serem acolhidos;
- Apresentam marcas familiares e questões emocionais;
- Os jovens estão nas periferias e em vulnerabilidade;
- Os jovens são pessoas cheios de sonhos, medos, dúvidas;
- São jovens carismáticos, indecisos, proféticos;
- São desanimados e sem vocação;
- Estão sempre em busca de algo, apresentam situações familiares em desequilíbrio;
- Juventude do medo;
- Samaritanos, sem muitas perspectivas de vida;
- Sedentos de encontrar seu lugar no mundo;
- Estão fora da Igreja, desanimados, muito show e pouco compromisso com a missão;
- Espiritualidade individualista, centrada em si mesmo;
- Vivem em busca de sentido, em meio as suas dúvidas, sonhos e ilusões;
- São estudantes, trabalham, são carismáticos, são de PJ e lideranças;
- Estão em busca de um padrão de beleza e querem viver uma radicalidade;
- Os jovens são uma incógnita sem perspectiva, a espera de uma solução mágica;
- Alguns inseguros, outros destemidos e sonhadores, outros medrosos, frágeis, lutam pelos sonhos;
- Vivem uma transição constante, são desafiados constantemente;
- Carregam a marca da alegria;
- São esforçados, animados,
- Jovens sem muitas expectativas de vida, marginalizados, desejam encontrar um caminho, desempregados, vítima de racismo;
- Trabalham para contribuir com seus familiares, são catequistas na Igreja, são da RCC
- Jovens do interior, não possuem oportunidade universitária, sem emprego;
- Jovens que não querem nada e jovens comprometidos;
- Jovens sem rumo, sem compreensão, sem amor, buscando se encontrar;
- Grandes batalhadores que vivem numa sociedade que cobra aparência;
- Uma pessoa em processo de desenvolvimento;



- Procuram espaço na Igreja;
- Só querem saber de oba, oba, estão por fora da realidade humana e social;
- São dinâmicos, gostam de arriscar e são brincalhões;
- Jovens que necessitam de orientação em seus projetos de vida;
- Estão em busca de um ideal de felicidade,
- São ansiosos, imediatistas, buscam significado para a vida por meio do seu agir e pelo externo;
- Buscam por referência, segurança, não querem assumir responsabilidades;

## Painel da Pedagogia Vocacional

Sobre a Pedagogia Vocacional refletiu-se inicialmente sobre os paradigmas vocacionais importantes para nós animadores vocacionais. A partir da perícopre dos discípulos de Emaús (Lc 24), compreende-se Jesus como o animador vocacional que desenvolve toda uma pedagogia com os dois caminhantes. Nesta pedagogia, Jesus apresenta ao animador vocacional o passo a passo. O primeiro movimento é da **aproximação amorosa, misericordiosa, humilde, criando com os discípulos** um vínculo de confiança e

abertura. O segundo passo é o do interesse por conhecê-los, escutá-los e assumir o compromisso de estar junto e caminhar com eles. Neste sentido, é estratégico saber quem são os jovens antes de iniciar qualquer caminho com eles.

Outra inspiração importante nesta perícopre é a simbologia da casa, da mesa, do pão. É ao redor destes símbolos que acontece o milagre da partilha do mistério de SER pessoa, de ser irmandade. Jesus se apresenta como um irmão, senta a mesa, partilha o pão e desenvolve atitudes sagradas e é justamente através destas atitudes que Ele é reconhecido.

Todo o percurso desenvolvido por Jesus junto aos discípulos, nós podemos chamar de Itinerário vocacional, para nossa Igreja o itinerário se desenvolve em etapas: Despertar, Discernir, Cultivar e Acompanhar.

No **Despertar** compreendemos que é preciso olhar para a dimensão humana da vocação. Nosso primeiro chamado é à vida, a ser pessoa. Deus quis que estivéssemos aqui e somos projeto de Deus. No despertar podemos apresentar Jesus Cristo aos jovens enfatizando a vivência do compromisso batismal para o exercício fiel da missão que nasce a partir do batismo que recebemos. Por fim, o despertar pode

estimular a dimensão eclesial da vocação, favorecendo às jovens experiências eclesiais.

No **Discernir**, o itinerário vai exigir que o jovem dê mais um passo no caminho. Nele pode-se trabalhar as motivações vocacionais, a responsabilidade pela opção de vida, os sinais que são indicadores de um verdadeiro chamado da Trindade. O processo de discernimento, tendo presente a pedagogia usada por Jesus nos evangelhos, questiona as motivações, sonda as intenções, alerta para a radicalidade e a seriedade da opção.

Em seguida vem a etapa Cultivar, de superar o imediatismo que tantas vezes caracteriza o processo vocacional. O medo de perder vocações leva tantas vezes à pressa, à precipitação, àquela atitude de direcionar as pessoas. Isso acontece, sobretudo, no âmbito da vida consagrada e do ministério ordenado. Muitas vezes falta a eclesialidade, falta autoconhecimento. São passos que não podem ser queimados dentro da pedagogia vocacional.

O **acompanhamento** na pedagogia vocacional é reconhecido como uma etapa transversal deve passar por todo o itinerário, o animador vocacional a desenvolve durante todo o processo, ajudando o/a vocacionado/a na opção vo-

cional consciente e livre justamente porque a resposta ao chamado divino é um caminho a ser percorrido.

Os participantes da oficina sinalizaram os seguintes elementos neste terceiro painel relacionado ao Itinerário:

- O itinerário deve ser lugar de escuta, acolhimento, orientação e diálogo;
- Atento ao perfil dos jovens, proporcionar-lhes experiência com Jesus;
- Respeito ao tempo do jovem, tempo de questionamentos;
- Tempo de convivência, e de conhecer-se;
- Trabalhar as motivações, a determinação de cada vocacionado/a;
- Escuta atenta e acompanhamento sistematizado;
- Realizar discernimento, vivência de fraternidade, trabalhar o sentido do amor e da honestidade como valores;
- Tempo de promover a vida;
- Conhecer o jovem e sua família;
- Assistência preventiva
- Vivência de espiritualidade;
- Construir juntos o caminho de discernimento;
- Aproximar-se dos jovens, conhecê-los e escutá-los;

- Discernir o chamado através da consciência;
- Conhecer as realidades juvenis e falar de Jesus;
- Tempo de respeito, amorosidade, sinceridade;
- Seguir o passo a passo do itinerário;
- Acompanhamento terapêutico;
- Conhecer a história de vida dos jovens;
- Ajudar os jovens a descobrirem sua vocação;
- Desenvolver experiências de comunidade eclesial;
- Proporcionar aos jovens, orientações e ferramentas para trilhar seu caminho vocacional.

## O Animador/a vocacional

Considerando o aspecto inicial do cuidado com aqueles e aquelas que já estão vivenciando sua vocação, neste tema a oficina trabalhou a perspectiva do autocuidado do animador vocacional, fazendo um levantamento do perfil daqueles que irão acompanhar todo o itinerário vocacional.

A animação vocacional não pode ser um apêndice institucional. Ela deve ser prioridade estratégica em toda a sua dinamização. Ela requer um olhar atento e cuidadoso para com os animadores vocacionais.

Normalmente somos exigentes com quem atua com a animação das vocações. No entanto, olhamos pouco para sua dimensão subjetiva. É importante reconhecer este aspecto da natureza humana de todos nós. Por sermos essencialmente humanos, somos por vezes complexos, intensos, carregamos nossos limites e traumas, e é neste contexto que precisamos cuidar e atentamente acompanhar os animadores vocacionais.

O projeto de vida do animador vocacional deve considerar seu desenvolvimento pessoal. É através deste projeto que ele terá condições de se autoavaliar, crescer e amadurecer em muitos aspectos subjetivos. Para os animadores vocacionais é importante o olhar atento e a atenção ao processo vivenciado no itinerário.

A pedagogia vocacional por sua vez, ajudará o animador vocacional a sistematizar os processos de acompanhamento dos jovens, tendo como critério três elementos centrais da pedagogia vocacional:

1. **Identificação:** quando o animador vocacional reconhece que o jovem, depois de ter realizado todo o caminho percorrido, aponta para identificação entre seus desejos pessoais e as ideias institucionais da vocação a qual ele acena viver. Este passo é impor-

tante para compreensão do sentido de pertença institucional;

2. **Consciência:** o animador vocacional identifica se há senso de responsabilidade pela vocação a qual a pessoa vem sinalizando. Ter consciência, requer firmeza da pessoa em discernimento, saber onde está pisando, as responsabilidades da opção desejada, bem como, as consequências de uma vocação assumida;
3. **Encanto:** o animador vocacional verifica os tons de alegria e a profundidade da felicidade da pessoa ao vibrar por sua vocação. Quais os sinais existentes que expressam a vontade de Deus nesta vocação a qual o jovem deseja seguir, este é um papel que o animador vocacional deve fazer a partir da sensibilidade humana, identificando se há encantamento, energia de amor, quando no processo o jovem sinaliza a vocação específica.

Com base nestes elementos e tantos outros apontados pela teologia da vocação, o animador vocacional pode estruturar o seu projeto de atuação com a animação vocacional. Todo o processo deve ser constantemente avaliado, e o animador vocacional deve ter ci-

ência de que o processo avaliativo das pessoas precisa ser feito em equipe, todo o processo vocacional deve ser empreendido em equipe o que favorece leveza, assiduidade ao itinerário, criatividade e planejamento bem elaborado.

Os participantes da oficina sinalizaram os seguintes elementos neste quarto painel relacionado à construção do perfil do animador vocacional:

- Inserção do animador vocacional nas comunidades;
- Compromisso e organização;
- Compaixão, testemunho e fidelidade;
- Acolhida e alegria;
- Clareza de sua vocação;
- Uma pessoa feliz em sua vocação;
- Envolver-se e encantar-se com o que faz;
- Paciente, orante, criterioso, humano e sábio;
- Gastar de ser SAV;
- Valores claros e inegociáveis;
- Espiritual e missionário;
- Humildade, compreensão e alegria;
- Ser humano, aberto para si e para com o outro;
- Amor e equilíbrio pessoal;
- Motivação, ânimo, coragem, tempo;
- Atento, transparência;
- Criativo, gostar de trabalhar com a juventude;

- Amar a sua vocação;
- Saber escutar;
- Amar a si próprio, sua vocação, e o seguimento de Jesus Cristo;
- Cuida de seu emocional;
- Estratégico, transparente, e cuide de seu emocional e psicológico;
- Responsável, místico e entusiasmado
- Pessoa feliz, presença significativa no meio dos jovens;
- Desejar que as pessoas conheçam e sigam o projeto de Jesus Cristo;
- Ser simples, humilde, honesto e aberto a ser ajudado e tenha desejo de crescer.

## Conclusão

Acreditar na animação vocacional exige de nós um passo estratégico de organização pessoal e institucional. No contexto da oficina com os congressistas, construímos inicialmente um conjunto de premissas fundamentais a missão com a animação vocacional. Tais premissas refletidas em conjunto e em uma dinâmica de movimento apontavam para questões essenciais e de extrema importância para nossa conscientização ao desenvolvermos animação vocacional.

Enquanto animadores vocacionais, necessitamos gostar da

animação vocacional e dedicar tempo a ela, organizando os processos e aprofundando elementos essenciais da teologia da vocação. Precisamos, necessariamente, colocar a animação vocacional como prioridade institucional em nossa missão, este é um eixo estratégico e fundamental. Forçoso é levar a sério os acompanhamentos vocacionais. Esta é uma marca específica da pedagogia vocacional. Isso implica em estudar e conhecer os conteúdos referente ao itinerário e processos vocacionais e desenvolver cultura vocacional para condução eficaz dos processos vocacionais; estar feliz na vocação que escolhi para viver.

Este conjunto de premissas estimulou o grupo a pensar na realidade paroquial, diocesana e congregacional, avaliando os processos, e percebendo novas perspectivas de atuação. Este conjunto de elementos construídos nesta oficina a partir de cada painel, podem ser frutos iluminadores para prática pedagógica com a animação vocacional. Sendo um fator essencial, a animação vocacional cuida de apontar caminhos, orientar e conduzir as pessoas a encontrar a melhor forma de seguir Jesus Cristo, fazendo do seu projeto pessoal de vida um projeto de transformação e anúncio do Reino de Deus.

# CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DOS/AS RELIGIOSOS/AS NEGROS/AS E DOS POVOS INDÍGENAS NOS 70 ANOS DA CRB NACIONAL.

Ir. Carlos Alexandre Pereira Maraes FMS<sup>1</sup>

Ir. Vilma Nogueira<sup>2</sup>

Ir. Joílson de Souza Toledo FMS<sup>3</sup>

## O porquê da oficina

Num contexto social marcado por realidades desumanas, precisamos refletir, junto dos (as) negros/as e indígenas brasileiros, e com brancos, como isso afeta a Vida Religiosa Consagrada (VRC). A pertinência deste tema toca a vida dos/as religiosos/as na riqueza da diversidade cultural, geográfica e carismática que os caracteriza. Cada realidade, com seus gritos, alegrias e anseios, pode ser encantada com a diversidade de rostos e corpos, com as

riquezas culturais da Vida Religiosa Consagrada. O GRENI, ao celebrar os 70 anos de história da CRB, quer continuar a ser fermento na massa, como consagrados/as, negros/as e indígenas, que enriquecem a vida com um novo esperançar no mundo.

## Quem somos?

O GRENI é um grupo de reflexão dos religiosos e religiosas negros/as e indígenas. É um espaço que proporciona uma maior conscientização sobre a própria

---

<sup>1</sup> Irmão Marista. Pedagogo, Teólogo, Especialista em Juventudes. Coordenador regional do GRENI Goiânia. Endereço para contato: cmaraes@marista.edu.br

<sup>2</sup> Irmã Calvariana. Bacharel em Ciências da Religião. Coordenadora do Projeto Betânia do Cuidado, em Fortaleza. Endereço para contato: 1vilmanogueira@gmail.com

<sup>3</sup> Irmão Marista. Doutorando em Teologia. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: mistagogo@yahoo.com.br



identidade dos afrodescendentes e dos indígenas dentro da VRC, em vista da superação de todos os obstáculos que impedem uma plena convivência fraterna e missionária na VRC, na Igreja e sociedade. Realiza-se por meio de uma construção relacional humana, que acentua o mútuo respeito, a valorização de si mesmo e do outro, em benefício da missão e do acolhimento às diferenças, que cada vez mais enriquecem a própria VRC.

Antes de surgir o GRENI, ocorriam muitos fatos significativos na sociedade da América Latina, na Igreja Católica e na própria VRC. Na sociedade da América Latina surgiam, por exemplo, grandes movimentos políticos contra o Regime da Ditadura Militar. Os movimentos sociais lutavam em vista do restabelecimento da democracia em seus países.

A VRC na América Latina foi incentivada a inserir-se nas realidades sociais e culturais dos povos negros e indígenas. A partir daí começou-se a perceber a presença dos rostos negros e indígenas dentro da VRC. Essa constatação dos/as religiosos/as negros/as e dos indígenas dentro da Vida Religiosa provocou um clamor que despertou a luta pela causa dos povos negros e indígenas.

A partir da rica descoberta dos rostos negros e indígenas na vida

religiosa, a CRB Nacional assume, com consciência, o seu papel profético e motivador, oficializando, em 1992, o grupo de reflexão dos/as religiosos/as negros/as e indígenas.

## **As raízes da espiritualidade dos povos negros/as e indígenas**

A forma de rezar na cultura dos/as negros/as e dos povos indígenas passa pela dinâmica da ecologia, das relações com a casa comum, onde o ter recebe um papel secundário na mística da oração. Quando nos propomos a rezar com o sagrado, que perpassa todo o nosso ser, a lida diária e os momentos de encontro, mesmo os mais simples, são revestidos daquelas alegrias que tornam benditas as partidas e as chegadas.

Que alegria! Enquanto lhes damos as boas-vindas, os/as convidamos a pensar na força e na beleza de sua identidade enquanto negras/os e indígenas, que já estão contidas no seu nome e em seus traços étnicos. Acolhemos a mãe Terra. Como seres relacionais que somos, abraçamos as raízes que nos dão vida, pois elas fundamentam nossa espiritualidade.

Nós rezamos a vida a partir dos quatro elementos: terra, água, ar

e fogo. Neste solo sagrado de Fortaleza, Ceará, Nordeste, num dia com chuva e sol, que nos fez sentir calor, nos sentimos abraçados/as pela vida e animados/as a renovar nossa fé e disposição para viver. Somos de muitos quilombos e tribos; cada um/a de nós vem chegando de um chão marcado por diferentes realidades, e trazendo motivações diferentes para este encontro da VRC, em comemoração dos 70 anos da CRB.

- Terra – Coloque os pés no solo e sinta gratidão por estar aqui agora, pisando neste chão sagrado, por onde já passaram tantos homens e mulheres que fizeram história no GRENI antes de nós. Deixe vir ao seu coração o sentimento de gratidão por estas pessoas que deram passos onde pisamos agora, que construíram uma história da qual somos herdeiros/as e continuadores/as. Respire por três vezes, profunda e lentamente. Inspire como quem cheira uma flor e expire como quem sopra uma vela. Respire, relaxe e sinta;
- Água -Vamos acolher em nosso meio a água. Em uma cidade como Fortaleza, de lindas lagoas e praias, que nos remetem ao povo cearense e sua relação com a natureza, pensemos na água como base de incontáveis riquezas culturais do Nordeste. Ao tocarmos esta água, vamos sentir o seu frescor e seu cheiro, enquanto vamos recordando a forma com que este símbolo marca nossas celebrações afros e indígenas, nos convidando ao acolhimento recíproco. A leveza da água representa a transparência, a riqueza e a diversidade da vida que está dentro de nós e que quer fluir... Vá tocando nessa água perfumada e pensando na beleza da vida que está dentro de você;
- Fogo – Duas pessoas passam com a vela acesa no meio do grupo – acolhemos este fogo que simboliza a força de vida, o entusiasmo, o axé e a fé, presentes nos povos negros e indígenas, aqui representados por uma religiosa negra e outra indígena, que portam este fogo em suas mãos. Contemplemos esse fogo que ilumina, aquece, esclarece e clareia nossa visão quando estamos juntos/as. Como que sortido da ciranda da vida, um poema: Mar de foguinhos... Declamado por uma irmã negra. “Um mar de foguinhos” – texto de Eduardo Galeano

“Um homem do povo de Ne-guá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir ao alto do céu e na volta contou: Disse que tinha contemplado, lá de cima, a vida humana. E disse que somos um mar de foguinhos”.

- Ar - Os encontros do GRENI são espaços onde podemos respirar mais aliviados, porque nos possibilitam falar de nós mesmos como somos, como estamos, sem julgamentos nem preconceitos. No espaço vital do aquilombar, podemos respirar melhor os desafios e alegrias da vida, pois, ao longo do caminho, somos sufocados e vamos perdendo o direito a respirar. Estamos vivos. Somos sobreviventes de um grande contexto em que a vida foi (e é) constantemente ameaçada, somos buscadores/as de dignidade, respeito, interação e construção de uma história nova, para nós mesmos e para os demais. Então, de pé, vamos respirar juntos, criando um movimento de vida de dentro para fora, de fora para dentro, assim como tem sido nossa luta e nossa caminhada nas congregações religiosas e na sociedade.

Ao fim desta pequena e significativa jornada que passamos juntos, que nos fez viver a espiritualidade dos vivos, numa rica diversidade de sonhos e carismas, representados nesta sala, somos mais conscientes da riqueza que nos caracteriza. Cada um e cada uma é convidado/a dar um abraço de gratidão em si mesmo/a por ter priorizado estar aqui hoje nessa oficina. Depois, a abraçar o vizinho, a vizinha, e lhe desejar uma boa continuação de oficina. “Eu sou porque nós somos e porque nós somos eu sou” (Provérbio Africano).

E, como diz Dom José Maria Pires:

Deus é um só, Ser Supremo, criador de tudo, dos céus e da terra. É chamado por diversos nomes, todos genéricos. Eles expressam atributos de Deus e não a sua essência. A natureza de Deus ninguém conhece. Se alguém soubesse qual é o nome próprio de Deus, este teria poder sobre ele, poderia “pronunciar” o seu nome e chegar ao conhecimento de sua intimidade. Olorum (o inacessível) ou Nzambi (aquele que diz e faz) ou Kalunga (aquele que reúne), são alguns nomes mais comuns de Deus. (1994, p. 13).

## A realidade dos Povos Negros/as e indígenas

O fato de Jesus ter vindo da periferia, já carregava o peso e o estereótipo do ser marginalizado na sua própria cultura, já que não pertencia ao ciclo vicioso do poder: pois o Messias era aguardado ornado de pompa e poder, como um rei. Segundo o evangelista João, Natanael coloca em dúvida se Jesus poderia ser algo bom: “Questionou Natanael a Filipe: pode vir alguma coisa boa da Galileia?” (Jo 1,46). Essa pergunta é repleta de preconceitos que desconsideram a cultura e identidade de um povo de uma região, no caso a Galileia; quem nascia ali já tinha uma sina, e considerava-se que de lá não sairiam boas referências.

As estatísticas não deixam dúvidas. O Brasil é, sim, um país racista. As posições subalternas da sociedade são, na maioria, ocupadas por negros e indígenas. Eles são as vítimas preferenciais da pobreza e da violência. Os brancos, no extremo oposto, dominam o topo da pirâmide social. Trata-se de uma realidade que começou a ser construída nos primórdios da colonização europeia, quando foram instituídas a escravidão indígena e a negra. Os indígenas deixariam de ser escravos oficialmente na década de 1750, na

Colônia. Os negros, em 1888, no Império.

Ambos os grupos conseguiram sair da escravidão, mas não puderam ingressar na cidadania plena. Libertos do cativo, não ganharam terra, trabalho ou educação. Privados historicamente desses instrumentos básicos de ascensão social, os negros e os indígenas até hoje não concorrem em condições de igualdade com os brancos.

Apesar de buscar melhores condições de vida na cidade, a maioria dos indígenas vive em situação de pobreza, tem dificuldade de conseguir emprego e a principal renda vem do artesanato. Geralmente, as comunidades estão localizadas em área de risco. Nunca é numa área boa. Segundo dados do senado federal em 2021, 305 casos de invasões possessórias, exploração ilegal de recursos naturais e danos ao patrimônio, em 226 terras indígenas, em 22 estados. (PAIVA; HEINEN, 2024).

A realidade que revelam os Evangelhos: que Jesus foi um homem completo e que, como todo homem, ele não conhecia tudo e, conseqüentemente, esteve sempre em atitude de buscar a aprendizagem, e teve dúvidas em seu caminhar, crises e tentações (CARAVIAS, 1987, p. 17) Segundo os relatos bíblicos, o Filho de Deus

teve a sua trajetória, bem como a sua honra questionadas. Ele foi chamado, por exemplo, de mentiroso (Jo 18,19-24), impostor (Mt 27,11-13), vagabundo (Lc 23,18-24) e falso profeta (Jo 19, 1-6), foi perseguido (Mt 12,1-5), foi condenado à morte (Mc 15,15) e assassinado na cruz (Jo 19,31-36).

As pessoas pretas são as que mais sofrem com o racismo entre os brasileiros, já que nove em cada dez pessoas (96%) compartilham dessa visão. Em segundo e terceiro lugares, os indígenas e os imigrantes africanos, respectivamente, com 57%. O indígena geralmente é visto como uma cultura totalmente fora de nossa realidade, uma cultura separada e que até atualmente continua vivendo de forma isolada e sem contato com as novas tecnologias, conhecimento político e de civilização.

A população indígena do Brasil persiste diante de muitos desafios, carregados de preconceitos e desvalorização de sua existência. Dados do último censo mostram que a população indígena é de cerca de 900 mil, dividida em 305 povos diferentes.

Esses dados evidenciam a realidade de povos que buscam seu lugar numa sociedade que os discrimina e exclui. No meio disso estamos nós, religiosas/os negras/os e indígenas, e não podemos ca-

minhar alheios a essa realidade que nos desafia, tanto por nossa condição étnica quanto por nossa participação nessa mesma sociedade.

## Prática da oficina

Ao iniciar o debate deste subtema, partimos de três perguntas: de onde viemos? o que vivemos? como contribuimos para construir o mundo/sociedade que queremos? Em meio a tantas perguntas, ensaiamos respostas, carregadas de gravidade e de beleza, que remetem à luta de um povo que ainda tem muito a lutar. A invisibilidade dos negros e indígenas é uma construção histórica que a própria história não tem conseguido sanar com o passar do tempo. Neste contexto, todos/as foram convidados/as a escreverem, nos cartazes espalhados pelo chão da sala, palavras ou frases que expressassem nossas histórias dentro da história, que começam antes de 1500, muito antes da invasão europeia. Nas palavras e frases registradas, acolhemos as contribuições de cada um/a, e fomos percebendo que a história continua invisibilizando negros e indígenas, de forma explícita e estrutural, tanto dentro de nossa sociedade quanto da própria vida religiosa consagrada. A resistência heroica dos quilombos, assim

como de nossos irmãos indígenas, é uma página empolgante das lutas da libertação dos oprimidos. São muitas as mágoas e sofrimentos que trazemos, como pessoas negras e indígenas, de uma sociedade que continua nos matando e massacrando simplesmente por causa de nossas origens étnicas, por sermos quem somos.

Diante da profundidade daquilo que as pessoas escreveram nos cartazes, tem-se a sensação de que frustrações e angústias são sentimentos bem presentes nas experiências de lutas, travadas dia a dia, contra uma mentalidade escravocrata e excludente que há 500 anos marca nossa sociedade e estigmatiza negros e indígenas. As respostas dadas pelos presentes nos levam a acreditar que sabemos em que estágio está a sociedade e que há um longo caminho a ser percorrido na conquista de dignidade pelos povos negros e indígenas. O recurso à memória dos povos ancestrais, que deram seu sangue pela vida das futuras gerações, pode nos inspirar a lutar na resistência ao sistema escravocrata e excludente ainda vigente.

Quando trouxemos as realidades dos povos indígenas em nosso país, as pessoas de origem indígena que estavam presentes na oficina apresentaram o desafio,

que já dura 500 anos, de tentar reverter a situação de destruição de seus povos e culturas. São cinco séculos de luta pela sobrevivência, pela posse definitiva das terras que lhes pertenciam e que foram invadidas pelo poder colonizador.

Os jovens indígenas estão sofrendo nas universidades. E ainda tem gente que é contra as cotas. São duas vagas para negros e uma para indígenas. Sabemos o quanto lutamos dentro da própria Igreja. Os povos indígenas lutam para defender seus territórios, é muito complicado. Mesmo sendo difícil nos colocamos em movimento!

Em meio às conquistas que alcançamos como muita luta, vemos um movimento inverso na história, no qual retrocessos, em termos de conquistas, vão sendo notados. São já significativas as perdas no campo dos direitos adquiridos, na reversão ou restrição de políticas públicas, o que vai de encontro com as lutas dos povos negros e indígenas. Vê-se, inclusive, que com a ascensão política da direita e de extrema-direita o diálogo institucional com os povos negros e indígenas é restringido, o que fomenta muitas marchas reivindicatórias nas ruas e, infelizmente, derramamento de sangue inocente.



## Qual é meu papel nestes 32 anos do GRENI?

*Alô, sei que negro eu sou. Negro sim sinhô. E com muito amor!*  
(Efson/Franco/Marquinho P.Q.D.)

Quando voltamos a pensar em nossas origens, herdadas dos povos negros e indígenas, percebemos o quanto tais culturas marcam nossa mística e profecia dentro Vida Religiosa Consagrada hoje. As perguntas que motivaram este bloco de nossa reflexão calaram profundamente em nossos corações, pois percebemos que os desafios e as alegrias do GRENI se misturam com os 70 anos da CRB. Neste contexto, o debate convida a não cair na tentação da culpabilidade, a ficarmos presos ao que deu certo ou errado em nossa caminhada enquanto grupo. A pertença ao GRENI passa por uma identificação pessoal, que perpassa a identidade étnica e cultural de seus membros. Os membros do grupo sabem que fazem parte de um espaço de reflexão e de espiritualidade, que favorece sua autoafirmação como membros de povos diversos, com culturas ricas, que continuam fluindo na cultura brasileira.

Os corpos levam as marcas da opressão secular sofrida. O cabelo do/a negro/a é descrito como

“ruim”, seus traços como “grosseiros”, sua beleza como voluptuosidade luxuriosa, e o negror de sua pele é relacionado com a maldade. De forma que, para ser bom, o negro tem de ter a alma branca. Desta maneira, a expressão da identidade se converte numa vergonha. E esta identidade se converte numa vergonha. E esta identidade envergonhada procurar “branquear-se” para recuperar sua dignidade de pessoas. Os estereótipos e preconceitos em relação a pessoas indígenas são tão agressivos e desumanizadores quanto aqueles sofridos por pessoas negras.

Ao responder à pergunta que norteia este subtema, ficou ainda mais claro que mudanças efetivas na forma como negros e indígenas são vistas e tratadas socialmente, só virão por meio da doação e do engajamento de cada um nas lutas que são travadas nos diversos cenários sociais em que esses atores se movem. Assim sendo, também a Igreja e a vida religiosa são espaços de luta, de conscientização e de reivindicação. As reflexões feitas sobre os desafios do GRENI tendem a ficar na esfera da discussão e na busca por culpados pelos problemas enfrentados por seus membros. O desafio maior seria assumir um papel menos vitimista e mais propositivo, chegando a uma situação em que

todos se sentissem responsáveis e engajados nos processos que resultariam em mudanças efetivas, que começariam no próprio grupo e se estenderiam à vida religiosa, à Igreja e à sociedade.

Ao longo da oficina foi-se percebendo que há uma carência de escuta dos anseios dos povos negros e indígenas, tanto na sociedade quanto nos regionais da CRB representados no encontro. Era preciso, pois, perguntar-nos, a partir das falas dos participantes, o que fazer e com o que se comprometer depois de tudo o que dissemos e ouvimos. Só a lamúria não resolve. É preciso fazer algumas escolhas, nos comprometermos ainda mais com a causa que defendemos. Temos consciência de que tudo o que conquistamos não teria sido possível alcançar sem lutas. Precisamos, pois, dar outros passos. É urgente nos movimentarmos em vista de uma efetiva revitalização dos grupos, pedindo às congregações e institutos decisão e resposta.

Como nossas congregações, colégios e obras sociais podem assumir, institucionalmente, a discussão que realizamos aqui, dando respostas eficazes no combate ao racismo estrutural que marca a sociedade brasileira? Diante de tantos desafios, entendemos que não devemos dar respostas apenas individualmente, mas, so-

bretudo, institucionalmente. Devemos, por exemplo, não apenas ser antirracistas, mas combater o racismo a partir de nossas próprias estruturas. A vida religiosa tem muito a oferecer nos debates que preparam intervenções efetivas, capazes de operar mudanças concretas na sociedade. É o que ela tem buscado fazer por meio de religiosos (as) que atuam em meios populares, que frequentam conselhos, participam de ONGs e tantas outras iniciativas sócio eclesiais que reforçam as lutas em prol da renovação da sociedade.

Há a necessidade de favorecer, com certo grau de paciência, espaços propícios ao debate. Como o racismo é algo muito sutil, há a necessidade de que os que o combatem sejam movidos por respeito e inclinados à escuta da realidade, à abertura e à liberdade. É importante pensar políticas institucionais e públicas de inclusão com cuidado para não negar o direito do outro. Nós podemos cobrar passos nesse sentido dentro de nossas instituições. Há muito por ser feito ainda. As mulheres negras, por exemplo, ainda são muito mais subjugadas do que os homens negros. A questão de identidade é um desafio mundial, não só dos negros (as) e indígenas.

A identidade é algo importante para o ser humano. Ter cuidado com um conceito de ser humano

que propõe que uns são superiores e outros inferiores. Ter presente a dignidade do ser humano e gerar unidade em torno a proposições que, de fato, evidenciem a beleza de estarmos em construção, de sermos seres em caminho rumo à plenitude espiritual, biológica e política. Nas abordagens da temática, o grupo ressaltou a importância do interesse pelos espaços de protagonismo nas lutas e na resistência frente à segregação social e racial que marca tão fortemente a sociedade brasileira. Tal dinâmica, ao que parece, passa longe das casas formativas, onde não há incentivo a que os jovens em formação atuem em espaços de resistência.

A negritude e povos indígenas não são somente um componente genético. São, sobretudo, um componente cultural. É, portanto, uma dimensão histórica projetada num tempo, vivida num espaço. É fruto de uma relação ancestral entre um grupo humano e seu ambiente natural e social. É a autoconstrução do grupo a partir de suas condições de existência. Por isso, ao falar das culturas negras e indígenas, é difícil distinguir se são assim por serem negras e indígenas ou pela história e geografia que lhes couber viver.

## Oficina da boneca *abayomi*

Segundo o Google, o verbete *Abayomi* tem origem iorubá, e costuma ser atribuído a uma boneca negra, significando aquele/a que traz felicidade ou alegria. *Abayomi* quer dizer *encontro precioso: abay-encontro e omi-precioso*. O nome serve para meninos e meninas, indistintamente. A oficina de bonecas *abayomi* foi também um convite ao autoconhecimento, à interação interpessoal, à construção de uma identidade pessoal e cultural; uma boneca com significado e características muito próprios motiva os artesãos a também valorizarem suas próprias características e as das outras pessoas, crianças e adultos, constituindo uma confiança em si e uma atitude acolhedora e respeitosa em relação aos outros.

À medida que moldavam aquela boneca, sorrisos de alegria foram escutados, a paciência foi percebida nos gestos dos artistas, a gratidão foi sentida pela oportunidade de, ao menos por um instante, poder dar passos simbólicos na reconstrução de uma identidade, de uma negritude negada. Na elaboração da *abayomi* se percebia sonhos que foram ceifados e muitos outros sendo alimentados na tentativa de reconstrução de uma identidade. A confecção de

uma simples boneca, feita de panos de chita colorida, carrega, na simplicidade de sua manufatura, o potencial de reconectar pessoas com sua identidade mais profunda e com próximo. *Abayomi* veio para resgatar eles perdidos de um povo com sua cultura.

## A diáspora

Não podemos negar os avanços, mesmo lentos, que os povos negros e indígenas têm alcançado em suas buscas e reivindicações. Igualmente, é preciso reconhecer os passos bonitos e efetivos que o GRENI tem dado no decorrer de sua história. Tais conquistas só foram possíveis porque inúmeras pessoas entraram na luta por direitos e fizeram resistência frente a poderes discriminatórios e opressores.

Infelizmente, até os dias atuais há uma parcela da sociedade e mesmo da vida religiosa que ainda acredita que negros/as e indígenas deveriam estar no pelourinho, nas grandes senzalas ou ainda em aldeias e tribos no meio de florestas. Nos conscientizar sobre nossa identidade é primordial, pois só assim poderemos agir com altivez, a partir de uma condição de inculturação que nos capacita para uma intervenção social calçada na verdade do que somos, do que acreditamos e do que queremos para nós e para nossos povos.

Saborear a trajetória história de Jesus nos faz ver, por exemplo, como ele se apresenta à sociedade de seu tempo, sendo resistência, até a morte, aos poderes religiosos e políticos que oprimiam o povo. Ao olhar para a experiência do profeta Nazareno, chego à conclusão de que o embranqueceram, que distorceram sua imagem e suas ideias, desconsiderando seu contexto histórico, para dominá-lo, para que fosse mais facilmente aceito por nossas sociedades ocidentais.

Que bom termos estado juntos, saboreando as alegrias de nossa fraternidade, como em uma tribo ou em um quilombo; que bom que na oração encontramos a satisfação de estar reunidos como povos que sonham e buscam ser tratados como seres humanos e não como animais não pensantes. Nem animais merecem ser tratados como são tratados alguns povos. “Vós negaste o santo, o justo, o autor da vida, que Deus ressuscitou. Disso nós somos testemunhas” (At 3,14-15).

Ser negro/a e indígena numa sociedade pensada e dinamizada por brancos, é, de fato, um desafio, pois não nos sentimos representados em suas estruturas. Nem mesmo na Igreja encontramos sempre um lar acolhedor, seguro e motivador. Sabemos o quanto, infelizmente, as estrutu-

ras eclesiais podem ser excludentes para pessoas negras e indígenas. É preciso fazer-se negro/a; é preciso assumir as raízes indígenas que nos dão vida; é preciso assumir as dores e os anseios de nossos povos negros e originários,

na esperança teimosa de que é possível construir uma sociedade mais fraterna e justa; é urgente ser resistência e se impor à manutenção pessoas, de povos, de histórias e de culturas.

## Referências

CARAVIAS, José L. **O Deus de Jesus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

PAIVA, Bianca; HEINEN, Maira. Indígenas na cidade: pobreza e preconceito marcam condição de vida. **Agência Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/indigenas-na-cidade-pobreza-e-preconceito-marcam-condicao-de-vida#:~:text=%E2%80%9CGeralmente%2C%20as%20comunidades%20est%C3%A3o%20localizadas,trabalho%20informal%2C%20sem%20carteira%20assinada>. Acesso em: 31 jul. 2024.

PIRES, José Maria. Eu ouvi o clamor deste povo. Reflexão bíblico-histórica sobre a resistência dos negros na América Colonial. **RIBLA**, Petrópolis/São Leopoldo, n. 19, 1994/3.

# PARTILHA DE CARIMAS.

Marlise Ritter<sup>1</sup>

Ir. Sergio Luiz Silveira Dias, FSC<sup>2</sup>

## Sobre o que conversamos

Partilhar o Carisma é abrir o tesouro que cada Congregação possui, é confiar na ação do Espírito Santo que inspirou mulheres e homens, tocados pela graça de Deus, de profunda fé e sensibilidade, para responderem a uma grande necessidade, uma urgência, um clamor por vida. Foi assim que fundadores e fundadoras de Congregações Religiosas deram uma resposta corajosa, empática, profética de quem viu, ouviu, se inclinou para escutar melhor e não ficou indiferente diante da realidade da sua época e iniciou, na maioria das vezes, não sem di-

ficuldades a fundação da Congregação.

Para concretizar sua opção contaram, em algumas circunstâncias, com cristãos leigos e leigas. Desta forma, cada Congregação, à sua maneira, foi construindo uma história com grande profetismo e esperança.

No decorrer dos tempos, e com o advento do Concílio Vaticano II, houve novos avanços em toda a caminhada da Igreja. Cita-se aqui, alguns Documentos da Igreja que propuseram “o novo” especialmente em relação à vocação laical.

---

<sup>1</sup> Cristã Leiga, Casada, Mãe. Graduada em Ciências Religiosas e História. Partilha do Carisma das Irmãs da Divina Providência. Integra o CNLB (Conselho Nacional do Laicato do Brasil) Diocese de Chapecó e Regional Sul 4. Atua na Paróquia em Pastorais e serviços e Conselho da Saúde do Município. Endereço para contato: marliseritter1@gmail.com

<sup>2</sup> Irmão Lassalista. Mestre em Educação. Coordenador do Grupo de Partilha de Carismas da CRB/RS. Endereço para contato: sergio.dias@unilasalle.edu.br



O Concílio Vaticano II (1962-1965) na concepção eclesiológica da comunhão, definiu o cristão leigo de maneira positiva e afirmou sua plena incorporação à Igreja e ao seu ministério: “Estes fiéis foram incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos Povo de Deus e, ao seu modo, feitos participantes do múnus sacerdotal profético e real de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG 31).

O Documento de Medellín (1968) fala da importância da ação dos cristãos leigos na Igreja e na sociedade. Tal tema se repetiu no Documento de Puebla (1979) que identifica os leigos como homens e mulheres da Igreja no coração do mundo e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja. O Documento de Santo Domingo (1992) os chama de protagonistas da transformação da sociedade. O Documento de Aparecida (2007) pediu maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o ser e o fazer do leigo na Igreja, que por seu Batismo e Confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo. (CNBB, 2010).

A Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, em 2021, contou com a participação de cristãos leigos e leigas com o Lema: “Somos todos discí-

pulos missionários em saída” pela conversão pastoral integral e os quatro sonhos proféticos do Papa Francisco: sonho social, sonho ecológico, sonho cultural e sonho eclesial (UMA IGREJA SINODAL..., 2023).

E com o desejo de uma Igreja verdadeiramente Sinodal, Papa Francisco convidou cristãos leigos e leigas a participarem do Sínodo em Roma, “todos nós fomos batizados num só Espírito para sermos um só Corpo” (1Cor 12,13). Foi esta a experiência, cheia de alegria e de gratidão, que fizemos nesta Primeira Sessão da Assembleia sinodal, que se realizou entre 4 e 28 de outubro de 2023, sobre o tema “Por uma Igreja sinodal. Comunhão, participação, missão”.

Os cristãos leigos e leigas iniciaram sua organização em 1970 como fruto do Concílio Vaticano II, e oficialmente, em um Conselho Nacional de Leigos e Leigas a partir de 1975, significando uma nova perspectiva, isto é, cristãos leigos e leigas organizados tendem a dar respostas mais adequadas em virtude de sua vocação, identidade, espiritualidade e missão vivida na Igreja e como Igreja na Sociedade. (CNBB, 2016, n. 210).

Continuando a caminhada, o Doc. 105, da CNBB, afirma: “Destacamos a presença muito viva

das Associações laicais nascidas dos Carismas das Ordens e Congregações Religiosas, que contribuam para que muitos cristãos leigos e leigas vivam profunda espiritualidade e assumam presença junto aos mais pobres numa perspectiva de assistência, promoção humana e no compromisso sociotransformador” (CNBB, 2016, n. 216).

Desta forma, as Congregações e Ordens Religiosas ao partilharem o seu Carisma, oportunizam para que ele continue vivo e atuante nas diferentes realidades como resposta ao mundo.

Essa afirmação foi lembrada pela Presidenta da CRB Nacional, Irmã Eliane Cordeiro de Souza, MC, ao visitar a Oficina de Partilha de Carismas. Ela falou justamente da importância da Partilha do Carisma para que continue presente na vida das pessoas uma vez que não é patrimônio da Congregação. Para tanto, ela encorajou o grupo a fim de que conheçam o trabalho que já vem sendo realizado nas Regionais e se integrem na caminhada para que este dom continue animando e salvando vidas.

## A oficina

Ao iniciar a Oficina cada participante trouxe o nome do (a) fundador (a) da Congregação, bem

como uma frase força, no intuito de que esta retrospectiva pudesse nos alinhar com o hoje da história e ao mesmo tempo nos conectar com cada Congregação presente.

Não menos importante, em um caminho feito de papel pardo, no centro da sala do encontro, cada participante foi convidado a desenhar seu pé e escrever nele o sonho em relação a partilha de Carismas. Trazemos alguns registros:

- compartilhar vida e missão na igualdade e na diferença;
- sonho em um dia caminharmos juntos realmente;
- fortalecer a família de carismas na Regionais e Nacional;
- partilhar o carisma para ele se tornar novo e tenha continuidade;
- ver o Instituto renovado e revigorado;
- investir na capacitação de leigos de leigas;
- subsidiar, incentivar a criação de novos grupos, elaborar plano de formação;
- participação mais efetiva dos missionários leigos;
- onde o leigo possa vivenciar como missionária nosso carisma, defesa da vida da fé na defesa da criança;
- abrir a espiritualidade e a missão com leigas e leigos, caminhar juntos e juntas;

- sonho que a Regional Pará-Amapá favoreça encontro para os leigos/as partilhareм os carismas para um maior crescimento;
- partilhar com os leigos e as leigas que assumem os trabalhos em projetos sociais em favor da vida e com a interiorização da espiritualidade o lema: fazer tudo para a glória de Deus, tirando a ignorância em todos os níveis da vida por que esta é a causa de todos os males;
- leigos que possam viver o evangelho dos pobres;
- formar comunidades intercongregacionais e com leigas e leigos;
- meu sonho é que o carisma da fundadora seja cada vez mais propagado para ser reparado e restabelecido pelos leigos e leigas junto às Irmãs;
- que os leigos possam ter uma mística mais profunda e participativa do nosso carisma;
- maior participação de leigos e religiosos nos grupos de partilha de carismas;
- mais solidariedade;
- ajudar na expansão do carisma e crescimento das voçães;
- sonho um carisma que ilumine o mundo a luz da palavra de Deus;
- o nosso carisma é as crianças perseguidas, o meu sonho é que as crianças sejam cuidadas por nós;
- sonho, manter vivo o carisma fundacional “Amor aos pobres”;
- viver a intercongregacionalidade;
- mais acolhida sem discriminação, difundir no mundo o nosso Deus da misericórdia;
- que os leigos (as) vivam plenamente seu batismo e que VRC seja apoio para crescer.

Tendo presente os sonhos, seguiram-se com os *slides* apresentando o Histórico da Caminhada da Partilha de Carismas que ocorre há alguns anos. Durante a apresentação, também foram apresentados em vídeo, alguns testemunhos de cristãos leigos e leigas que Partilham Carismas e participam da articulação regional e nacional.

## Fazendo memória

A criação e atuação do grupo da Partilha de Carismas das Congregações, com cristãos leigos e leigas, existe há 23 anos, sem interrupção, iniciado no Rio Grande do Sul. Sempre teve o apoio e incentivo das Assembleias da CRB/RS e da CRB Nacional, por meio da escolha de prioridades, que

deram suporte à continuidade da caminhada. A adesão e participação das Congregações é gradativa e a experiência vai despertando outras a participar. A animação dos cristãos leigos e leigas pelos Carismas contagia, anima e desafia as Congregações a partilhar a “pérola preciosa”, que é o Carisma Congregacional. Muitas iniciativas com formação, encontros, seminários regionais e inter-regionais, Seminário Nacional e Encontros Nacionais já foram realizadas, com temas relacionados, boas assessorias e crescente participação.

O 1º Encontro Nacional da Partilha de Carismas foi realizado em 2009, no Centro Cultural em Brasília, com o Lema: “Comunhão de carismas a serviço da missão”. Teve participação de 68 integrantes de 37 Associações e 34 Congregações com a Assessoria do Prof. Geraldo Aguiar, Assessor do Setor Leigos da Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato da CNBB, e com a contribuição de Ir. Márian Ambrósio das Irmãs da Divina Providência, Presidente da CRB Nacional. Esteve também presente Dom Antônio Celso Queirós, Bispo Referencial para os Leigos na Comissão Episcopal para o Laicato. Teve como objetivos: CNBB setor laicato: “promover a vocação e missão, formação e espiritualidade, organização e

articulação do laicato e favorecer a integração dos Movimentos e Associações Laicais”. E a CRB “intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas”.

Já em 2010 ocorreu o 2º Encontro Nacional em Mairiporã - São Paulo, nesta mesma dinâmica, tendo como Tema: “Vocação, Missão, Organização dos Cristãos Leigos e Leigas” (Ref. Doc. 62, da CNBB: Missão e Ministérios dos Cristãos Leigos e Leigas). **Participantes: 83** de 47 Associações e/ou Congregações. Este 2º Encontro foi assessorado pelo Pe. Geraldo Tadeu Furtado e pelo Sr. Laudelino do Santos Azevedo, Presidente do CNLB.

O 3º Encontro teve como sede, a cidade de Recife - PE, em 2012, e foi o IV Encontro Nacional das diferentes expressões Laicais com o Tema: Concílio Vaticano II: Carisma, Compromisso, Participação e Organização e reuniu um grupo enorme de pessoas com os seguintes objetivos: resgatar as proposições do Concílio Vaticano II e dos documentos sobre o Laicato na ótica dos Movimentos, Associações, Novas Comunidades e outras formas organizativas; e articular a reflexão sobre o Concílio Vaticano II com a caminhada da Igreja no Brasil e suas Diretrizes, com a busca de Comunhão das diferentes expressões laicais e com o carisma particular de cada or-

ganização, colocando-se a serviço da Missão, respondendo as suas urgências.

Em seguida, no ano de 2013, o Assessor do Setor Leigos da CNBB, Prof. Geraldo Aguiar, organizou uma equipe de articulação nacional com representantes dos cristãos leigos e leigas que partilham dos Carismas de Congregações Religiosas, além da representante da CRB Nacional e do CNLB, realizando algumas reuniões para dinamizar encontros macrorregionais da Partilha de Carismas. Eles - os encontros - aconteceram conforme previsto, com o tema: “A missão das Associações Laicais na vivência dos Carismas das Congregações Religiosas frente aos desafios atuais” com significativa participação.

Neste período também houve a troca do Assessor do Setor Leigos da CNBB, assumindo Laudelino dos Santos Azevedo. A equipe se reuniu novamente, em 2016, na Assembleia do CNLB em Aracaju. No intuito de prosseguir com a articulação nacional e das Regionais. No entanto, algumas dificuldades começaram a aparecer, bem como a Pandemia da COVID-19.

A nova configuração da equipe de articulação se deu a partir de 2021, de forma online, quando por iniciativa da CRB Nacional,

foi retomada a caminhada tendo em vista a prioridade que está no Plano Nacional da CRB: *Articular ações, em nível Nacional, com a finalidade de contribuir na concretização da 3ª Prioridade da CRB: “Fomentar a Intercongregacionalidade, a Interculturalidade e a Partilha de Carismas com Leigos e Leigas”.*

## Organização e missão

A equipe é composta por representantes de cristãos leigos e leigas que partilham de Carismas de Congregações Religiosas, pela CRB Nacional, CNBB setor leigos, CNLB e o Bispo Referencial do Laicato e tem como objetivos específicos:

- contribuir com a articulação que já existia no Brasil, no sentido da Partilha dos diferentes Carismas, seja com Cristãos Leigos e Cristãs Leigas, seja com Religiosos (as);
- considerar a história e os objetivos, das iniciativas realizadas, em anos anteriores, de articulação das Famílias dos Carismas;
- partilhar o conhecimento sobre a riqueza de nossos carismas;
- articular com outras representações da Igreja e sociedade;

- estimular projetos de Formação, tendo como referência básica, os documentos da Igreja, em especial do Doc. 105, da CNBB, e os Parâmetros Básicos para a Formação do Laicato;
- apoiar a CRB na temática do laicato nas famílias religiosas;
- fomentar a articulação e o relacionamento dos Carismas com a juventude;
- aprofundar a dimensão da sinodalidade da Igreja – eclesiologia sinodal de comunhão e de corresponsabilidade;
- aprofundar a relação de comunhão com a CNBB e o CNLB.

Esta equipe tem reuniões regulares e dinamiza a “Família dos Carismas” que congrega um grupo maior tanto de cristãos leigos e leigas que partilham dos Carismas das Congregações Religiosas bem como de Religiosos/as, representantes das Congregações.

Durante estes últimos anos foram promovidos seminários e encontros online em nível Nacional e Regional no intuito de contribuir na Formação dos cristãos leigos e leigas e também para fortalecer a partilha de Carismas, visibilizando sua presença e atuação na Igreja e na Sociedade.

A Conferência Latino-Americana dos Religiosos (CLAR) - ainda, em 2017, realizou, em Bogotá, o II Seminário da Partilha de Carismas Latino-Americano e contou com a participação de um grupo de brasileiros. O III Seminário previsto para agosto de 2024 foi transferido para 2025 em virtude da enchente ocorrida, em maio de 2024, no Rio Grande do Sul.

A presença deste segmento na Igreja tem proporcionado, desde 2013, a participação de dois representantes da Partilha de Carismas no Seminário anual com os Bispos Referenciais para as CEBs e o Laicato.

Além disso, a participação de representantes da Partilha de Carismas nas duas últimas Assembleias dos Organismos do Povo de Deus em 2018 e 2022.

Os cristãos leigos e leigas que partilham dos Carismas de Congregações têm a oportunidade de participarem do Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB), que é um espaço de organização, articulação e formação do Laicato e que se faz presente em praticamente todas as Regionais. Algumas Associações que partilham dos Carismas das Congregações já estão inclusive filiados ao CNLB, pois entendem que este é por natureza o espaço dos cristãos leigos e leigas e que em 2025 completa 50 anos de caminhada.



Durante a Oficina aconteceram partilhas e escutas por parte de algumas Congregações que já realizam a experiência em suas bases na partilha de Carismas com cristãos leigos e leigas e que possuem características e caminhadas próprias. Em sua grande maioria ainda não articulados com outras Associações Laicais de sua Regional e/ou com a caminhada Nacional.

Neste momento o diálogo que se estabeleceu sobre o assunto, contribuiu para esclarecer dúvidas, buscar caminhos viáveis como uma resposta aos anseios de cada representante das Congregações que ali estavam para encontrar uma luz ou visibilizar meios e oportunidades para uma integração na caminhada Regional e Nacional.

Na Região Sul onde a caminhada já acontece há alguns anos, existe em cada Regional a equipe de Coordenação. Em SC, onde atuo, somos nós cristãos leigos e leigas que partilhamos dos Carismas que assumimos a Coordenação Regional com assessoria de uma Consagrada. E neste ano estamos fomentando grupos de Partilha de Carismas nos Núcleos existentes em cada Diocese com o objetivo de visibilizar a presença destes grupos, contribuir na formação dos cristãos leigos e leigas e possibilitar a partilha, a entre-

ajuda e o fortalecimento desta articulação.

## Contribuições da Oficina

A importância de mais Congregações conhecerem a caminhada que existe em relação à Partilha de Carismas com cristãos leigos e leigas tanto em nível Regional e Nacional:

- procurar conhecer o que existe na sua Regional da CRB em relação a esta organização;
- buscar se inserir na caminhada tanto as (os) Consagradas (os) e Cristãos leigos e leigas que partilham o Carisma;
- permitir que Cristãos leigos e leigas que tenham o desejo, se aproximem para conhecer e viver o Carisma numa caminhada laical.
- oportunizar a formação dos cristãos leigos e leigas que desejam partilhar o Carisma.

Elencamos aqui alguns registros de ações para o crescimento da Partilha de Carismas, em relação à CRB Nacional e à Regional deixada pelas/os participantes:

- que nos abramos a vida, com os nossos carismas congregacionais; o Carisma é dom, sendo assim é para todos e para todas;

- despertar lideranças, pessoas para o Conselho, pois muitos se acomodam
- continuar oferecendo formação/subsídios para embasamento do tema, estimular para encontros regionais;
- encontros nas Regionais para conhecimento do trabalho em rede, pois acredito que ainda está pouco divulgado;
- cada Congregação fortalecer sua presença e participação dos leigos; inserir-se na programação da CRB em seus níveis;
- que o CNLB Nacional “provoque” as Congregações por meio de comunicações, enviando-as para as Comunidades e coordenadoras e gerais;
- conscientizar os leigos que vivem o nosso carisma há um maior engajamento com a CRB Nacional e regional;
- dar ou fazer uma motivação maior nas Congregações; ainda não percebo enquanto CRB, em especial na Regional essa visibilidade da Partilha de Carismas;
- subsidiar, propor formação em nível de Regionais, investir na Capacitação dos Leigos e deixar que sejam protagonistas;
- que sejamos profetas da verdade nesta caminhada;
- na CRB Regional se organizar mais, dizer da importância e dos objetivos da partilha de Carismas; ajudar as Congregações a se abrirem para a partilha e vivência com leigos e leigas;
- promover encontros na CRB Regionais;
- formar grupos de partilha de Carismas e formação;
- que as Coordenações Provinciais sejam as primeiras motivadoras para acontecer maior envolvimento dos leigos;
- que a CRB Nacional continue animando a partilha de carismas;
- regional enfrentar os fechamentos rompendo paradigmas;
- uma ação concreta: uma carta esclarecedora do trabalho do Carisma com as Congregações feita com a CRB;
- tornar mais eclesial as experiências que temos com os leigos e leigas;
- sugiro para nosso Regional Pará/Amapá organizar e promover um encontro da Partilha de Carismas;
- haver maior intercâmbio da CRB Nacional com as CRB

Regionais; escrever um documento com os passos para criar e animar as equipes de Partilha de Carismas Regionais.

- formação nos diversos níveis, leigos e CRB;
- formar equipes na Regional sobre Partilha de Carismas;
- que cada Congregação assumira de fato agregar à CRB um ou mais representantes dos leigos;
- elaborar um manual com fundamentação e passos para a organização, critérios e formas;
- começar nas Regionais, que ainda não têm, os encontros da Partilha de Carismas;
- fazer encontros de formação sobre o assunto;
- em nosso regional criar ou articular melhor este setor.

## Concluindo

Na oficina foi possível perceber que houve um despertar, um interesse da maioria das/os participantes sobre a Caminhada da Partilha de Carismas e de como a sua Congregação está neste momento.

Percebe-se que as Congregações, em sua maioria, realizam muitos trabalhos com cristãos leigos e leigas, partilham o Caris-

ma Congregacional de diferentes maneiras, mas o que ainda se faz necessário, em alguns casos, é fazer isso de maneira organizada, planejada e articulada com a CRB Regional e/ou Nacional a fim de que os cristãos leigos e leigas façam a experiência de serem sujeitos e protagonistas. Ao mesmo tempo caminhem articulados com outros grupos, de outras Congregações, para fortalecerem sua própria vocação, identidade, espiritualidade e missão.

A oficina também ajudou a perceber desafios, vislumbrar esperanças, e que nem tudo depende só de nós, de nossa condição humana tão somente. Podemos contar sempre com a graça de Deus, com sua presença, pois criados à Sua imagem e semelhança e ungidos no Seu Espírito pelo Batismo, nos tornamos um só Povo de Deus, com os diferentes ministérios que embelezam toda a Igreja, a Sociedade e o mundo.

Oxalá, ouvíssemos hoje e sempre a voz de Deus e do seu Espírito que não nos deixa acomodados, inertes, mas nos faz caminhar, iniciar processos e nos encoraja a usar o avental do serviço, da doação, do comprometimento, assim como os Fundadores/as de nossas Congregações nos testemunharam.

Esperança que toda esta caminhada que estamos fazendo bem como as reflexões aqui trazidas nos leve ao compromisso concreto de envolvimento não somente com a Igreja, com as nossas Congregações, mas com as causas socioambientais, políticas, econômicas, humanitárias, enquanto VRC e Cristãos Leigos e Leigas que partilham dos Carismas das Congregações.

Saibamos em nossos itinerários reconhecer os projetos que estão a favor da vida dos mais fracos e indefesos e tomar a causa destes para que políticas públicas

sejam garantia de vida, que direitos dos povos sejam respeitados e a vida em todas as instâncias seja preservada, promovida e que os sonhos do Papa Francisco sejam os nossos sonhos, ou seja, um sonho social; um sonho cultural, um sonho ecológico e um sonho eclesial. E sejamos sal da terra, luz do mundo, fermento na massa e semeadores/as do Evangelho.

E como disse Padre Eduardo *Michelis*, fundador da Congregação das Irmãs da Divina Providência: “O trabalho conjunto gera uma força indestrutível.”

## Referências

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2016.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e Ministérios dos cristãos leigos e leigas**. São Paulo: Paulinas, 2010.
- LUMEN GENTIUM. **Constituição dogmática sobre a Igreja**. Roma, 21 de novembro de 1964. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html) Acesso em: 3 jul. 2024.
- UMA IGREJA SINODAL EM MISSÃO. ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XVI. Relatório de Síntese – Roma, 28 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/assembly/synthesis/portuguese/2023.10.28-POR-Synthesis-Report.pdf> Acesso em: 3 jul. 2024.

# CERNE 125

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: [formacao@crbnacional.org.br](mailto:formacao@crbnacional.org.br)  
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Convento São Lourenço -  
Porto Alegre, RS*

*De 16 de fevereiro a 27  
de março de 2025*

# IGREJAS E MINERAÇÃO: A VRC FRENTE À MINERAÇÃO.

Pe. Dário Bossi<sup>1</sup>

## Situando a questão

Será que faria sentido oferecer uma oficina sobre Igrejas e Mineração, no Congresso para os 70 anos da Conferência dos Religiosos/as do Brasil? Não seria um tema muito específico, distante do cotidiano da experiência e das preocupações das comunidades consagradas?

Aparentemente, sim, confirmaram os comentários dos participantes da oficina, a maior parte dos quais se inscreveu por falta de alternativas e vagas nas outras 13 propostas temáticas! Porém, foi suficiente uma primeira roda de apresentações, numa escuta calma e atenta da voz dos territórios em que as pessoas estão inseridas, para evidenciar a con-

vivência cotidiana com inúmeros impactos da mineração, na maior parte dos casos despercebidos ou naturalizados.

A partilha das experiências missionárias parecia um dos relatórios dos conflitos no campo da Comissão Pastoral da Terra: a memória de comunidades atingidas e em resistência à extração de bauxita no Juruti (PA), ou ao longo do corredor de Carajás (MA); as feridas da terra e do povo em Minas Gerais; a “bomba relógio” das barragens criadas ao longo de décadas pela mineração e hoje a risco de desabamento; as ameaças da mineração de lítio no Vale do Jequitinonha (MG), para a

---

<sup>1</sup> Missionário Comboniano. Membro da coordenação da Rede Igrejas e Mineração e assessor da Comissão Sociotransformadora e da Comissão para Ecologia Integral e Mineração da CNBB. Endereço para contato: padredario@gmail.com



geração das chamadas “energias limpas”; o sofrimento de mais de 60 mil pessoas em Maceió (AL), expulsas pela mineradora de sal-gema Braskem; os riscos pela extração de urânio no Ceará, a poucas centenas de quilômetros de Fortaleza, sede do Congresso; a divisão das comunidades indígenas do povo Mura (AM), pela extração de potássio; o sangramento dos rios contaminados por mercúrio em Roraima e os novos projetos de extração de petróleo naquela terra; as dragas do garimpo fluvial que invadem o rio Madeira em Humaitá (AM); uma comunidade indígena em conflito com a poluição sonora e do ar pela extração de calcário, no Nordeste...

## **Mineração: mal comum na América Latina**

Trata-se de um tema muito familiar, muito mais próximo daquilo que parece, acolhido pelas comunidades (e frequentemente também pelas igrejas) como mal necessário. “Mineração: mal comum na América Latina”, era o subtítulo da oficina; se um dos princípios do Ensino Social da Igreja é o bem comum, fica evidente que a mineração é o contrário disso, porque está proporcionando enriquecimento de poucos às

custas do sofrimento de muitos. Lucro privado e danos públicos, denunciam os movimentos populares que clamam pelos direitos das pessoas e da natureza. Também os bispos da América Latina chegaram a se pronunciar profeticamente sobre esta violência estrutural, definindo o extrativismo predatório como uma “desenfreada tendência do sistema econômico para converter em capital os bens da natureza” (CELAM, 2018, n. 11).

Extrativismo predatório é a definição mais ampla de todo sistema de relações com os bens naturais baseado no saque; trata-se de um ciclo vicioso em três etapas destrutivas: extrair, consumir e descartar, a taxas cada vez mais intensas, impulsionadas pela exigência de acumular lucro, sem fazer as contas com os limites do Planeta e de seus ritmos de autorregulação e autogeração.

Para que ninguém se oponha a este modelo, que transforma em lucro os bens comuns, é necessário convencer as sociedades que não há alternativas e que este é o caminho que garante desenvolvimento e riqueza. Inteiros territórios são designados como tendo uma “vocaçã mineira”; até a topografia marca as regiões conforme os interesses extrativos. Assim, denominou-se “triângulo

mineiro” aquela região que, em Minas Gerais, muitas comunidades teimam em chamar de “berço das águas”. A cidade onde atuei pastoralmente por dez anos, no Maranhão, chama-se Açailândia, porque originariamente aquela região amazônica era a terra do açaí. Agora, instalou-se na região a empresa Vale S.A., com seus negócios de exportação do minério de ferro, que alimenta também algumas siderúrgicas da região, cujo sonho de consumo seria transformar o nome em “Açolândia”!

Todos os movimentos e as organizações populares que atuam em territórios ameaçados ou atingidos por este modelo sabem que a estratégia mais comum para enfraquecer a resistência é seduzir as pessoas e dividir as comunidades. O papel da vida religiosa nestes contextos é decisivo, porque historicamente ela sempre foi uma fonte de espiritualidade e um sujeito de organização popular, com base nos princípios evangélicos do bem comum, da dignidade da vida, da participação e da solidariedade.

É, de fato, impressionante o quanto pequenas comunidades, extremamente fragilizadas e impotentes na comparação com os grandes projetos de mineração, de agronegócio ou de outras formas de extrativismo predatório,

conseguem resistir e não desistir, apesar da desproporção de poder econômico e político. A força destas comunidades vem de suas espiritualidades, que vinculam as pessoas ao território onde nasceram e cresceram, onde sepultaram seus antepassados, cuja memória e legado são honrados todo dia. É nestes territórios que as comunidades se “envolvem”, estreitam laços de relações vinculantes entre as pessoas e todas as criaturas, mais fortes que os projetos de “desenvolvimento”, que literalmente precisam desfazer as conexões, para se apropriar daquilo que o vocabulário do lucro define “recursos” e as pessoas continuam a defender como “bens comuns”.

Se não contribuirmos a alimentar estas ecoespiritualidades de resistência e esperança, nossa vida religiosa perderá o sabor e uma das oportunidades mais evidentes de sua presença no meio das alegrias e angústias dos povos. “Onde pisam os pés, a cabeça pensa e o coração ama”, cantamos durante a oficina. Se falharmos em manter a vida religiosa conectada com o chão -às vezes sangrento- dos territórios de resistência das comunidades, estaremos traindo o “Evangelho da Criação”, como o chama Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si’*.

Por isso é tão importante conectar as novas gerações da vida consagrada a estes desafios e moldar a formação também em função destes gritos e inspirações.

## Estratégias de resistência

A Rede Igrejas e Mineração<sup>2</sup> publicou recentemente o “Atlas das igrejas em cuidado da Casa Comum”, um mapeamento dos conflitos provocados pela mineração no Brasil e da presença, ou ausência, das igrejas no contexto destes conflitos. Trata-se de um mapa inspirador, que de um lado evidencia a profecia da Igreja, quando se encarna na história do povo, e pelo outro apresenta o desafio da missão, nos diversos territórios em que ainda a Igreja está distante destes temas. O Atlas oferece cinco experiências paradigmáticas de compromissos da Igreja frente à mineração e demonstra, dando-nos orgulho e esperança, que onde há maiores conflitos há também uma maior presença da Igreja, com seu rosto samaritano e profético.

A forma mais prática e efetiva da Igreja se fazer presente é por meio da formação de liderança e

da organização comunitária, frequentemente em aliança com movimentos populares, associações e outras organizações da sociedade civil. Um dos temas mais reivindicados é o direito das comunidades a seu território, que se torna também “direito de dizer não”, quando uma comunidade não aceita a instalação de projetos definidos e frequentemente impostos de fora e por cima delas. Em particular, os povos indígenas, os quilombolas e as demais comunidades tradicionais têm direito à consulta prévia, livre e informada, que precisa ser garantida e acompanhada.

Desde o Sínodo para a Amazônia, ficou claro que as comunidades locais esperam uma aliança da Igreja e da vida religiosa para com elas, uma proximidade em apoio e defesa dos planos de vida e dos sonhos dos povos. Estes devem ser, conforme Papa Francisco,

os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços. Com efeito, para eles, a terra não é um bem económico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam de interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem nos seus territórios, são quem melhor os cuida (LS 146).

<sup>2</sup> Rede ecumênica e interreligiosa latino-americana, fundada em 2013 para articular entre si comunidades que resistem à mineração graças à força de suas espiritualidades. Cf. [www.iglesiasy-mineria.org](http://www.iglesiasy-mineria.org)

A Igreja tem autoridade para incentivar formas de economias locais diversificadas, com protagonismo da iniciativa familiar, com pequenos empreendimentos e propostas de geração de renda que garantam o equilíbrio com os sistemas socioambientais circunstâncias. A experiência das “Economias de Francisco e Clara” é inspiradora e mostra o potencial de novas relações com a Terra e os bens comuns. Nestes âmbitos, também a vida consagrada pode renovar a profecia de Clara e Francisco, anunciando novas relações de paz, na sobriedade e na alegria do Evangelho.

Naturalmente, isso torna-se também opção e compromisso político, ainda mais necessários em tempos de disputa eleitoral nas esferas municipais, mas sempre indispensáveis, para garantir a participação popular e o exercício pleno da cidadania. Nos casos extremos, cada vez mais frequentes, em que as esferas institucionais brasileiras não garantem os direitos das pessoas e comunidades, e não escutam suas reivindicações, é possível também a apelação a organismos internacionais, como o Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC), ou o Conselho dos Direitos Humanos (UNHRC), nos quais diversas congregações da vida religiosa têm status consultivo, formando alianças inter-

congregacionais, como *Vivat International*, *Franciscans International*, ou JCOR.

Finalmente, todas estas formas de compromisso não farão sentido se não houver coerência pessoal e comunitária das pessoas consagradas, tanto nos estilos de vida, no uso dos bens e na relação com as pessoas e com todas as criaturas, mas também no uso do dinheiro de nossas congregações, nos investimentos éticos e no desinvestimento da mineração, bem como na recusa de subornos e benefícios das empresas que possam corromper a resistência e a fidelidade aos projetos de vida locais.

## Epílogo: o sonho do povo Kukama

Para o povo indígena Kukama, no Peru, o rio Marañon é o centro, a força e a mãe do seu universo. Uma federação de mulheres kukama peticionou juridicamente o estado, para que o governo reconheça o rio Marañon como “um ser vivo”.

Os kukama acreditam que abaixo da superfície do rio vivem os karuaras, ou ribeirinhos. Há muita vida debaixo das águas, há cidades no leito do rio. Ali se reencontra a comunidade dos vivos, numa nova etapa da vida, depois que as pessoas deixam sua existência na terra.

No fundo do rio, os filhos e as filhas da comunidade Kukama brincam com as criaturas das águas, convivem e rememoram histórias; eles mantêm comunicação com o resto do povo por meio dos sonhos, que se tornam revelações, interpretações da realidade, conselhos para quem vive em terra, promessa de um reencontro debaixo das águas.

Toda esta cosmologia, profundamente ligada aos ritmos cotidianos da relação dos Kukama com as águas, vem sendo repetidamente ferida e destruída pelos vazamentos de petróleo nos rios amazônicos, cada vez mais frequentes<sup>3</sup>.

Como uma mancha preta, o erro humano da extração de petróleo na Amazônia contamina e cancela os sonhos e as conexões vitais entre as gerações do povo Kukama. O extrativismo predatório destrói as interligações da vida e dos espíritos, sufoca as espiritualidades que sustentam os povos.

Ao contrário, e no enfretamento desta violência socioambiental, a vida religiosa é uma reserva de espiritualidade e de esperança que, humildemente, se soma a tantas outras expressões religiosas e organizações comunitárias e se alia a cada uma delas, para que tudo tenha vida, e vida em abundância.

## Referências

CELAM. **Carta Pastoral “Discípulos Misioneros custódios de la Casa Comum”**, n. 11, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo, Paulus, 2015.

Petrolífera notifica presença de traços de óleo em rio da Amazônia peruana. **Carta Capital**, 17 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.carta-capital.com.br/sustentabilidade/petrolifera-notifica-presenca-de-tracos-de-oleo-em-rio-da-amazonia-peruana/> Acesso em 25 de junho de 2024.

<sup>3</sup> Em setembro de 2022, o governo peruano declarou emergência ambiental por 90 dias, após vazamento de petróleo do oleoduto Norperuano, que afetou seis comunidades Kukama. (Petrolífera..., 2022).

# ARTESÕES/ÃS DO CUIDADO: A VRC COMO LUGAR PRIVILEGIADO PARA A CULTURA DE PREVENÇÃO E DO CUIDADO.

Eliane F. R. Souza De Carli<sup>1</sup>  
Frei Wanderley Gomes, OFM<sup>2</sup>

## Situando a questão

Como tratar o tema da proteção e cuidado em uma das muitas oficinas no Congresso de comemoração dos 70 anos da CRB Nacional, quando o contexto social as fragiliza? Se falamos deste tema, é porque ele nos aparece como carente de tratamento no ambiente social e na Vida Religiosa Consagra (VRC). Uma extensa bibliografia acadêmica e a nossa experiência como Povo de Deus tem sido fermento para, junto ao

magistério das vítimas do Papa Francisco, acolher e criarmos condições de justiça para aqueles que são vítimas/sobreviventes dos abusos, em seus mais diversos tipos, no ambiente eclesial e social. (PREZZI, 2024). É neste contexto que os múltiplos olhares da equipe que compõe o Núcleo *Lux Mundi* (NLM) trabalham conjuntamente para fundamentar cada momento do trabalho. Hoje o Núcleo conta com 8 profissionais de diversas origens de formação atuando no seu dia a dia.

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Comunitário. Coordenadora Núcleo *Lux Mundi*. Assessora Regional para a América na Pontifícia Comissão para a Proteção de Menores, Membro da Comissão de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente da OAB Paraná (CDDCA-OAB-PR), Coordenadora da Comissão de Proteção Integral da Criança, do Adolescente e do Adulto Vulnerável da pessoa do Movimento dos Focolares (COPAC). Médica pediatra, advogada. Endereço para contato: elianedecarli@crbnacional.org.br

<sup>2</sup> Frade Menor. Graduado em Filosofia, Teologia e Psicologia. Mestre em Teologia Espiritual. Doutorando em Psicologia. Endereço para contato: assessoria.luxmundi@crbnacional.org.br



Como corpo desta cultura de proteção em cuidado, em 08 de dezembro de 2020, a partir de uma proposta de parceria entre a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi constituído o Núcleo *Lux Mundi*, cujo objetivo é ajudar e facilitar a organização do trabalho de instalação dos Serviços Eclesiais de Proteção de Crianças, Adolescentes e Adultos Vulneráveis nas estruturas pastorais da Igreja Católica no Brasil.

O trabalho do NLM está estruturado em 5 pilares: 1) colaborar com a criação e a implementação dos Serviços de Proteção nas estruturas pastorais da Igreja Católica no Brasil; 2) ajudar na sistematização, por meio de Políticas de Proteção, das medidas de segurança e proteção de crianças, adolescentes e adultos vulneráveis na Igreja do Brasil; 3) promover a formação e capacitação no que se refere à doutrina da proteção integral e na prevenção da violência contra crianças, adolescentes e adultos vulneráveis; 4) estabelecer parcerias por meio de termos de cooperação com instituições para a realização de nossa missão; 5) reforçar a relação com a rede de proteção da criança e do adolescente em âmbito nacional e local.

Para o 70º aniversário da CRB Nacional efetivamos o nosso 3º pilar, através de uma oficina com aproximadamente 50 participantes, com proximidades diferentes diante do tema. Pessoas que já estão trabalhando com o tema, outras ainda tentando entender do que se trata. Uma oficina construída a várias mãos e estruturada como um roteiro de formação a ser adotada por outros serviços de proteção na introdução ao tema.

De forma sintética a oficina esteve dividida em 5 partes: a) espiritualidade do cuidado; b) histórico da política de proteção na Igreja; c) relações de cuidado; d) experiências exitosas de trabalho de cuidado e proteção; e) roda de conversa.

## O estado atual da questão na Igreja Católica.

O tratamento direto do tema dos abusos sexuais no âmbito eclesial é um tema ainda juvenil no contexto eclesial. Há 14 anos o Papa Bento XVI adotou uma política inicial clara de prevenção e combate a esta situação na Igreja Católica (CONGREGAÇÃO..., 2010, n. 6).

Em maio de 2011 foi promulgada a “Carta Circular para ajudar as Conferências Episcopais na

preparação de Linhas Diretrizes no tratamento dos casos de abuso sexual contra menores por parte de clérigos” (CONGREGAÇÃO..., 2011). Este documento foi um incentivo para que todas as Conferências Episcopais do Mundo providenciassem suas Políticas de Proteção.

Em dezembro de 2013 o Cardeal Sean Patrick O’Malley anunciou, em Roma, a criação da “Pontifícia Comissão para a Proteção de Menores” com a finalidade de aconselhar a Santa Sé na proteção das crianças e na atenção pastoral às vítimas de abusos e de oferecer propostas e iniciativas destinadas a melhorar as normas e os procedimentos para a proteção de todos os menores e dos adultos vulneráveis. A Comissão foi efetivada em março de 2014.

Em fevereiro de 2015, Papa Francisco escreve uma carta aos presidentes das Conferências Episcopais e aos Superiores dos Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica sobre a Pontifícia Comissão para a Proteção dos Menores (CONGREGAÇÃO..., 2015). Neste documento o pontífice pede à Igreja a execução de “ações necessárias para garantir a proteção dos menores e dos adultos vulneráveis e dar respostas de justiça e de misericórdia” e solicita a sua “colaboração plena e atenta com a Pon-

tifícia Comissão para Proteção de Menores. O trabalho que lhes confiei” continua o Papa, “inclui a assistência a vós e às vossas Conferências, através do intercâmbio recíproco de «práticas virtuosas» e de programas de educação, formação e instrução em relação à resposta a ser dada aos abusos sexuais”. De uma direção jurídica descrita por Bento XVI, temos aqui o desenho de uma política de prevenção e erradicação do abuso sexual no ambiente eclesial.

Em fevereiro de 2015 a Pontifícia Comissão para a Proteção de Menores, reunida em Assembleia em Roma, traçou estratégias por “áreas que são centrais para a missão de tornar a Igreja “uma casa segura” para crianças, adolescentes e adultos vulneráveis.” (PONTIFÍCIA COMISSÃO..., 2015). Foram sugeridas propostas como “cuidados pastorais para os sobreviventes e suas famílias, educação, diretrizes sobre as melhores práticas, formação para o sacerdócio e para a vida religiosa, normas eclesiais e civis que regem as alegações de abuso, e a responsabilidade das pessoas em posições de responsabilidade na Igreja quando lidam com alegações de abuso”. Percebe-se nestas propostas um alinhamento com a solicitação feita por Bento XVI em 2011 na Carta Circular para Ajudar as Conferências Episco-

país na Preparação de Linhas Diretrizes no Tratamento dos Casos de Abuso Sexual Contra Menores por Parte de Clérigos.

Em janeiro de 2018, Papa Francisco visita o Chile e ali são feitas denúncias de práticas de abusos sexuais e outras violências com o conhecimento e acobertamento por parte da hierarquia. Posteriormente, para averiguação das denúncias são enviados dois comissários do Vaticano ao Chile. (FRANCISCO, 2018). A partir do processo de averiguação das denúncias e de reconhecimento de que elas eram verdadeiras se dá início a mais um processo de aprofundamento na temática da prevenção e erradicação dos abusos sexuais.

É neste contexto que, no início de 2019, é promulgada uma Carta Apostólica sob forma de *Motu Proprio Vos Estis Lux Mundi*, (VELM), um documento que reconhece a existência do problema, que estabelece sua dissonância com a missão da Igreja, confirma a tolerância zero e convida a atuação por meio de atitudes concretas e eficazes para prevenir e evitar estes crimes que atraíam a confiança dos fiéis. (FRANCISCO, 2019). Em 2023, o atual pontífice ratifica e retifica o documento de 2019, dando a ele maior precisão conceitual e, portanto, eficácia. (FRANCISCO, 2023).

Em março 2024, a Pontifícia Comissão promulgou o “Quadro de Diretrizes Universais” que pretende ser um descritor de indicadores de ações que se encontram dentro da prevenção e proteção diante de abusos sexuais dentro de ambientes eclesiais. Através da implantação das políticas de proteção e de seu monitoramento por meio de indicadores, poderemos ter uma melhor compreensão dos processos e soluções que envolvem este tema. (PONTIFÍCIA COMISSÃO..., 2024).

## Uma breve descrição sobre o VELM

De uma forma bastante objetiva trataremos de alguns elementos que consideramos importantes no VELM e que cumprem a determinação do Papa Francisco de que “as Dioceses ou as Eparquias devem dispor, individualmente ou em conjunto, de organismos ou serviços facilmente acessíveis ao público para a recepção das denúncias. É a tais organismos ou serviços eclesiais que se devem apresentar as denúncias.” Para este fim, no Artigo 2º do *Motu Proprio*, o Santo Padre pediu que fossem criados “um ou mais sistemas estáveis e facilmente acessíveis ao público para apresentar as denúncias, inclusi-

ve através da instituição de uma peculiar repartição eclesiástica”. Assim, nos parece claro afirmar que este pontificado decide não apenas reconhecer a presença de abusos sexuais em ambientes eclesiais, mas acima de tudo, prevenir, punir e reparar.

O VELM emitido pelo Papa Francisco em 2019, foi revisado em 2023 com a finalidade de reforçar as diretrizes e normas no combate aos abusos sexuais na Igreja Católica. Este documento estabelece um conjunto de procedimentos obrigatórios para lidar com alegações de abuso sexual e encobrimento, reafirmando o compromisso da Igreja com a transparência e a justiça. A revisão de 2023 introduz algumas mudanças importantes para garantir uma resposta mais eficaz e coordenada a tais situações.

Em primeiro lugar, o documento sublinha a obrigação de todos os membros do clero e religiosos de denunciar qualquer suspeita de abuso sexual, assédio ou violência contra crianças e adolescentes e adultos vulneráveis, bem como qualquer tentativa de encobrimento desses crimes. A revisão de 2023 reforça a necessidade de criar um ambiente seguro e acolhedor para as vítimas, promovendo a escuta e o apoio adequado durante todo o processo de investigação.

Em segundo lugar, VELM enfatiza a responsabilidade dos bispos e superiores religiosos em seguir rigorosamente os procedimentos estabelecidos para a investigação de denúncias. O documento especifica que a investigação inicial deve ser conduzida com rapidez e imparcialidade, e, quando necessário, pode ser encaminhada para as autoridades civis competentes. Essa cooperação com as autoridades civis é fundamental para assegurar que os responsáveis sejam devidamente julgados e punidos.

Além disso, destaca-se a importância da formação contínua e da conscientização entre os clérigos e leigos para prevenir abusos e promover uma cultura de transparência e responsabilidade dentro da Igreja. A versão de 2023 reforça a necessidade de programas de formação que incluam aspectos éticos, psicológicos e legais, visando equipar todos os membros da Igreja com o conhecimento e as habilidades necessárias para identificar e responder adequadamente a situações de abuso.

Por fim, em 2023, o VELM reafirma o compromisso da Igreja em restaurar a confiança e a credibilidade junto aos fiéis e à sociedade em geral. O documento destaca a importância de uma comunicação clara e honesta sobre as medi-

das tomadas e os resultados das investigações, promovendo uma atitude de abertura e responsabilização. A revisão de 2023 visa consolidar uma abordagem mais robusta e eficiente no combate aos abusos sexuais, garantindo que a Igreja continue a ser um farol de esperança e proteção para todos.

Acreditamos serem 10 os pontos centrais deste documento.

- 1. Obrigação de Denúncia:** Todos os membros do clero e religiosos são obrigados a denunciar imediatamente qualquer suspeita de abuso sexual, assédio ou violência contra menores e adultos vulneráveis, bem como qualquer tentativa de encobrimento.
- 2. Proteção das Vítimas:** A prioridade é criar um ambiente seguro e acolhedor para as vítimas, assegurando que sejam ouvidas e recebam apoio adequado durante todo o processo de investigação.
- 3. Investigação Imparcial e Rápida:** As denúncias devem ser investigadas de maneira imparcial e com celeridade. O documento especifica que as investigações iniciais devem ser conduzidas rapidamente e com justiça.
- 4. Cooperação com Autoridades Cíveis:** A Igreja deve cooperar plenamente com as autoridades cíveis em conformidade com as leis locais, encaminhando casos de abuso às autoridades competentes quando necessário.
- 5. Responsabilidade dos Bispos e Superiores Religiosos:** Bispos e superiores religiosos têm a responsabilidade direta de seguir os procedimentos estabelecidos e garantir que as investigações sejam realizadas de acordo com as normas do VELM.
- 6. Transparência e Comunicação:** A Igreja deve comunicar claramente as medidas tomadas e os resultados das investigações para restaurar a confiança e a credibilidade entre os fiéis e a sociedade em geral.
- 7. Formação e Conscientização:** Deve-se promover a formação contínua e a conscientização sobre prevenção de abusos, incluindo aspectos éticos, psicológicos e legais, para todos os membros da Igreja.
- 8. Medidas Disciplinares:** O documento especifica que medidas disciplinares apropriadas devem ser aplicadas contra aqueles que fo-

rem encontrados culpados de abusos ou de encobrimento.

9. **Respeito às Leis Locais:** É sublinhado a necessidade de respeitar as leis locais, especialmente no que diz respeito à denúncia de crimes e à proteção das vítimas.
10. **Promover uma Cultura de Responsabilidade:** A Igreja deve promover uma cultura de transparência, responsabilidade e justiça, assegurando que todos os membros da comunidade eclesial entendam a gravidade dos abusos e a importância de sua prevenção.

## O Núcleo *Lux Mundi* neste contexto

O trabalho desenvolvido pelo Núcleo *Lux Mundi* tem demonstrado que a maior necessidade da Igreja do Brasil neste momento é a elaboração de políticas de proteção e de formação continuada para aqueles que estão inseridos em ambientes eclesiais para fundamentar a criação de Serviços Eclesiais de Proteção e sua implementação.

Neste sentido, esta exortação e orientação do Papa Francisco que pode ser observada no *Motu Pro-*

*prio* se estende a todas as obras sociais, hospitais, escolas, casas de formação, pastorais enfim, a todo grupo de organizações ligadas à Igreja Católica, às quais devem ter suas Políticas de Proteção claras, conhecidas e em funcionamento por seus membros – sejam eles clérigos, religiosos(as), membros de pastorais e funcionários de instituições religiosas. Assim sendo, uma mudança de cultura e ações concretas são a base daquilo que pede o Papa Francisco.

Resumidamente, a mudança de cultura é um processo complexo que envolve a transformação dos valores, normas e comportamentos de uma sociedade ou organização. Este processo geralmente ocorre de forma gradual, à medida que novas ideias e práticas são adotadas e incorporadas ao cotidiano. A mudança cultural pode ser impulsionada por fatores internos, como a liderança e a educação, bem como por fatores externos, como influências globais e avanços tecnológicos. Para que seja efetiva, é fundamental a participação e o compromisso de todos os membros da sociedade ou organização.

No contexto do abuso sexual, a mudança de cultura é crucial para prevenir e combater essa grave violação dos direitos humanos. Essa transformação exige a conscientização sobre a gravidade



do problema, a implementação de políticas e práticas de prevenção e resposta, e a promoção de uma cultura de respeito e dignidade. Envolver a comunidade em diálogos abertos sobre o assunto, oferecer suporte às vítimas e responsabilizar os agressores são passos essenciais para criar um ambiente seguro e livre de abusos. A educação e a sensibilização desempenham papéis fundamentais nesse processo.

Por isso, a Igreja Católica tem enfrentado um desafio significativo em promover a mudança de cultura no que se refere ao abuso sexual. É imperativo que a Igreja adote uma postura transparente e proativa, reconhecendo os erros do passado e implementando medidas eficazes para prevenir futuros abusos. Isso inclui a criação de mecanismos de proteção, a formação contínua do clero e dos leigos, e a promoção de uma cultura de *accountability* - transparência e cuidado pastoral. O *Motu Proprio* "Vós Sois a Luz do Mundo" é um exemplo de como a Igreja está se esforçando para criar uma cultura de segurança e responsabilidade.

Neste processo de mudança outro aspecto importante é que devemos reforçar o contato com a sociedade civil e com serviços do Estado existentes para uma colaboração recíproca na prevenção e

combate à violência sexual dentro e fora do ambiente eclesial.

Considerando que a educação/formação continuada faz parte da execução do projeto do Núcleo *Lux Mundi*, um importante desafio é o tamanho do nosso país, as dificuldades geográficas no deslocamento, bem como, as diferenças culturais que influenciam na mudança de postura. Neste contexto, o Núcleo *Lux Mundi* tem trabalhado com formações e atendimento das demandas locais através das plataformas de internet.

## Dinâmica da Oficina

*Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? (Lc 10,36)*

Parafraseando Jesus na parábola do Bom Samaritano: quem é o nosso próximo nas relações abusivas? quem acolhe aquela ou aquele que quase sem força pede ajuda? temos dado água a quem tem sede? estamos vestindo aqueles que estão nus? realizamos visitas àqueles que estão presos na cena desumanizadora dos abusos? Estas eram perguntas que estavam tacitamente colocadas na oficina do Núcleo *Lux Mundi* no Congresso dos 70 anos da CRB.

Para constituir um caminho que nos permita responder as



perguntas acima, foi constituída a oficina. Tudo começa, como afirma o preâmbulo do *Motu Proprio Vós Sois a Luz do Mundo*, reconhecendo “Que sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). É na invocação do Santo Espírito de Deus que se dá todo o início de caminhada. É Ele, junto com os conhecimentos que adquirimos ao longo das nossas vidas, que podem nos ajudar a estarmos próximos daqueles que sofrem.

A segunda etapa da oficina procurava localizar cada um dos participantes diante do tema. Àqueles/as que estão próximos/as, mas querem conhecer mais; àqueles/as que já estão trabalhando com tema e querem trocar informações; àqueles/as que percebem a importância do tema, mas tem medo de se aproximar.

Após este momento, realizou-se a apresentação do tema. O estado do assunto em ambiente eclesial, as lógicas de proteção/cuidado necessários ao entendimento do tema e a apresentação do situações bem-sucedidas para minorar as práticas de abusos.

A penúltima etapa da oficina foi a “roda de conversa”, onde cada um e cada uma, pôde expressar suas demandas, opiniões e perguntas sobre o tema. Naquele momento, foi possível observar a necessidade de aprofundamento

da temática através de formações futuras e as dinâmicas dos abusos em contexto social e eclesial. Entre os assuntos abordados estavam: a) definição de violência e abuso sexual; b) procedimentos de denúncia e apuração; c) o ambiente violento em que ações pastorais de religiosos/as ocorrem e como fazer denúncias de forma segura; d) aspectos do clericalismo na promoção de abusos.

Por fim, retornamos Àquele que nos faz crentes de um novo tempo. A celebração final nos permitiu rememorar às vítimas/sobreviventes, pedir-lhes perdão e estabelecer o compromisso de que o engajamento na temática precisa continuar.

## Repercussões na VRC

A formação para a prevenção de abusos em ambientes eclesiais é de extrema importância para a vida religiosa consagrada, pois toca diretamente nos pilares éticos e morais que sustentam a fé e a missão da Igreja. Esta formação não só protege os mais vulneráveis, mas também preserva a integridade e a credibilidade da comunidade religiosa.

Primeiramente, a prevenção de abusos é crucial para garantir um ambiente seguro para todos os membros da comunidade

eclesial, especialmente os mais vulneráveis, como crianças e jovens. A Igreja, como instituição que prega o amor e o respeito ao próximo, deve ser um lugar onde proteção e acolhida sejam fundamento do convívio. A formação adequada ajuda a identificar e eliminar comportamentos abusivos, promovendo uma cultura de segurança e respeito.

Além disso, a formação para a prevenção de abusos é essencial para preservar a credibilidade da Igreja. Casos de abusos que não são adequadamente prevenidos ou tratados podem resultar em escândalos que abalam a confiança dos fiéis e da sociedade na instituição. A transparência e a responsabilidade na abordagem desses casos demonstram um compromisso real com os valores cristãos e com a justiça.

A formação continuada é também um ato de cuidado pastoral. Ao fornecer aos membros da comunidade as ferramentas necessárias para prevenir abusos, a Igreja demonstra um cuidado genuíno com o bem-estar espiritual, emocional e físico de seus fiéis. Este cuidado pastoral é um testemunho vivo do amor de Deus e da missão de Jesus Cristo na terra.

Além do aspecto pastoral, há uma dimensão legal e moral na prevenção de abusos. A formação

ajuda os religiosos a compreenderem as leis e regulamentos relativos à proteção de crianças, adolescentes e adultos vulneráveis. O cumprimento destas normas não é apenas uma obrigação legal, mas também um imperativo moral que reflete o compromisso da Igreja com a justiça e a dignidade humana.

Formar para a prevenção de abusos também contribui para a saúde mental e espiritual dos próprios consagrados. Conhecer os sinais de abuso e saber como lidar com eles pode prevenir o trauma secundário e o desgaste emocional entre os religiosos, que muitas vezes são os primeiros a serem procurados por vítimas em busca de ajuda.

A criação de um ambiente seguro e respeitoso também favorece a missão evangelizadora da Igreja. Quando a comunidade vê que a Igreja está empenhada em proteger seus membros, isso fortalece a mensagem do Evangelho e atrai mais pessoas para a fé. Um ambiente seguro é um terreno fértil para o crescimento espiritual e a vivência plena da fé cristã.

A prevenção de abusos exige uma abordagem integrada, que inclua a educação, a conscientização e a implementação de políticas claras. A formação contínua

deve ser parte integrante da vida religiosa consagrada, assegurando que todos estejam atualizados sobre as melhores práticas e procedimentos para prevenir abusos.

Finalmente, a formação para a prevenção de abusos reafirma o compromisso da Igreja com a dignidade de cada pessoa. Jesus Cristo ensinou que cada indiví-

duo é precioso aos olhos de Deus. Ao prevenir abusos, a Igreja honra este ensinamento, assegurando que todos sejam tratados com o respeito e a dignidade que merecem. A formação para a prevenção de abusos é um aspecto essencial da vida religiosa consagrada, fundamental para a missão pastoral, a integridade institucional e o testemunho cristão.

## Referências

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Carta circular para ajudar as conferências episcopais na preparação de linhas diretrizes no tratamento dos casos de abuso sexual contra menores por parte de clérigos. 2011. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20110503\\_abuso-minori\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20110503_abuso-minori_po.html) Acesso em: 20 jul. 2024.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Normas substanciais**. 2010. Disponível em: [https://www.vatican.va/resources/resources\\_norme\\_po.html](https://www.vatican.va/resources/resources_norme_po.html) Acesso em: 20 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta ao Povo de Deus no Chile**. Disponível em: [https://www.iglesia.cl/documentos\\_sac/31052018\\_1142am\\_5b1017d532c3f.pdf](https://www.iglesia.cl/documentos_sac/31052018_1142am_5b1017d532c3f.pdf). Acesso em: 20 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Vos est Lux Mundi**. 2023. Motu próprio atualizado. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/20230325-motu-proprio-vos-estis-lux-mundi-aggiornato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/20230325-motu-proprio-vos-estis-lux-mundi-aggiornato.html) Acesso em: 20 jul. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Vos est Lux Mundi**. Motu Proprio. 2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190507\\_vos-estis-lux-mundi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190507_vos-estis-lux-mundi.html). Acesso em: 20 jul. 2024.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A PROTEÇÃO DE MENORES. **Press Statement of the Pontifical Commission for the Protection of Minors**, 2015. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2015/02/09/0108/00233.html>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PONTIFÍCIA COMISSÃO PARA A PROTEÇÃO DE MENORES. **Universal Guidelines Framework**. 2024. Disponível em: <https://www.tutelaminorum.org/universal-guidelines-framework/> Acesso em: 20 jul. 2024.

PREZZI, Lorenzo. França: o magistério das vítimas. **IHU On-line**, 11 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/614400-franca-o-magisterio-das-vitimas> Acesso em: 20 jul. 2024.

# REDE UM GRITO PELA VIDA: SOLIDARIEDADE E PROFECIA.

Rede Um Grito Pela Vida<sup>1</sup>

## Situando a questão

A defesa e promoção da vida estão no cerne da missão da Igreja e, conseqüentemente, da Vida Religiosa Consagrada (VRC). Entre os muitos apelos que ouvimos e respondemos de forma efetiva e solidária, destaca-se o **tráfico de pessoas**. Este é um crime hediondo, uma realidade dolorosa e, de certo modo, uma frente missionária relativamente nova.

O contexto dessa missão é complexo e desafiador, abrangendo mais do que o transporte forçado de pessoas. Envolve também a violência do trabalho forçado, a exploração e abuso sexual, a violação do corpo, da vontade e da liberdade dos filhos e filhas de

Deus. As vítimas do tráfico clamam por socorro e justiça. Deus escuta. E nós, no dinamismo do SIM que demos com nossas vidas ao Reino de Deus, somos enviados em missão para cuidar e curar.

Abraçar a missão de combater o tráfico de pessoas é promover a vida, mas também implica enfrentar redes de exploração bem estruturadas, violentas e ameaçadoras. Sim, o medo é uma constante nessa missão; contudo, a centelha profética e corajosa que arde em cada um de nossos agentes nos fortalece no grito de denúncia que brada: “Ai de vós”.

Diante dessa realidade, devemos destacar o pioneirismo e o

---

<sup>1</sup> O presente texto é uma construção coletiva da Rede Um Grito Pela Vida. A redação final é de Irmã Isabel do Rocio Kuss e Irmã Sandra Camilo Ede. Endereço para contato: [redumgritopelavida@crbnacional.org.br](mailto:redumgritopelavida@crbnacional.org.br)

profetismo da VRC que, sob a institucionalidade da CRB Nacional, tem atuação reconhecida nesse campo de missão. Quando o tema ganhou relevância e visibilidade no Brasil, a VRC, através da Rede Um Grito pela Vida, já estava na luta. Hoje, em plena sintonia com o magistério do Papa Francisco, testemunhamos com nossas ações o que chamamos de Igreja em Saúde e em sinodalidade.

## Memória do início da Rede Um Grito pela Vida

O Espírito sopra onde quer. Em seu dinamismo divino, ele nos conduz a novas frentes missionárias e de ação evangelizadora. Foi assim que, em 2006, nasceu a Rede Um Grito pela Vida. Antes de falar desse marco, é preciso voltar ainda mais no tempo.

A semente da nossa missão foi plantada em 2001. No dia 13 de maio, a Declaração Plenária da União Internacional das Superiores Gerais (UISG), em Roma, exortou a “trabalhar em solidariedade umas com as outras nas nossas próprias comunidades e nos países em que estamos, para interpelar insistentemente, a todos os níveis, sobre o abuso e exploração sexual de mulheres e crianças, com particular atenção para o tráfico de mulheres, que se

tornou um negócio lucrativo multinacional”.

A partir desse contexto, a VRC assumiu o pioneirismo nesse campo de missão. Movimentos subsequentes focaram na formação e sensibilização em diversos países. No Brasil não foi diferente.

Conforme declarou a Irmã Eúrides Alves de Oliveira, ICM, no encontro do “Curso Juventudes Cuidadoras da Vida”, em 2005, a CRB Nacional acolheu o pedido da UISG para formar religiosas para essa missão específica: “A primeira etapa do curso ocorreu em outubro de 2006, em São Paulo, com a participação de 30 religiosas. A segunda etapa foi realizada em março de 2007, com 28 religiosas de 20 Congregações e de diversas regiões do país.”.

Uma declaração ao fim desse encontro, em março de 2007, a Rede Um Grito Pela Vida estava fundada. A primeira declaração do grupo fundante expressou o programa inicial de missão:

Interpeladas pela realidade gritante do Tráfico de Seres humanos, nós, participantes do programa de formação para religiosas sobre Tráfico de seres Humanos, promovido pela UISG (União de Superiores Gerais), em parceria com a CRB e com a assessoria técnica da OIM (...) motivadas pelo seguimento de Jesus Cristo e respondendo aos

apelos desta desafiante realidade, como Vida Consagrada Inserida em novos espaços, assumimos o compromisso de atuar na erradicação do Tráfico de seres humanos articuladas em Rede, tendo como objetivo: Atuar na erradicação do TSH socializando informações; partilhando e fortalecendo ações de prevenção; articulando e integrando ações de apoio às vítimas, motivadas pela mística da Vida Consagrada: o seguimento de Jesus Cristo na defesa da Vida.

Faz parte do movimento de descida da VRC que se organiza para dar uma resposta solidária a esse clamor. Essa convocação vem do coração da Igreja, da sensibilidade do Pastor da Humanidade e convocou corações braços a se abrirem enfrentarem esse desafio.

A VRC foi a primeira a ser chamada para enfrentar a situação do tráfico de pessoas, e assumiu, consciente essa Missão comum, como se estivesse inscrita em cada Carisma! Irmã Áurea Marques, em sua memória de cofundadora da Rede assim declarou:

Quando iniciamos a jornada da Rede Um Grito pela Vida, o que nos motivou foi o impacto da realidade do tráfico humano, era como um acordar para esta situação assustadora”, que poderia estar bem perto de cada uma. A partir daí, sentimos a neces-

sidade de pensar juntas alguma ação concreta.”.

No ano de 2006, o Vaticano pediu à CRB para promover formação sobre a questão do tráfico, com os religiosos e as religiosas, mas era o tráfico em geral. A CRB deu essa formação imediatamente (2006). Em 2007, já em Fortaleza, se encontrou com Irmã Gabriela Botani e mais uma irmã Filipina com um desejo comum: fazer alguma coisa pelas Mulheres, na Praça do Patrocínio, onde as mulheres se encontram, esperando seus clientes. E, entre muitas conversas, nasceu a ideia de UM GRITO PELA VIDA (*Talitha Kun*, rede mundial da Vida Religiosa Consagrada ainda não estava organizada). Em Fortaleza começamos com Um Grito pela Vida, conseguindo um assento no Conselho do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, ligado à Secretaria de Justiça do Ceará.

A partir de então, a Rede Um Grito pela Vida desempenhou um papel pioneiro e importante na popularização do tema em todo o Brasil, especialmente na formação de novos membros, religiosos e religiosas, para promover a missão da Rede no país.

Para desencadear essa ação de enfrentamento, ajudou com o conhecimento da realidade de tráfico, estudo das causas, das leis internacionais e nacionais, das organizações governamentais,



mapa de localização de maior incidência do tráfico, e um programa de formação contínua e ações organizadas de prevenção, em cada regional.

Era mais um desafio que se colocava e a Rede foi convocada para enfrentar a situação.

No decorrer do tempo, a Rede Um Grito pela Vida passou a ser conhecida e reconhecida. Ingressou em diferentes redes de proteção e organização de luta da Igreja como as comunidades de base, Pastorais Sociais, o Grito dos Excluídos, nas Missões organizadas pela CRB.

## Nossa Missão

A Rede Um Grito pela Vida tem a missão de resgatar a humanidade perdida, de trazer de volta, de ir em busca, e não deixar ninguém para trás ... A REDE já nasceu com essa visão Evangélica: *“buscar e salvar o que estava perdido”* (Lc 19,10), oferecer proteção a quem foi enganado, iludido e preso nas malhas rede do crime.

Haverá, na Igreja, missão mais objetiva e sinodal? Haverá engajamento mais comprometedor, na contramão do sistema, que ajudar uma pessoa a desenredar-se do mercado humano, estender-lhe a mão para que possa voltar a viver livre e dignamente?

Acreditamos na força de nossa ação, renovando nossa esperança e audácia, na convocação dos cristãos e cristãs, de todas as pessoas empenhadas na promoção e defesa da vida! É uma exigência do seguimento de Jesus que veio *“para todos tenham vida e a tenham em plenitude”* (Jo 10,10).

*Como VRC, que história, somos chamadas(os) a participar e construir em defesa da Vida traficada? Na perspectiva de Igreja Sinodal, que iniciativas precisamos retomar para dar sempre novo e vivo significado à Rede um Grito pela Vida?*

## O que é o tráfico de pessoas?

É uma forma grave de violação dos direitos humanos. É uma poderosa rede composta de fios muitos fortes e envolve vários “serviços” e grandes habilidades. É um processo muito coordenado com fases bem organizadas: recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de pessoas, por meio de ameaça, uso da força, coação, rapto, fraude ou engano, para fins de exploração.

As principais finalidades do tráfico de pessoas incluem: exploração sexual, trabalho em condições análogas à escravidão, adoção ilegal, submissão a qual-

quer tipo de serviço, remoção de órgãos, tecidos ou partes do corpo, entre outras modalidades que surgem constantemente.

A prática do tráfico de pessoas tem raízes profundas na história, ocorrendo em diferentes contextos sociais e culturais ao longo dos séculos, e está intimamente ligada à escravidão e ao comércio de seres humanos, ao capitalismo, à ganância e ao lucro de redes criminosas mundiais.

## Por que enfrentar o tráfico é nosso compromisso?

Porque o “tráfico de pessoas é uma ferida aberta que deve contar com o nosso envolvimento e compromisso cristão” (Papa Francisco).

O tráfico de pessoas é nada mais, nada menos que *venda de gente*. Destroi vínculos familiares, gera profundo sofrimento, reduz a pessoa a mercadoria, viola os direitos mais sagrados: o direito à vida, o direito à liberdade.

Diante deste terrível cenário, nós como cristãs e cristão, e principalmente como VRC, não podemos nos omitir, fingir que não sabemos o que fazer. Sendo um crime, nossa tarefa é, por um lado, denunciar, visibilizar, descobrir os caminhos, buscar parcerias para a missão de desmascarar

tais situações. Por outro lado, está a grande tarefa do cuidado e da educação: prevenir e conscientizar nossas crianças, adolescentes, jovens e comunidades, mostrando que não se trata de algo distante, mas que acontece muito perto de nós. Muitas vezes, o traficante está entre pessoas de confiança e não tem hora para acontecer.

Erradicar o tráfico de pessoas é missão e compromisso de cada um e cada uma de nós que acreditamos num “outro mundo possível, necessário e urgente”; que sonhamos uma sociedade pautada no direito, na justiça social e na superação de toda forma de violência e exclusão.

Para chegar a este mundo, o sonho se transformou em projeto: trabalhar pela superação da indiferença e da alienação das pessoas, em relação a esta realidade que clama por justiça.

Essa construção passa pelo compromisso coletivo que demande um projeto que envolva todas as forças vivas da sociedade: do Estado, das igrejas, da sociedade civil. Urge uma ação decidida e firme de todos. Das autoridades competentes, para coibir e punir os que traficam. Do estado, das Igrejas e da sociedade civil no sentido de denunciar, informar e educar, assistir e proteger as vítimas e, acima de tudo de lutar pela

superação das causas geradoras e sustentadoras desta iníqua realidade: a pobreza e as desigualdades sociais.

## Redes de Proteção Social contra o Tráfico de Pessoas

Enfrentar o tráfico de pessoas de forma isolada é impossível. É necessário integrar a rede de proteção social, que envolve a ação de diversas instituições, governamentais ou não, que atuam em questões sociais de extrema complexidade. Essas instituições devem definir estratégias para prevenção, atendimento e fomento de políticas públicas para pessoas em situação de vulnerabilidade e risco.

Para enfrentarmos o problema do tráfico de pessoas com eficiência e resolução, é de extrema importância conhecermos as Redes de Proteção às quais devemos contar como parceiras nesta missão desafiadora.

*Sabemos quais são essas redes?  
Como está a situação das Redes de  
Proteção em nossas comunidades?*

## Prioridades da Rede um Grito pela Vida para o Triênio 2023-2026

Perto de completar 18 anos de missão, a Rede “Um Grito pela Vida” cresceu e atualmente é um

espaço de articulação e ação profético-solidária, vinculada à CRB. É composta por aproximadamente duzentas e cinquenta pessoas, entre religiosos, alguns religiosos de diversas congregações, além de leigas e leigos.

A rede atua em mais de trinta núcleos em vinte e dois estados, permitindo ampliar alianças intercongregacionais em prol da vida ameaçada e ferida, das pessoas traficadas e violentadas em seus direitos. Desenvolver um conjunto de atividades, como: prevenção, sensibilização, formação, informação, capacitação de multiplicadores, incidência política e denúncia desse crime grave contra a vida.

Definimos como prioridades para 2023-2025:

**Formação** – Garantir formação integral e permanente para integrantes da rede, religiosas (os) consagradas (os), multiplicadores e juventudes.

**Missão** – Fortalecer a ação profética junto aos indígenas, quilombolas, mulheres, juventudes, LGBTQIAPN+, migrantes, imigrantes, crianças e adolescentes.

**Incidência Política** – Assegurar nossa presença profética em espaços de incidência política (comitês, fóruns, mobilizações e ter uma participação

ativa na construção de políticas públicas).

**Comunicação** – Realizar o registro de dados e acontecimentos referentes ao trabalho da rede: Relatório. Investir na divulgação das atividades da Rede.

**Sustentabilidade humana e econômica** – Captar recursos mediante projetos de cooperação nacional e internacional. Garantir presença em espaços deliberativos das congregações. Criar alternativas locais de sustentabilidade financeira e localizá-las na região (sustentabilidade); Fortalecer parcerias com organismos da CNBB, Congregações, movimentos, pastorais sociais e outras organizações.

## O que move a Rede?

A Rede Um Grito pela Vida, desde o seu nascimento, foi marcada por uma **mística libertadora**, inspirada em Ex 3,7-8; **portadora de vida**, com base nas Palavras de Jesus: “*Eu vim para que todos tenham vida*” (Jo 10,10) e por uma profunda motivação e empenho para a luta pela garantia da **liberdade**, pois “é para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gal 5,1).

O Papa Francisco fala da importância de “ouvir o pedido de

ajuda daqueles que sofrem em conflitos ou guerras, daqueles atingidos pelos efeitos das mudanças climáticas, dos migrantes forçados e daqueles que são submetidos à exploração sexual ou profissional, especialmente mulheres e jovens”. Voltemos a sonhar um mundo no qual, escreve Francisco, “as pessoas possam viver com liberdade e dignidade”.

O Papa também exorta a transformar esse sonho em realidade, “através de ações concretas de combate ao tráfico”, a “rezar e agir” tanto pessoalmente, como nas famílias, nas comunidades paroquiais e religiosas, nas associações e movimentos eclesiais, e mesmo nos vários âmbitos sociais e na política, “por esta causa digna” (Cf. Mensagem para o Dia Mundial de Oração e Reflexão contra o Tráfico de Pessoas, em 8 de fevereiro de 2024).

## Encaminhamentos da Oficina

Diante da cruel realidade do tráfico de pessoas, erradicá-lo torna-se sonho e missão de todas e todos, que acreditamos no Evangelho e na possibilidade de um “outro mundo possível, necessário e urgente”, em uma sociedade pautada no direito, na justiça social e na superação de toda forma

de violência, exclusão e tráfico. Para tornar concreto este sonho, deve constituir-se em um projeto que supõe a superação da indiferença e da alienação das pessoas, em geral, em relação a esta realidade que clama por justiça. A Rede Um Grito pela Vida é, para nós, este projeto.

Um projeto que é compromisso de todas as pessoas que o compõem na prática e juridicamente, mas que se empenham em atuar e mobilizar todos os setores da sociedade: igrejas, sociedade civil e estado, numa ação articulada, determinada e firme de todos para extirpar esta ferida da sociedade, arrancando o mal pela raiz.

Apesar de nossas fragilidades, como o jovem profeta, nos sentimos enviados e enviadas para “arrancar e arrasar, destruir e demolir, edificar e plantar” (Jr 1,10) e como ele, nos sentimos confiantes porque “Ele põe suas palavras em nossa boca” (Jr 1,9b).

Nesta confiança, nos colocamos a caminho, colocamos mãos à obra, sabendo que o sonho de uma sociedade sem tráfico de pessoas só é possível por meio de uma profunda sensibilidade e ampla mobilização social e política, articulada em redes de proteção e defesa dos direitos humanos, sobretudo em favor das populações empobrecidas, vítimas em potencial

deste hediondo crime, “através da gestação de um novo modelo de desenvolvimento, que centre sua atenção nas pessoas e nas suas necessidades básicas”.

Cientes de que o tráfico de pessoas está estreitamente conectado com mecanismos globais derivados de uma estrutura política e econômica alicerçada na injustiça, na violência e na exacerbada sede de lucro por partes das elites dominantes não podemos ficar indiferentes, sob o risco de nos tornarmos coniventes.

Como mulheres consagradas, geradoras de vida e portadoras de esperança, nos empenhamos em fazer parte da conquista de uma sociedade sem tráfico de pessoas, num processo permanente de intervenção em todos os níveis e dimensões, por meio de ações locais de sensibilização e informação, pela participação nas lutas por políticas públicas que garantam os direitos fundamentais das vítimas, pelo efetivo cumprimento e adequações da legislação e dos mecanismos de prevenção e proteção.

Os agentes, ‘empresários do crime’ do tráfico de pessoas que vão desde os aliciadores até os agenciadores mais ocultos do sistema, fazem parte de uma rede bastante complexa e bem articulada, que envolve inúmeros pes-

soas e instituições que deveriam estar a serviço da vida e dos direitos das pessoas, mas se articulam e agem contrariamente, configurando um cenário de morte de “nova e velha escravidão”. Em contrapartida, nós fazemos parte de uma rede solidária em favor da vida!

## Proposições da Oficina

Nesta perspectiva, as religiosas e religiosos participantes da Oficina “Rede Um Grito pela Vida, Memória e Profecia” encaminham à CRB Nacional e a toda a Vida Religiosa Consagrada as seguintes proposições:

1. Trabalhar entre a Vida Religiosa Consagrada, bem como entre a diretoria e a equipe interdisciplinar, para afirmar que a Rede Um Grito pela Vida é uma identidade da CRB. Além de ser um “braço profético”, **somos CRB** com coração pulsante e os pés a caminho na luta para acabar com o tráfico de pessoas, abuso e exploração sexual;
2. Incluir a temática da incidência política entre as prioridades da CRB Nacional e incentivar sua implementação nas regionais e núcleos da CRB;
3. Integrar a pauta do tráfico de pessoas na Formação Inicial para a Vida Religiosa, abrangendo as etapas de aspirantado, postulante, noviciado e juniorado das Regionais da CRB, bem como na formação de formadores;
4. Prever um aporte financeiro maior no orçamento da CRB Nacional para a Rede Um Grito pela Vida, destinado ao trabalho de prevenção e sensibilização nas regionais;
5. Intensificar a articulação da *Lux Mundi* com a Rede Um Grito pela Vida, promovendo ações conjuntas e fortalecendo o trabalho em rede;
6. Garantir a presença da Rede Um Grito pela Vida nas manifestações sociais em defesa dos direitos humanos e da dignidade das pessoas;
7. Propor às escolas estaduais, municipais, particulares e, especialmente, às de cunho religioso, a inclusão de estudos sobre tráfico de pessoas e abuso sexual na grade de formação humana.

## Um convite especial a você Religiosa e Religioso

Venha ser **Rede um Grito pela Vida!** Para isto, basta que seja sensível à dor do outro, da outra; que esteja disposta/o a anunciar e defender a vida e denunciar o mal do tráfico de pessoas, um crime que fere a dignidade humana.

Venha, se você tem compaixão e solidariedade para com cerca de 40 milhões de vítimas do comércio de gente. São mulheres, são meninas, crianças, homens, jovens... “pesados, medidos e vendidos” para a exploração sexual, trabalho análogo à escravidão, para a extração e venda de órgãos, adoção ilegal, para servidão doméstica, para a mendicância, recrutamento para o crime organizado e outras crueldades para com a pessoa.

Com atitudes simples, você, eu, nós podemos ser uma/um grande defensora/o da vida. Não tenha medo! Denuncie através

dos números telefônicos 100 e 180 (serviço sigiloso com garantia da identidade do denunciante) ou procure as Delegacias da Polícia, Polícia Federal, Ministério e Defensorias Públicas. Junte-se a nós nas atividades realizadas como missão solidária para com a vida fragilizada.

Coragem, ânimo, pois! Deixe-se levantar pela esperança, vestir pela fortaleza! Somos uma força se unirmos nossas vontades e nossas mãos numa ação que faça diferença.

É tempo de **esperançar!** É tempo de **realmar a rede** do cuidado, proteção e defesa da vida! É tempo de **reabraçar a profecia**, fortalecer nossa presença junto às pessoas em situação de vulnerabilidade social. É tempo de mostrar ao mundo a força do coração solidário, da mão estendida, dos pés incansáveis quando o caminho do encontro com a dor do outro é longo e difícil. Jesus não nos prometeu facilidade, mas nos garantiu sua presença, nos garantiu a vitória na sua vitória.



# VIDA COMUNITÁRIA E COMUNICAÇÃO.

Ir. Rosa Martins, mscs<sup>1</sup>

## Introdução

A temática abordada, “*Comunicação na Vida Comunitária*”, teve como objetivo dialogar com os religiosos e religiosas sobre o lugar da comunicação na vida consagrada, os desafios cotidianos da comunicação nas relações interpessoais e como estes afetam a vivência dos votos, a missão e a consagração a serviço da Igreja.

A oficina teve início um mês antes da realização do Congresso, em formato online, a fim de possibilitar às consagradas e consagrados aprofundar, discutir e assimilar melhor o tema, dada a sua importância e relevância.

Os participantes da oficina foram divididos em 5 grupos denominados “comunidades”, com 5 cores diferentes: azul, amarela,

branca e verde. Estas comunidades tinham como tarefas estudos individuais, responder às atividades, realizar os debates propostos pela assessora e sintetizar os conteúdos estudados a fim de apresentarem no dia da oficina durante o Congresso.

A temática sobre a comunicação na vida comunitária era enviada às comunidades sob a denominação de carta 1, 2 e 3. Os temas das cartas são de autoria da assessora Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs. Cada carta correspondia a uma semana de estudo e aprofundamento daquele conteúdo. Vale dizer que cada carta trazia uma proposta de exercício pessoal de comunicação denominado “a hora do hábito. Vamos nos habituar”, com o objetivo de

---

<sup>1</sup> Missionária Scalabriniana. Bacharel em Teologia, Licenciada em Filosofia, Mestra em Comunicação. Endereço para contato: rosinhamartins1968@gmail.com

exercitar a concretização da teoria estudada.

### Conteúdo das 3 cartas e respectivo tema

A **primeira carta** teve como tema “Relações interpessoais, via para crescer em comunidade”. Com esse tema, partimos do pressuposto de que “Viver é relacionar”. Ninguém vive sozinho. A realização do ser humano só pode acontecer vinculada a um “tu” e ao “Tu”, que confirmam nossa identidade e nos indicam o caminho para o sentido de nossa existência (BUBER, apud BANIWAL, 2024).

Não obstante os benefícios das novas tecnologias de comunicação, nunca o ser humano se desenvolveu tanto em técnicas de relacionamento como nos tempos atuais. Mas também nunca se relacionou tão pouco com seus semelhantes, vivendo no individualismo e buscando ilusoriamente a felicidade independente do outro e do Outro, correndo o risco de se frustrar cada dia mais. Essa realidade atinge de forma significativa a Vida Religiosa Consagrada, que tem por natureza viver em comunidade, onde precisa se relacionar ad intra (internamente entre consagrados) e ad extra (na missão, na sociedade, no mundo).

No Documento “A Vida Fraterna em Comunidade”, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (1994) afirma que foi o Amor de Cristo que reuniu Irmãs e Irmãos “para se tornarem uma só coisa, um grande número de discípulos a fim de que, como Ele e graças a Ele, no Espírito, pudessem, através dos séculos, responder ao amor do Pai, amando-o ‘com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças’ (Dt 6, 5) e amando o próximo ‘como a si mesmos’ (Mt 22, 39). Além disso, o mesmo documento diz que “entre esses discípulos, os reunidos nas comunidades religiosas, mulheres e ‘homens de todas as nações, tribos, povos e línguas’ (Ap 7, 9), foram e são ainda hoje uma expressão particularmente eloquente desse sublime e ilimitado Amor.

Nesta carta as comunidades foram convidadas a exercitar a comunicação na vida consagrada a partir de práticas de boas maneiras.

A **segunda carta** teve como tema “Por uma dialogicidade que humaniza a vida consagrada”. A temática tratou do caráter dialógico, que é central em qualquer processo sério de humanização, a qual é intrínseca à vocação ontológica do homem e da mulher. A

vida consagrada, puro dom do Espírito, é chamada a ser modelo de humanidade e de comum-idade para o mundo.

O pesquisador João Henrique de Souza Santos, ao citar Paulo Freire, afirma que, como ser inacabado, o ser humano é sempre ser em movimento, em busca, ser em atualização e crescimento. Mas não é apenas ser inacabado, como é dos animais todos o único que se percebe como consciente de sua própria incompletude: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, apud SOUZA, 2011, p. 50).

Destarte, não bastasse ser inacabados, o homem e a mulher são seres históricos, em construção, a caminho do aperfeiçoamento e da humanização. É nesse sentido que Freire propõe uma noção de diálogo como “*o encontro do ser humano para Ser Mais, o qual não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso*” (FREIRE, 2015, p. 97).

A relação fraterna, interpessoal em sociedade, ou especificamente num estilo próprio de vida como é o caso da Vida Religiosa Consagrada, se dá de maneira eficaz por meio do diálogo. Relação interpessoal é comunicação. Martin Buber (apud TWEED, 2023), ao discorrer sobre a relação Eu-Tu, enfatiza o caráter dialógico da relação. A dialogicidade entre pessoas requer um reconhecimento de um tu que me permite a compreensão da minha própria identidade. Não há identificação do eu na ausência do tu. Ontologicamente o ser humano é relação, e sua felicidade e realização humana dependem desta convivência harmoniosa que nos caracteriza como seres humanos e nos humaniza.

A Vida Comunitária, de maneira específica, é chamada a viver de forma intensa e diferenciada esta relação eu-tu e convocada a experienciar a verdadeira fraternidade (no caso masculino), e a sororidade (em se tratando do feminino). A sororidade e a fraternidade se dão no diálogo, na comum-idade e no respeito mútuo. A “Hora do Hábito” teve como sugestão de exercício cotidiano pessoal a escuta ativa.

A **terceira carta** teve como tema “A comunicação intercultural na Vida Comunitária”, o qual

tem se tornado um dos maiores desafios para a Vida Consagrada num cenário de aceleração da globalização, a qual tem imposto novos modos de ser e de se comunicar devido ao desenvolvimento de novas tecnologias de informação. Vivemos em uma sociedade plural que nos interpela cada vez mais à responsabilidade ética pela alteridade, em vista da paz e do bem comum. Ademais, assistimos à diminuição constante das vocações, e por outro lado, o aumento significativo de vocacionados e vocacionadas vindos do continente africano e de países da Ásia e América Latina. Isto porque “o Espírito sopra onde quer, não sabemos de onde vem nem para onde vai” (Jo 3,8), porém recebemos os seus efeitos. É fato que a Vida Consagrada, mais do que nunca, se torna intercultural, o que é uma graça. Graça porque, por sua natureza carismática, sempre esteve aberta à questão da interculturalidade, uma vez que sua natureza própria, consonante à vida trinitária, deve buscar o caminho da unidade na diferença.

Por outro lado, essa graça é derramada em nossos corações como consagradas e consagrados vivendo em vida comunitária, porque nos desinstala de nossa área

de conforto e nos impele a viver a nossa consagração na interculturalidade. Para aprofundarmos o lugar e a importância da comunicação numa comunidade intercultural, precisamos aprofundar a diferenciação entre multiculturalidade e interculturalidade. A “hora do hábito” teve como sugestão a “vivência intercultural” na vida comunitária buscando diálogo com pessoas de diferentes culturas da vida consagrada.

## Desenvolvimento da oficina

Durante a realização da oficina no Congresso foi desenvolvido o tema “Fundamentos filosóficos-teológicos para a religião do encontro”, de autoria da assessora, desenvolvido à luz da Palavra de Deus, da Filosofia e do Magistério do Papa Francisco.

A oração inicial e final da oficina teve como iluminação a comunicação a partir dos Discípulos de Emaús. Na segunda parte, as comunidades apresentaram o tema estudado durante o mês nos formatos *música, teatro, dança, cordel e jornalismo*. Cada uma das 5 comunidades teve até 10 minutos de tempo para apresentar o resultado do seu trabalho, nos formatos: cordel, música, dança, jornalismo, arte e pintura.

## Avaliando o resultado do trabalho realizado

Foi lindo ver o dinamismo das comunidades. O conteúdo de cada uma das três cartas foi estudado pelos membros da oficina, seguido dos exercícios indicados pela assessora. Com espontaneidade as religiosas foram compartilhando as cartas com suas comunidades e/ou governos provinciais. Assim, o conteúdo da oficina atingiu um público bem mais amplo que imaginada, o que me pareceu muito bom.

Outro resultado positivo é o desejo dos membros do grupo continuar a estudar e aprofundar os temas de cada uma das três cartas. No final da reunião de avaliação realizada de forma virtual alguns dias depois do congresso, as religiosas e religiosos inscritos na oficina decidiram se encontrar uma vez por mês para reflexão do tema, oração e partilha de vida.

Que lindo! Que bênção! Durante o mês de estudo ouvi de algumas congregações como: “*A Irmã está diferente*”! Ou ainda: “Eu melhorei minha comunicação na comunidade, e a minha comunidade também melhorou”.

## Referências

- BANIWAL, Vikas. Violence and Dialogue from the Perspective of Martin Buber. **Academia**, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/5329391/Violence\\_and\\_Dialogue\\_from\\_the\\_Perspective\\_of\\_Martin\\_Buber](https://www.academia.edu/5329391/Violence_and_Dialogue_from_the_Perspective_of_Martin_Buber). Acesso em: 24 jul. 2024.
- CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. **A vida fraterna em comunidade**. Roma, 1994. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsclife/documents/rc\\_con\\_ccsclife\\_doc\\_02021994\\_fraternal-life-in-community\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021994_fraternal-life-in-community_po.html) Acesso em: 24 jul. 2024.
- MARTINS, Rosa. **Fundamentos filosóficos-teológicos para a religião do encontro**. Manuscrito, 2024.
- SOUZA, Vitor Chaves. A religião do encontro: a ética de Martin Buber. **Theos**, Campinas, v. 6, n. 2, dez. 2011.
- TWEED, Roger G. et al. **Martin Buber: Guide for a psychology of suffering**. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2023.1154865/full>. Acesso em: 24 jul. 2024.

**EAD CLARETIANO  
EXTENSÃO**

●●● VALOR: R\$ 200,00 ✕

**MARIA MADALENA,  
LÁGRIMAS E ANÚNCIO  
NO DISCIPULADO**



PROF.ª DRA. IRMÃ RAQUEL CAVALCANTE CABRAL

**De 04 a 30  
de Novembro**

INSCREVA-SE

[extensao.claretiano.edu.br](http://extensao.claretiano.edu.br)

APOIO:



REALIZAÇÃO:



**Claretiano**

Inscrições até 28/10 - Curso on-line

Para maiores informações: 📞 (16) 3660-1752

# RESSIGNIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES PARA UMA VRC SINODAL.

Ir. Susana M. Rocca, mcr<sup>1</sup>

Ir. Teresinha Mendonça Del' Acqua, osf<sup>2</sup>

Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp<sup>3</sup>

## Introdução

Revisitando a história universal verifica-se tanto nos registros arqueológicos como nos bíblicos, evidência de conflitos relacionais em diferentes proporções entre pessoas, culturas, etnias, religiões, grupos econômicos e outros. Contudo, na atual conjuntura sociocultural e religiosa os desafios relacionais parecem assumir uma proporção ainda maior. Possivelmente a complexidade dos contextos atuais, junto da gradual e crescente consistência da subjetividade humana e sua ampla

visibilidade pelos meios digitais constituem fortes estímulos para múltiplos e inusitados modos de relacionamentos.

A CRB para o triênio 2022 – 2025, escolheu como horizonte a busca de ressignificar a Vida Religiosa Consagrada, no discipulado de Jesus Cristo, em sinodalidade, missionariedade e contínua conversão à luz da Palavra. Como foco de seu empenho, no eixo referente à sinodalidade, enfatiza: “viver a sinodalidade, a partir da escuta ativa e criativa, favorecen-

---

<sup>1</sup> Missionária de Cristo Resuscitado. Graduada em Psicologia, Doutora em Teologia Prática

<sup>2</sup> Religiosa da Congregação da Ordem Terceira de São Francisco de Maria Imaculada. Graduada em Psicologia, Especialista em Análise Institucional da Vida Consagrada; Mestra em Psicologia, Ciências Ambientais e de Saúde

<sup>3</sup> Religiosa da Congregação das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz. Graduada em Pedagogia e Psicologia. Mestra em Psicologia do Desenvolvimento e Políticas Públicas



do a irmandade, humanizando e ressignificando nosso modo de ser, estar e agir nas comunidades, na Igreja e na sociedade e fortalecendo as relações interculturais, intercongregacionais e intergeracionais”.

A celebração do jubileu dos 70 anos da CRB é uma memória viva e vivificante da Vida Religiosa Consagrada que alimenta a mística e revigora a profecia para esperar. E como a VRC pode esperar neste tempo de polarização, de relações frágeis, virtuais, quebradas? Neste contexto socio-cultural e religioso, com esta e outras grandes inquietações somos interpeladas (os) por Papa Francisco a fortalecer a participação, a comunhão e a missionariedade. Como acertar os passos, para que mesmo em ritmos diferentes, possamos caminhar juntas e juntos na vivência dos Conselhos evangélicos, conferindo sentido à nossa Consagração e missão?

Todas e todos desejamos uma vida consagrada mais identificada com Jesus, no seu estilo de vida e na sua fidelidade à vontade do Pai. Todas e todos queremos dar mais encanto à nossa vida e aos nossos serviços e transmitir o ardor missionário das origens às novas gerações.

Como fruto desse empenhado compromisso de ser memória,

mística, profecia e esperança a CRB tem oferecido uma infinidade de oportunidades de formação na VRC nas diversas realidades através de assessorias, propostas celebrativas, consistentes testemunhos e publicações, sobretudo nas últimas Convergências (542, 543).

Se o elemento central para a VRC é o seguimento de Cristo, o coração desse seguimento é a relacionalidade. As experiências demonstram que as relações geram saúde ou adoecimento. O que faz a diferença é a capacidade de conhecer-nos para conhecer, para aumentar o grau de liberdade. No processo de autoconhecimento vamos percebendo as nossas fragilidades e as nossas forças.

A oficina “Ressignificando as Relações” realizada no Congresso é mais uma possibilidade, entre tantas e tem como objetivo oferecer um espaço de reflexão que potencialize a prática da sinodalidade na vida comunitária fraterna-sororal.

A rápida adesão e o interesse dos participantes, quase na totalidade lideranças da VRC, confirmam a necessidade de atenção a esta temática na realização da missão de acompanhar pessoas, animar comunidades e gerir os projetos que autenticam o serviço da autoridade.

Após a inscrição, criou-se o grupo no WhatsApp e os participantes puderam, através de pequenos textos ou vídeos, se apresentarem do lugar onde se encontravam, dizer as suas expectativas, facilitando assim a interação e a otimização do tempo que é superior aos espaços. As expectativas, não de receitas prontas, mas de partilhas e contribuições nascidas das dores e alegrias de conviver, coincidiam com o objetivo de conversar sobre relações e construir um estilo de Vida Religiosa Consagrada sinodal desde as pequenas atitudes que nos aproximam, que nos permitem fazer acontecer e prevalecer a unidade na diversidade.

## Desenvolvendo a oficina

A oficina inicia com uma breve apresentação das pessoas presentes seguida de um momento orante que nos situa na relação de Jesus com as inúmeras pessoas com as quais se relaciona no evangelho. Seu olhar, seu agir, seus gestos e falas. São homens e mulheres, nas mais variadas situações e experiências. Pecadores, doentes, amigos, inimigos, crianças e seguidores/as. Como Jesus se vincula com cada pessoa? Como são as relações humanizadoras e sinodais em Jesus?

A seguir, propomos uma dinâmica de construção de uma casa em cinco duplas, enquanto a maior parte das pessoas participantes observa as formas de trabalhar e as diferentes atitudes na tarefa conjunta. Logo mais, se recolhem as impressões sobre as posturas e dinâmicas espontâneas que aparecem para resolver o desafio da construção a dois.

A dinâmica dá pistas para a reflexão, mostrando as posturas para estabelecer vínculos e tarefas em comum, tanto nos aspectos positivos quanto nas atitudes que não favorecem uma dinâmica de escuta, participação e valorização das diferentes sensibilidades.

A partir das observações, vamos evidenciando a necessidade de cultivar na vida comunitária o cuidado, o diálogo, a escuta qualificada, a empatia.

## Iluminação da temática

Os três conceitos chave para aprofundar a temática foram: resiliência, poder e sinodalidade.

As facilitadoras valorizaram a entrega de cada Irmão e Irmã na inteireza da presença/participação e ressaltaram a importância da amizade, da autonomia, do fortalecimento dos vínculos afetivos saudáveis, da comunicação não

violenta e do exercício do poder que nutrem os ideais, os desejos que fazem a vida valer a pena. A comunicação livre dos preconceitos e julgamentos é condição para a maturidade psicoespiritual.

A sinodalidade é construída na corresponsabilidade, na efetiva participação nos planejamentos e processos decisórios, nas relações pessoais e estruturas organizacionais mais humanas e humanizadoras, a exemplo de Jesus Cristo e das primeiras comunidades cristãs.

Na dinâmica organizacional os aspectos técnicos, práticos e cognitivos são importantes, sem, contudo, deixar de lado a humanidade, a emoção, o afeto. A nossa presença pode ser mais fraterna, inclusiva, generativa. O que a nossa aproximação desperta no outro?

Na sinodalidade, somos capazes de reconhecer que todas e todos temos sonhos, sensibilidades (desejos e dores), expectativas e dificuldades diferentes e, na escuta e acolhida mútua, buscamos nos compreender, respeitar e apoiar.

Como lidamos, pessoal e comunitariamente, com nosso lado vulnerável, fraco ou ferido? As relações fraternas saudáveis acontecem quando, de fato, confiarmos uns nos outros, nas outras, sem temor a mostrar e pedir ajuda nas nossas limitações.

O apoio mútuo num clima de confiança fortalece a resiliência para enfrentar as adversidades pessoais, comunitárias, e na missão. O medo e a desconfiança no convívio diário viciam os vínculos e obstaculizam o ambiente saudável e bem-estar fraterno-sororal.

A demonstração de empatia, compaixão e cuidado são remédios para as feridas profundas do nosso tempo. Pois, nos salvam da indiferença, geram proximidade e consolidam a confiança que é a base para a superação e a esperança.

Foi relevante um exemplo que mostrou a eficácia da comunicação quando há intencionalidade para acolher, escutar, compreender e amenizar o sofrimento de uma pessoa. A situação aconteceu numa comunidade internacional. Uma irmã que só falava filipino, chega sofrendo e chora tentando se explicar com um dicionário em inglês. Após tentativas de diálogo quase impossível, a irmã brasileira decide sugerir-lhe que partilhe na sua língua. Que desafio! Durante uma hora a escuta, a acolhe, e por vezes a abraça para aliviar a sua dor, sem entender nenhuma palavra. No dia seguinte, a irmã filipina agradeceu por ter se sentido compreendida e aliviada em sua dor.

## **Partilha de experiências desafiadoras e bem-sucedidas**

Com esta provocação os participantes da oficina foram convidados a partilhar em grupos experiências difíceis, mas que foram bem-sucedidas, em realidades desafiadoras da vida comunitária ou da missão; escolher uma experiência para trazer ao plenário ressaltando a “chave”, dos elementos que facilitaram o resultado positivo, a eficácia do exercício de ressignificação da relação.

Ousamos transcrever algumas experiências (testemunhos) apresentadas em plenário e autorizadas à publicação.

### ***O força transformadora do bilhete que ressignificou as relações***

Duas pessoas com a o coração ferido se afastaram por um período significativo. Sempre que estavam no mesmo ambiente, o clima era tenso, pesado e quase não conversavam. Um certo dia uma dessas irmãs foi convidada para escrever um artigo sobre a Campanha da Fraternidade 2024 para uma revista religiosa. O título do artigo foi inspirado no Bilhete lido por Pedro Casaldáliga na Assembleia dos Bispos para uma maior expansão da CF nas Dioceses do

Brasil. O Título do artigo foi: “O Bilhete da transformação”. As sementes foram lançadas...

Voltando na relação ferida dessas duas Irmãs, recorro o momento de um Encontro formativo em que ambas participaram e ainda não se falavam. O clima continuava tenso. De acordo com a dinâmica do encontro, no final, a assessora motivou que todas as pessoas escrevessem um bilhete para as irmãs que ali estavam.

Para surpresa de uma dessas Irmãs, ao ler o bilhete havia um recado pontuando: “...algo aconteceu e rompeu os laços entre nós. Que tal reatar os laços?”

Após um período de quaresma, ressurreição, chega um convite para uma peregrinação (romaria das CEBs) onde aconteceu a conversa esperada, o entrelaçamento da relação que fortaleceu os vínculos e reaproximou os corações.

O bilhete teve uma força de transformação e isso foi sentido na partilha feita desta vivência de reaproximação das pessoas na Oficina da Ressignificação das relações em vista de uma VRC sinodal. O sentimento é de gratidão. As lágrimas, manifestação das vidas transformadas e laços reatados da comunhão.

Bendito seja Deus pela inspiração que renova a vida de todos os que se mantém na abertura e, na humildade, vivem o perdão.

## **O conflito, o cinema e o sorvete**

Uma situação de discursão criou em nós um clima tenso, de silêncio (fechamento), de indisposição. Nem rezávamos juntos. Creio que um irmão esperava que o outro pedisse perdão. Mas isso significaria que quem pedisse perdão estava assumido a culpa do erro. De um irmão e sem grande pretensão surgiu a ideia e o convite: ‘vamos ao cinema? E depois... vamos tomar um sorvete? ‘ Convite aceito. E o filme? Nem nos lembramos qual foi! Lembramos, sim, que depois começamos a rir e a amizade voltou muito mais tranquila e leve.

### ***A soma dos Carismas, de recursos e de sonhos nos permite ir mais longe***

A equipe itinerante nasceu em Manaus, com os Jesuítas e, logo se juntaram outras Congregações como resposta aos desejos de missão na Amazônia, com sua grandeza geográfica, diversidade de povos e culturas. Lá tudo é grande: as distancias, os custos, os problemas, etc. As Congregações que historicamente atendiam diversas regiões sozinhas, a seu modo, já não conseguem responder aos crescentes desafios.

A proposta da equipe é Intercongregacional, interinstitucional e itinerante. A soma de carismas, de pessoas e recursos possibilita que se chegue mais longe. Cada pessoa enviada por uma congregação ou instituição, é mantida com dois salários-mínimos mensais. Sendo 80% para a missão e 20% para a missão. Tudo é colocado na caixa comum e todos usam corresponsavelmente. A vida comunitária é formada por irmãs, padres e leigos que vivem em casa pequenas e simples como a do povo.

### ***Dar o tempo necessário para a mudança de mentalidade***

No processo de integração das duas províncias tivemos dois anos de preparação de encontro, partilha, escuta, oração, experiência de discernimento que se concluiu com assembleia provincial. Constituída a nova Província do Brasil reconfiguramos o organograma da seguinte forma:

- Quatro regiões apostólicas - dinamizada pelas conselheiras provinciais;
- A experiência de uma superiora dinamizando, animando duas comunidades.

Enfrentamos os desafios no que concerne a nova configuração, sobretudo a experiência de uma

superiora animar duas comunidades. Sendo assim, o governo provincial reconsiderou a realidade de resistência das irmãs, respeitando o tempo para mudança de mentalidade e voltamos ao modelo anterior com as três comunidades. No entanto, não perdemos o foco e retomamos a experiência depois de um tempo.

Temos a grata constatação de que hoje contemplamos uma superiora animando três comunidades.

### ***O silêncio necessário***

Uma situação no Conselho Geral em que uma conselheira foi contra a realização do Capítulo Geral por causa da COVID 19, uma vez combinada.

No último conselho do sexênio ela queria mudar a data. A geral resolveu seguir com a programação, a Irmã gritou, saiu e bateu a porta. Todas silenciaram e esperaram a Irmã retornar mais tranquila. O capítulo aconteceu e foi uma benção.

### ***Do autoritarismo à busca de unidade. Cenário modificado***

Em uma comunidade a convivência se tornou muito difícil porque alguns membros assumiram atitudes de autoritarismo com

resistência a qualquer mudança. Aos poucos, a passagem do autoritarismo à atitudes de partilha das decisões e realidades fraternas fez com que o cenário fosse se modificando. A busca de unidade nas decisões e a perseverança tornaram o ambiente fraterno mais leve e participativo.

### ***O aprendizado do cuidado na Vida Comunitária Intercongregacional***

Foi bem-sucedida a experiência que vivi na comunidade Intercongregacional da CRB Nacional. Éramos 8 irmãs de diferentes Congregações e no auge das nossas atividades fomos surpreendidas pela pandemia, então tivemos que nos reinventar. Naquele período vivemos intensamente momentos de partilha, cuidado e oração. Cada uma que ali estava se desdobrava para cuidar e atender as necessidades umas das outras. Isto era feito de forma alegre, doada e intensa, sem medida. Com muito amor e generosidade.

Esta experiência me ajuda na missão que estou no momento, pois atualmente vivo o desafio de estar a serviço de uma comunidade de idosas, onde esta experiência de partilha e cuidado vividos me ajudam a ressignificar e viver cada desafio que vai surgindo.



Ainda hoje a lembrança saudosa de cada Irmã com as quais convivi me impulsionam a viver com alegria, com flexibilidade, confiança. Levarei esta experiência por toda a minha vida.

## Considerações finais

Nos trabalhos de grupo foram partilhadas, também, algumas atitudes que têm contribuído na construção de relações comunitárias humanizadoras, saudáveis e sinodais.

A modo de partilha, trazemos alguns ecos que ficaram ressoando na fala das pessoas participantes.

O diálogo abre caminhos...

A ternura, a humildade e suavidade de “um bilhete” entre Irmãs distantes, convidando para reatar laços rompidos, reaproximou corações feridos. O processo de abertura e conversão resultou na atitude de perdão e o sentimento é de muita gratidão. As lágrimas derramadas, manifestação das vidas transformadas e da comunhão reatada.

Na confiança, as relações são sadias.

É significativa a iniciativa despretensiosa de um irmão diante de uma comunidade que vive a tensão de um desentendimento

não conversado. O desafio para ir juntos ao cinema foi aceito, na sequência o sorvete que faz parte. O filme, eles nem se lembram! As risadas são recordadas e, na leveza, as resistências são quebradas, a comunicação e fraternidade ressignificadas.

A fraternidade se constrói nas pequenas atitudes...

O silêncio diante de um grito, desarma.

O tempo da escuta para mudança de mentalidade aponta horizontes

A soma de força na intercongregacionalidade é fonte de esperança. Juntos vamos mais longe.

A unidade prevalece sobre os conflitos

O amor na forma de cuidado, CURA, RESSIGNIFICA e fortalece a SINODALIDADE como estilo de VIDA

Nem sempre é preciso grandes coisas. As experiências partilhadas mostram que a fraternidade e a sinodalidade se constroem nas pequenas, oportunas e significativas atitudes e gestos do dia a dia.

Com entusiasmo encerrou-se a oficina com uma grande ciranda de mãos dadas e fortes expressões de apreciação de toda dinâmica usada, pela intensidade do envolvimento dos participantes e pelas partilhas de experiências,



de transformações e reconquistas de relações através de criativas estratégias sinodais simples e cotidianas, porém muito poderosas.

Continuamos a caminho aprendendo juntas e juntos acreditando que um diferencial da Vida Consagrada é o chamado a ser – como diz Ir. Gloria Liliana Franco – a ‘profecia do comunitário’.

Eis o nosso desafio!

*Caminante no hay camino, se hace  
camino al andar.*

(Antônio Machado)



**CRB NACIONAL**  
Conferência dos Religiosos do Brasil

**BEM VIVER**

PARA

**BEM ENVELHECER**

**II ENCONTRO SOBRE  
VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA E ENVELHECIMENTO**

**São Gonçalo, RJ  
De 11 a 16 de maio de 2025**

**Informações e inscrição:**

**<https://formacaocontinuada.crbnacional.org.br/vrc-e-envelhecimento/>**

**Contato:**

**Email: [formacao@crbnacional.org.br](mailto:formacao@crbnacional.org.br)**

**Telefone/Whatsapp: 61 98471 0242**

# ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS.

## A revista

A Revista *Convergência* é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as.

Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. É desejável que sejam textos inéditos. Caso já tenham sido publicados de forma física ou virtual, pede-se seja informado à redação para avaliação.

Aceitam-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

## Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema **autor/data** (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, *Paróquia: comunidade de comunidades*, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

*Citações diretas* com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são mantidas no parágrafo e colocadas entre aspas.

Depois da Conclusão são propostas duas ou três questões que motivem os leitores a um diálogo comunitário sobre o texto.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

## Modelos de Referências:

*Referências de livros:* SILVEIRA, João Antônio. **Felicidade infeliz**. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

*Capítulo de livro:* PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. **Pensamentos e sentimentos**. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

*Referências de artigos de periódicos:* ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: **Convergência**, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

*Referências em meios eletrônicos:* FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica

sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html) Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

**Resumo:** Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

**Identificação do autor:** Nome completo; Instituição religiosa a que pertence (quando for o caso); formação acadêmica; atividade desenvolvida no momento; endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

**Direitos de autor:** Ao enviar o texto para publicação, o/a autor/a está ciente de estar cedendo todo e qualquer direito sobre o texto à CRB Nacional, organização religiosa, inscrita no CNPJ sob o nº. 33.460.940/0001-12, situada na SDS, Bloco H, nº. 26, Sala 507, Edifício Venâncio II, CEP 70.393/000.

**E-mail para envio dos artigos:** [publicacoes@crbnacional.org.br](mailto:publicacoes@crbnacional.org.br)















CONFÉRIANÇA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)  
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL  
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE  
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA

## ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: [convergencia@crbnacional.org](mailto:convergencia@crbnacional.org)  
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Nome completo: .....

Congregação: .....

Endereço: .....

CEP (código postal): ..... Cidade: ..... UF: ..... País: .....

Nova assinatura ( ) Renovação ( )

Telefone: ( ) ..... E-mail: .....

Forma de pagamento:

Efetivo ( ) Depósito Bancário ( ) Agência: ..... C/C: .....

### Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)).